

REVISTA DA SEMANA

N. 15 13-4-57 Cr\$ 8,00 em todo o Brasil

Revolução Na Imprensa
Carioca



História
Verdadeira
E Secreta
Do "Oscar"

O MAIS FAMOSO BEBÊ DO MUNDO



◆ Seu nome: Carolina Luiza Margarida, e já nasceu princesa. Pesa 3 quilos e 700 gramas, tem olhos azuis, cabelos castanhos escuros e 70 dias de vida. Seus pais: Grace de Mônaco e Rainier. 4 babás à sua disposição, um povo para adorá-la e um castelo inteiro para brincar. Mas como é muito modesta e pouco exigente (por enquanto), se satisfaz com um berço e umas mamadeiras de vez em quando

A
DI
He
CO
Au
Co
tur
Al
Th

◆
219
Elv
O
O
Co
Fla
Ch

◆
For

Por
Sei
Reg
Sei

Reg
Sei

Tód
O d
está
pela
não

Dire
Dire
Dire
Che
Pag
Fot
Des
Lab
Red

Red
22-56

Na A
434
aven
No
Mont
telef

◆ No
cantor
report

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

219 deputados votaram	4/7
Elvis Presley copiou-me	22/23
O segredo do sucesso	30/35
O fenômeno Lawrence	38/41
Com a revolução na imprensa	44/47
Fleitas Solich	54/55
Chapéus, curvas e muitos jornalistas	56/59

HUMORISMO

Fortuna 52/53

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Paginação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



◆ NOSSA CAPA — Dóris Monteiro, menina mimada, cantora por acaso, sucesso da música popular. Ver reportagem às páginas 30/35 com fotos especiais e exclusivas de Alberto Ferreira.

GRAVÍSSIMO PROBLEMA

★ O que não falta à nossa vida de cidadãos cariocas, de moradores enamorados por esta belíssima terra, são os problemas; há mesmo demasiado número deles; tantos, que se uma criatura resolvesse pensar apenas nêles, acabaria com certeza doida. Frases acompanhando nossas vidas e decorrentes desses problemas, passam de geração à geração, sem modificar a forma e o conteúdo; uma delas, por exemplo, é esta: «O Brasil está a beira de um abismo». Felizmente, para todos nós, até agora continuamos apenas na beira, sem que o abismo possa tragar-nos para sempre.

Mas se todos os problemas do carioca são graves, nenhum é maior do que esse do transporte. Falou-se muito na célebre «Operação Copacabana», houve grande reboliço entre os proprietários dos lotações apavorados de perder seus grandes lucros, fizeram mesas redondas para discutir a operação, o Prefeito falou muito sobre ela, todos os jornais também e tudo caiu depois no silêncio, o grande silêncio anunciador de mortes. Enquanto isso está cada vez pior, mais perigoso e mesmo sórdido, o ir e vir de um cidadão em ônibus ou micro-ônibus superlotados, tão cheios, tão cheios que entre um e outro passageiro não caberia nem a ponta de um alfinete.

★ Meu depoimento pessoal é muito triste a respeito do tráfego. Fico minutos, horas, parada na esquina de minha casa em Copacabana querendo ir para a cidade. Não adianta a mão que levanto porque ela deve baixar imediatamente; todos os lotações passam lotados. E a volta? A volta é que liquida com qualquer paciência e insulta, ofende, oprime qualquer dignidade. Volto de ônibus e seja qual for a hora, venho para casa como um triste farrapo humano, como um pedaço de papel rasgado. Sou pisada, espremida, apertada, não tenho onde colocar as mãos ou a mão para equilibrar-me porque os varais de ferro destinados a segurar nossos corpos estão cheios de outras, muitas outras mãos. Mas, mesmo assim, o grito do trocador se faz ouvir em todas as paradas: «Copacabana-Túnel Novo» e mais gente entra, mais gente sempre, sem nenhum respeito pelo número de passageiros já existentes, sem levar em consideração que para aquele veículo a Prefeitura licenciou o carro com um número certo: vinte, vinte e seis passageiros.

★ Considero o problema de transporte nesta cidade um problema gravíssimo. Por que não sai a «Operação Copacabana»? o poder dos proprietários de lotações foi maior do que a obrigação que tem o governo municipal em bem servir à população de uma cidade cada vez mais povoada, com uma população que cresce em cada dia? Se a «Operação Copacabana» morreu antes de nascer, por que a Prefeitura não realiza uma séria fiscalização contra o excesso de passageiros nos ônibus e micros, excesso que além da promiscuidade, do desconforto, constitui um perigo diário, quotidiano perigo, nossas vidas sendo jogadas como se nada valessem. Onde andam os planos do «Metrô»? Quando vai o governo pensar seriamente no pedestre carioca, esse que não tem dinheiro para possuir um automóvel e que está vivendo uma vida cada vez mais difícil pela falta de transporte, pela inconsciência dos motoristas, pela ganância dos proprietários de lotações, ônibus e micros? Uma coisa garanto: todos os dias, voltando do trabalho, passageira diária desses monstros que se chamam condução, quando entro em casa, esmagada, abatida da viagem, só penso numa frase: felizmente não morri.

Até quando poderei dizer assim?

ENEIDA



Filinto Müller e Vieira de Melo. O líder do Senado trabalhou exaustivamente contra o projeto tentando aprovar o veto. Mas o sr. Vieira de Melo visivelmente se desinteressou da questão, e abandonou mesmo o plenário. Só voltou na hora da apuração quando estava tudo consumado. Dois líderes, duas atitudes inteiramente diferentes

P
APR
OS
HIST
MAI
MEN
DE M
CER
MAJ

Mauro Braga escreve:

219 DEPUTADOS VOTARAM PELA LIQUIDAÇÃO DA CÂMARA

APROVADO O PROJETO IMORAL DOS AUTOMÓVEIS PARA OS PARLAMENTARES — TUDO O QUE ACONTECEU NA HISTÓRICA SESSÃO — INSINCERIDADE DOS PARTIDOS DA MAIORIA — COMPARECIMENTO RECORDE: 326 PARLAMENTARES — A EUFORIA SUSPEITA DE TALARICO, VIEIRA DE MELO, SOUTO MAIOR, VALOIS, ÚLTIMO DE CARVALHO, CERDEIRA E DE MUITOS OUTROS MEMBROS DOS PARTIDOS MAJORITÁRIOS — TUMULTO NA APURAÇÃO E A DÚVIDA

QUE NINGUÉM CONSEGUIRÁ DESFAZER: O RESULTADO APREGOADO FOI REALMENTE O APURADO OU HOVE DESCUIDO OU MESMO MÁ FÉ NA APURAÇÃO? — AFINAL A DIFERENÇA VERIFICADA (APENAS 1 VOTO) PERMITE QUALQUER SUSPEITA — POUCOS SENADORES PRESENTES — NINGUÉM DUVIDE: A PROLONGAÇÃO DOS MANDATOS SERÁ APROVADA POR ESMAGADORA MAIORIA

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Arnaldo Cerdeira. Autor intelectual do projeto imoral e seu cabo eleitoral mais renitente. Milionaríssimo, tem duas «cadillacs» e patrocinou o projeto apenas para afrontar a opinião pública

O CONGRESSO APROVOU FINAL M



José Gomes Talarico. Suplente em exercício e um dos «cabaladores» mais entusiastas contra o veto. Como sempre sujo e barbado. Autor de desfalques sem conta no Ministério do Trabalho, seu voto era conhecido

A sessão do dia 2 de abril (a noite) começou sob intenso nervosismo. Já na sessão da tarde os ânimos andaram meio esquentados, e os srs. Carlos Lacerda e Ari Pitombo trocaram desatouros e palavras não muito parlamentares. As 21 horas, (em ponto), o sr. Apolônio Sales deu início aos trabalhos. O plenário, então, quase cheio, permitia que se previsse um recorde no comparecimento.

Algumas questões de ordem levaram 35 minutos, enquanto o recinto se enchia completamente. Deputados e Senadores que só aparecem no dia do pagamento, eram vistos no plenário, como a demonstrar aos mais céticos que a questão era mesmo importante.

As 21 e 35 sobe à tribuna o sr. Bilac Pinto. Faz uma exposição primorosa, fala com entusiasmo, clareza e conhecimento do assunto. Ao descer da tribuna às 21 e 42, afirmou que votaria a favor do veto, contra o projeto que «iria criar um privilégio odioso para deputados e senadores».



Bilac Pinto. Fêz um bom discurso, inflamado, corajoso e lógico. Advogou a aprovação do seu projeto tornando livre a importação de automóveis. Mas votou contra o projeto imoral por considerá-lo um privilégio



Sérgio de Magalhães. Fêz o melhor discurso da noite e foi também o deputado mais aplaudido. Mostrou que conhece o assunto e que estava com a boa causa. E por causa disso foi derrotado de princípio ao fim



João Machado. Num discurso meio engrolado e sem muita base declarou que votaria contra o projeto e a favor do veto. Mas a história deve ter sido contada de outra maneira. Dizem que votou a favor do projeto

As 21 e 43 entra no plenário o sr. Arnaldo Cerdeira, montado como sempre num charuto caro e de bom cheiro. Começa uma cabala desenfreada correndo as bancadas de ponta a ponta. Parece satisfeito.

Vieira e Benedito Valadares conversam ao lado da bancada de imprensa. Vieira diz que «é impossível liderar o PSD e o PTB». Valadares move a cabeça para os dois lados como a querer dizer que a deficiência deve ser do líder.

As 21 e 45 o sr. Felix Valois (general da praça e que à tarde comparecera fardado) dorme a sono sóto em plena Mesa, na cadeira ao lado do presidente Apolônio Sales. O presidente manda um outro deputado acordá-lo.

Carlos Lacerda conversa com os senadores Rui Palmeira e Auro Moura Andrade sobre a sua propalada traição. Tranquilo o líder udenista.

O suplente José Gomes Talarico (como sempre sujo, barbado e com um palito entre os dentes) cabala contra o veto. É natural. Que mais se poderia esperar dele?

As 21 e 50 Caponema olha pela terceira vez seguida para o relógio e faz um sinal para Filinto Müller que está ao lado de Apolônio.

As 21 e 52 o sr. João Machado começa a falar. **Se** declara a favor do veto. É apertado pelo famoso João Fico (também conhecido como «couro curto»), que veio correndo do fundo do plenário. Todo mundo ri.

Carlos Lacerda (contra Chateaubriand para Londres), e Vilasboas (a favor) conversam amistosamente.

Augusto Viana diz ao repórter que votará a favor do veto na questão dos automóveis.

Pessa Neiva Moreira e diz que «no ambiente é visível a euforia cívica».

As 22 horas fala Carlos Lacerda. Discurso límpido, bem feito, palavra firme e clara. Diz que a UDN votará em massa contra o projeto imoral e a favor do veto. «A rejeição do veto degradaria o Congresso», afirma. As 22 e 11 desce da tribuna e recebe algumas palmas.

As 22 e 12 começa a falar Alberto Tórres. Como sempre se exalta e não diz nada. A única coisa que se entende da sua algaravia é que está contra o projeto e a favor do veto. A mesma coisa que o seu líder, Carlos Lacerda, afirmou minutos antes. Tempo perdido à-toa.

Filinto Müller se movimenta incessantemente. O líder do PSD no Senado trabalhou ativamente a favor do veto, ao contrário do sr. Vieira de Melo que só apareceu no plenário na hora da apuração.

As 22 e 18 começou a falar o sr. Felix Valois. Deu a impressão (e seu hálito o confirmava) de não estar em estado normal. Tocou ligeira-

Ari P
incon
veto.
mostr

AL MENTE O PROJETO IMORAL

mente no assunto e investiu furiosamente contra o sr. Juraci Magalhães. Advertido pela Mesa, continuou. Nova advertência e continuando a desobediência, o sr. Apolônio calçou a campainha e só parou quando o sr. Valois desceu da tribuna. Mas durante dois minutos (mesmo com a campainha tocando estridentemente), o sr. Valois não parou com os insultos. Chamou o sr. Juraci de «leviano, desonesto, caluniador, difamador», etc. Estava já então, inteiramente fora de si, possesso mesmo, espumando e gesticulando furiosamente. Parecia até a raiva de um homem de bem.

As 22 e 35 começa a falar o sr. Guilhermino de Oliveira. Antes que ele diga a primeira frase já o sr. Arruda Câmara pede o encerramento da discussão. Guilhermino se declara também a favor do veto (todos que passaram pela tribuna disseram a mesma coisa), e termina de falar às 22 e 49.

Impaciência no plenário. Gritos de todos os lados. «Queremos votar». «Chega de palavreado». «Votos». «Votos».

As 22 e 51 fala Sérgio de Magalhães, fazendo o melhor discurso da noite. Foi também o mais aplaudido.

As 22 e 54, encerrada a discussão, é iniciada a votação. «Do norte para o sul», como explicou o sr. presidente.

Encerrada a votação. Vai se proceder a apuração. Votaram 326 congressistas de um total de 389. Recorde absoluto.

As 24 horas e 5 minutos (já é dia 3) termina a apuração. O veto foi derrubado por 1 voto. Começa então a confusão. A Mesa se atrapalha toda, o sr. Apolônio Sales revela extraordinária incapacidade para presidir Assembléias e um total desconhecimento da língua portuguesa. Sua fala é difícil, os verbos e os pronomes brigam furiosamente entre si, não consegue dominar as palavras, tornando infalível a pergunta: como teria o sr. Apolônio conseguido subir tanto? Talvez que a chave de seu sucesso esteja na feiúra.

As 24 e 45 a confusão é total. Os deputados que votaram contra o veto (e que já comemoravam indecentemente no próprio recinto da Câmara) começaram a ficar apreensivos. Destaca-se então o cinismo, a ousadia e a falta de pudor de Talarico, Cerdeira, Último de Carvalho e Souto Maior, que fazem verdadeiros comícios contra a demora da Mesa em anunciar o resultado. O espetáculo é realmente degradante e revoltante. Um bôlo de deputados em cima do sr. Apolônio, a fazer sinais de vitória para o plenário, a expandir ruidosamente a sua alegria. Finalmente à 1 e 5 da manhã (depois de questões de ordens de Sérgio Magalhães e Carlos Lacerda, respondidas no português tatibitate e engrolado do sr. Apolônio Sales), o resultado é anunciado definitivamente: a favor do veto, 107 deputados contados os 6 em branco (com 108 o veto estaria mantido); contra o veto, 219 deputados (com 218 o projeto estaria derrotado). Imediatamente (entre vivas e aclamações) a sessão é encerrada.

Houve insinceridade dos Partidos ou falência total das lideranças, ou até mesmo as duas coisas. Vieira de Melo (PSD), Batista Ramos (PTB), Carlos Lacerda (UDN) e Nestor Duarte (PL) se manifestaram contra o



Carlos Lacerda. Falou apenas 8 minutos. Mas disse tudo quanto devia ser dito. Recomendou à sua bancada que votasse a favor do veto, pois rejeitado este, o Congresso estaria degradado. Foi o que aconteceu

projeto e a favor do veto. De onde eram portanto os 219 congressistas que desobedeceram aos seus líderes? Pertenceriam a um outro congresso qualquer e teriam entrado no Palácio Tiradentes por engano?

Segundo técnicos nas votações desse Parlamento que aí está, apenas 32 deputados do PSD teriam votado a favor do veto. A UDN e o PL teriam honrado a palavra de seus líderes (talvez com 6 votos discordantes), enquanto o PTB teria votado maciçamente contra o veto.

No final Leoberto Leal botava a culpa do fracasso em Oliveira Brito, este passava a culpa para Vieira de Melo e assim por diante.

Ninguém se iluda. Com votação secreta a prorrogação dos mandatos será aprovada por maioria esmagadora. E não foi por outra coisa que o sr. Antônio Horácio saiu da Câmara na madrugada do dia 3, eufórico e satisfeito, falando sozinho de tão contente que estava.



Ari Pitombo, um dos deputados mais imorais e incompetentes. Cabalou furiosamente contra o veto. Vejam na foto como ele (acintosamente) mostra seu voto a favor do projeto imoral dos «cadillacs»



Guilhermino de Oliveira (como todos que passaram pela tribuna) se manifestou contra o projeto e a favor do veto. Mas se todos eram a favor do veto, de onde teriam vindo os 219 votos que o derrubaram?



Felix Valois, general da praia, à tarde comparecera fardado, prometendo um «show» para a noite. E realizou-o. Insultou o sr. Juraci Magalhães. Mas seu hálito demonstrava que não estava em estado normal



ANTOS

200

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

das 4,30
às 24,00 hrs.
cada 8 minutos

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

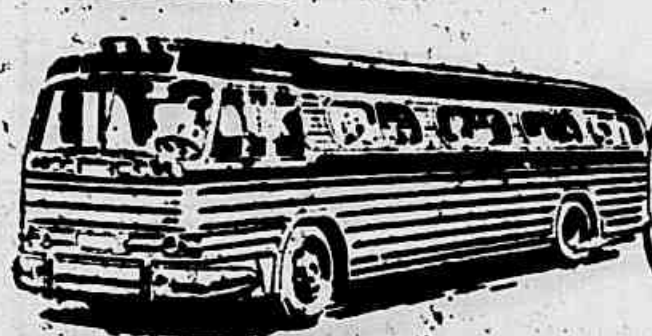
Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395
Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393
Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402
Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)
Av. Presidente Wilson, 185 - Fone 4-4090 (José Menino)
Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)
Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)
Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-2

FALANDO AO LEITOR

As duas primeiras cartas identificando as poesias que publicamos: Sr. Daniel Tavares, do Engenho de Dentro diz que o autor é Carlos Drumond de Andrade. Já o sr. Marcus Carneiro, da Av. N. S. de Copacabana acha que «o estilo inconfundível do sr. Augusto Frederico Schmidt está visível no poema intitulado Imaculada Conceição.» Continuem mandando as sugestões sobre o autor dos poemas publicados no nº 14 da REVISTA DA SEMANA. Esperaremos até o dia 1º de maio.

O autor da capa do número 13 da REVISTA DA SEMANA foi Wilson Lopes e não Wilson Santos como por engano saiu publicado.

Os srs. José Bonifácio Cavalcânti, Artur Ribas Moreira e Carlos Morgado enviam calorosas saudações a nova REVISTA DA SEMANA e fazem votos para que ela se mantenha nessa linha «de dinamismo, coragem e exemplar espírito público.» Gratos.

A sra. Sanra Martins (Paraná, 78 anos segundo confessa) se considera a admiradora nº 1 da REVISTA DA SEMANA. Estamos orgulhosos da preferência e faremos tudo para mantê-la.

O sr. Ernesto Devisane pergunta se é verdade que será fundado um Partido Nacionalista. Há alguns movimentos. Mas não há nada de certo, sr. Ernesto. As sondagens prosseguem, mas é provável que não progridam. De qualquer maneira parece que surgirá um novo Partido.

Roberto Magalhães, escreve de Pernambuco para pedir uma reportagem contra o Governo Cordeiro de Farias: «uma calamidade para o nosso querido Estado.» Estudaremos a questão.

De São Paulo, o sr. Nelson Carvalho escreve para perguntar se «a REVISTA DA SEMANA é ademarista ou janista». Nem uma coisa nem outra, sr. Nelson. Somos apenas jornalistas e tratamos de todos os assuntos que tenham algum interesse público. Se o sr. é colecionador da revista (como afirma na carta), consulte os números atrasados e veja que não temos preferências em qualquer assunto. As nossas posições são sempre ditadas pelo que consideramos o espírito público, e o interesse da coletividade.



O governador Miguel Couto Filho, no momento em que discursava na Assembléia Legislativa

"Trabalhar em bem do povo, com objetividade e sem preocupações fantasiosas"

O GOVERNADOR MIGUEL COUTO FILHO, EM MENSAGEM À ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, ENUMERA OS VÁRIOS SERVIÇOS DE SUA ADMINISTRAÇÃO — AUMENTO DE RECEITA, SEM NOVOS IMPOSTOS E MUITAS OBRAS PÚBLICAS

♦ O sr. Miguel Couto Filho, governador do Estado do Rio de Janeiro, vem de prestar contas de sua administração ao povo fluminense, por intermédio da Assembléia, que inaugurou uma nova legislatura.

Na oportunidade mostrou como pôde conseguir a estabilidade financeira, sem aumento ou criação de impostos, o que resultou num apreciável crescimento da receita que se elevou de 1 bilhão e 360 milhões para 3 bilhões e 450 milhões. Depois de numerosas considerações, disse o chefe do governo fluminense:

— «Vários problemas afligiam as nossas populações e tivemos que enfrentá-los para uma rápida solução, de modo a atender às necessidades de quantos confiaram numa providência do governo. Daí, em nossa primeira mensagem, a essa egrégia Assembléia Legislativa, acentuarmos que houve firme disposição de nossa parte em trabalhar em bem do povo, com objetividade e sem preocupações fantasiosas.

Entre os problemas que mais se impunham ao interesse e cuidado do governo, sobressaíram os pertinentes às finanças públicas; ao sistema rodoviário; ao saneamento dos centros urbanos do interior; e também os de educação e assistência aos homens do campo; do amparo ao servidor público e ao magistério; de proteção e defesa das riquezas naturais e das fontes de produção.

Fala, em seguida, sobre a realização de obra e empreendimentos, para dizer que «nesse biênio de trabalho, o principal objetivo do governo foi agir de modo constante e ininterrupto, nesses setores importantes da administração; com o fim de possibilitar a tranquilidade, a segurança e o bem-estar geral, como outrossim o progresso econômico e social do Estado do Rio de Janeiro.»

Declarando que os resultados alcançados podem ser considerados auspiciosos, esclarece o governador Miguel Couto Filho, enunciando cifras, que a primeira e mais árdua tarefa vencida foi a de eliminar os índices alarmantes de instabilidade financeira e consolidação do crédito público. Só então o governo conseguiu desviar seu esforço e empenho na recuperação e equilíbrio orçamentário, para melhor intensificação do serviço administrativo.

Dêste modo podia afirmar, sem temor nem vacilações, que o Estado do Rio de Janeiro cresceu em todos os ângulos de sua evolução.

Eis como apresenta, no Plano financeiro, essa linha de crescimento da receita orçamentária, sem aumentos ou criação de impostos:

1954 —	Cr\$ 1.360.000.000,00
1955 —	Cr\$ 1.599.771.000,00
1956 —	Cr\$ 2.168.834.000,00
1957 —	Cr\$ 3.450.000.000,00

Idêntico crescimento verificou-se em relação ao total da receita dos 59 municípios fluminenses, como se conclui pelo quadro seguinte:

1954 —	Cr\$ 495.746.827,00
1955 —	Cr\$ 611.111.537,00
1956 —	Cr\$ 823.566.487,00

No plano dos investimentos, a linha de ascensão dos principais serviços públicos assim se define, em milhões de cruzeiros:

	1954	1957
Educação	182	528
Saúde	148	319
Obras Públicas	440	876
Agricultura	72	156
Segur. Pública	92	187
Justiça	45	83

EU SEI TUDO DE ABRIL



SEU FILHO
PODERÁ SER
UM GÊNIO



A BATALHA
DOS FUMANTES



CONSEGUIRÁ
A RÚSSIA
DESCONGELAR
O ARTIGO?



OS FOGUETES
TELEGUIADOS
TORNARÃO
AS GUERRAS
IMPOSSÍVEIS



PREÇO CR\$ 10,00

Redação: Maranguape 15
Rio — Lapa

LITERATURA E ARTE

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

★ AS PUBLICAÇÕES culturais brasileiras, que sempre viveram de lemosas que são, atravessam presentemente dura crise. "Jornal de Letras" e "Para Todos" parecem ser as mais atingidas pela onda, a primeira lutando, principalmente, com dificuldades financeiras, e a outra, com uma distribuição deficiente, devida ao senhor Fernando Chinaglia. Uma e outra, todavia, hão de sem dúvida superar as dificuldades atuais. Afinal de contas, seria o cúmulo que nosso ambiente cultural, já tão murcho, se visse privado, ainda, de duas de suas melhores publicações.

CONVERSA COM

SALDANHA COELHO, FICCIONISTA

★ SALDANHA COELHO, contista (autor de «Mural» e de «O Pátio»), fundador de «Revista Branca», em 1948, e romancista («Memória de Inverno», 1956), é nome bastante conhecido entre os aficcionistas da atualidade. Jovem e incansável em suas atividades jornalísticas, funcionais e literárias, nos últimos tempos vem emprestando, à «Revista Branca», uma orientação segura, no sentido de propiciar o lançamento cada vez maior de livros, em sua maioria traduções ou antologias. Agora mesmo surgirá a antologia «Contistas Brasileiros», organizada por Saldanha Coelho, e com o auxílio do Instituto Nacional do Livro. Mas passemos ao questionário que elaboramos especialmente para o jovem escritor, e vejamos como respondeu êle ao mesmo:

1) Quando, e por que, começou a escrever?

— Em 1943 (livro de crônicas felizmente não publicado), mas não saberia dizer o porquê desse desejo de escrever. Talvez levado por uma circunstância alheia à minha vontade, da mesma maneira como fumei o primeiro cigarro. Depois viciiei-me e agora estou agüentando as consequências do vício.

2) Desde quando se dedica ao columnismo literário?

— Desde a 1ª vez que assinei a coluna literária do «Diário Carioca», em 1949. Posteriormente fundei com João Condé a «Tribuna das Letras», na «Tribuna da Imprensa». E há dois anos assino a coluna «Artes e Homens», na revista «Singra», que circula numa cadeia de 85 jornais de todo o país.

3) O columnismo não lhe atrapalha a criação literária?

— Roubando-me o tempo, sim. Mas de modo nenhum é prejudicial à minha inspiração ou ao meu estilo literário. Como faço trabalho de criação e não de pesquisa — sendo um ficcionista e não um historiador —, não me sinto prejudicado, portanto, por essa atividade tão simpática.

4) Quantos livros recebe, em média, por semana?

— De dez a quinze, mais ou menos.

5) Lê todos? Que faz com os já lidos?

— Não leio nem dez por cento dos livros que

recebo. E lidos ou não, encaminho-os todos à Biblioteca Júlio de Barros Barreto, no IPASE. Minhas doações no ano passado somaram cerca de seiscentos volumes. Acho que não poderia dar melhor destino aos livros que recebo, sobretudo porque mando encaderná-los para que se prolongue ainda mais a sua vida. Você já pensou o espaço de que eu deveria dispor para guardar todos os livros e publicações que me mandam, fazendo columnismo literário há oito anos?

6) É indulgente para com os estreantes?

— Quando têm pelo menos um sinal qualquer que indique o seu talento.

7) Que vantagens advêm do columnismo literário?

— O exercício da literatura e o contato com o que de atual existe nas letras.

8) Que acha dos artigos de Afrânio Coutinho concernentes à improvisação de nossa crítica literária?

— Meu amigo Afrânio Coutinho precisa mostrar na prática as idéias que defende teoricamente. Enquanto êle não fizer isto não será um exemplo a ser seguido, mas uma promessa vaga que ficará sempre posta em dúvida.

9) Se de acôrdo com Afrânio, que medidas se deveriam estabelecer, para mudar êsse estado de coisas?

— Teoricamente discordo de Afrânio Coutinho, bem como de um de seus mais entusiasmados discípulos, o meu velho amigo Bráulio do Nascimento. Não admito a crítica literária como ciência, a menos que admita a literatura apenas como um corpo físico (a língua), destituída de seus atributos imponderáveis (a emoção e a beleza).

10) Cite um «bluff» literário nacional: outro, estrangeiro.

— Ainda não «cai» em nenhum deles.

11) Quais suas grandes e perenes admirações em literatura, música, pintura?

— Em literatura, Thomas Hardy, Dostoiévsky, Tchekhov e Hemingway. Na música, Rachmaninoff, Tchaikowsky, Haydn e Bach. Na pintura, Goya, Renoir, Degas e Wlaminck.

12) A que atribuir o atual surto concretista?

— Ao descuido do zelador do salão de expo-

sições do Ministério da Educação, deixando que ao lado dos pintores (que afinal fazem uma experiência abstrata como outra qualquer) meia dúzia de rapazes desocupados, usando o santo nome da poesia em vão, pendurassem nas paredes os quebra-cabeças de seu ócio.

13) Cadê «Revista Branca»?

— Está no prelo da Imprensa Nacional. Isto basta para justificar seu atraso, não?

14) Fui um dos que fizeram ressalvas ao seu romance «Memória de Inverno»: como recebeu essas ressalvas?

— Recebi-as como sempre recebi as críticas feitas a meus livros — respeitosamente, e até mesmo com prazer. E sabe por quê? Seria muito monótono um livro que não suscitasse debates. Além do mais, é nas críticas restritivas que encontramos os ensinamentos e o estímulo à auto-crítica.

15) Quais seus planos literários para 1957?

— O lançamento de «Contistas Brasileiros», antologia de contos em quatro idiomas: português, inglês, francês e espanhol. O primeiro volume sairá em abril (português-inglês) em tradução do professor e escritor Rod Horton, da Univ. de New York com ilustrações de Sorensen e sob o patrocínio do Instituto Nacional do Livro. Estou escrevendo um livro de contos mas possivelmente só será publicado no próximo ano.

16) Algum vulto da nossa literatura do passado está a merecer pronta e completa reabilitação?

— De momento, não me lembro de nenhum.

17) Que medidas deveria o Governo tomar, se quisesse realmente amparar o autor nacional?

— Tomar as medidas necessárias ao barateamento do livro, concedendo aos editores taxas de câmbio especiais para a importação de maquinaria gráfica; reduzindo ao mínimo as tarifas para livros e publicações; e criando escolas públicas, pelo menos para o ensino primário.

18) Que livros mais o impressionaram, nos últimos dois ou três anos?

— Nenhum livro me impressionou nesses dois anos.

NOTAS E INFORMAÇÕES

★ NO NÚMERO de março de «Le Courier», mensário da UNESCO, interessante artigo de Tavares Bastos, poeta brasileiro residente em Paris, sobre a próxima destruição da cidade de Canudos, sítio imortalizado por Euclides da Cunha, em «Os Sertões». Esse é um bom trabalho de divulgação devido a Tavares Bastos, já autor de antologias de poesia brasileira em língua francesa.

★ NÃO MAIS sairá em abril, tal como anunciamos há poucas semanas, o livro de poemas «Lastro-Ternura», de Yone de Sá Mota. É que a José Olympio, que fará a edição, protelou o lançamento para janeiro de 1958, alegando várias dificuldades, como por exemplo a grande crise do papel.

★ ANO PASSADO, concorreram aos prêmios oferecidos pela Academia Brasileira de Letras cerca de vinte e cinco candidatos. Este ano, todavia, o valor dos prêmios foi aumentado, e por isso são quase uma centena, em 1957, aqueles que se candidataram aos vários lauréis dis-

tribuídos pela casa de Machado de Assis. Até o columnista arriscou um olho, vendo se abiscoita os vinte mil cruzeirinhos do «José Veríssimo»...

★ JOSÉ CONDÉ perguntou a Vão Gogo que desculpa daria a dois dentre êsses homens de letras: José de Alencar, Castro Alves, Rui Barbosa e Coelho Neto, se êles se apresentassem à sua porta, e se só dois tivessem de ser admitidos em sua casa. Resposta impagável (e, sob certos aspectos, sábia) de Milor Fernandes: «Diria a José de Alencar e Coelho Neto: infelizmente não posso recebê-los, porque já tenho dois chatos aqui em casa»...

★ MAURO MOTA, já empossado na Academia Pernambucana de Letras, é homem que não troca por coisa alguma a sua cidade do Recife. De quando em vez aparece no Rio, mas sempre com a passagem de volta no bolso. A José Olympio lançará, ainda este ano, nova edição do primeiro livro do pernambucano, «As Elegias», acrescido de inúmeros novos poemas: «As Elegias e Outros Poemas».

BERNARD BUFFET



◆ TALVEZ o mais conhecido dentre os pintores figurativos franceses da atualidade seja Bernard Buffet, muito jovem ainda, e já célebre, com quadros seus em vários museus do mundo. Nascido em 1928, Buffet nasceu para a pintura unicamente em 1946, quando da morte de sua mãe. Tinha então apenas 18 anos, e nem bem a mãe fechara os olhos, trancou-se o jovem em seu «atelier», dali só saindo com um quadro — o retrato da mãe falecida — nas mãos. Já dois anos depois, vemo-lo trabalhar na série de Auto-Retratos audaciosos, desfinados a «épater le bourgeois», como o que o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque conserva: o artista, em seu quarto pobre ainda, inteiramente nu, enfrenta o espectador. Com o passar dos anos a fortuna do artista se solidifica. É um figurativo, sim, em certos aspectos, um neo-acadêmico, irritantemente arcaico para alguns jovens pintores da vanguarda. Então, que mistério possuirá sua arte, para atrair à admiração de tantos críticos e amadores? A esse respeito, talvez valha a pena ouvir os depoimentos dos membros da Academia Goncourt, todos dez retratados, num só quadro, pelo artista Buffet, para a exposição «Peintres Témoins de leur Temps». Philippe Heriat, por exemplo, acha que o que seduz, na arte de Bernard Buffet, é sua fidelidade ao luto e a solidão, ao silêncio que parece pesar sobre todos os seus personagens. Também Roland Dorgelles notou o ar de tristeza resignada dos «dolorosos personagens de Buffet», ao passo que Alexandre Arboux falou de sua austeridade. Dos acadêmicos consultados (alguns estavam em viagem) apenas dois — Francis Carco e Raymond Queneau — não quiseram dar seu depoimento (1).

◆ A fidelidade à solução, a austeridade de Bernard Buffet, estiveram mais do que nunca presentes na recente exposição por ele apresentada na Galeria David: Aspectos de Paris, série de cerca de trinta obras, sobre temas que são, já hoje em dia, um lugar comum da pintura francesa. Buffet, porém, não acredita no lugar comum, achando que um verdadeiro artista é capaz, com sua maneira própria de ver e de sentir as coisas, de tornar novo o mais batido dos assuntos. Assim é que na mencionada exposição, o «Moulin de la Galette», a «Tour Eiffel», o «Vert Galant», «Notre Dame» e outros locais parisienses são apresentados — sem o auxílio da coloração — como sítios desertos, como se os habitantes da grande capital, por algum misterioso motivo, tivessem tido de abandoná-la às pressas. No cenário vazio, destarte, nenhum figurante humano aparece. Mais recentemente, Buffet expôs na grande mostra organizada há tempos pela revista «Connaissance des Arts», juntamente com inúmeros outros artistas franceses, figurativos ou não. É de «Le Bélier», de Bernard Buffet, exposta na mostra mencionada, a foto que estampamos. Buffet é um exemplo de figurativo que não descamba para a trivialidade, e mais uma prova de que a boa pintura tanto pode ser figurativa, como abstrata ou concreta, ou que mais rótulos lhe pesparem, para o futuro.

(1) — In «Prisme des Arts» número 1, março de 1956, página 40.

NOTÍCIAS

EM BORDEUS, França, será realizada, entre 20 de maio e 31 de julho, grande exposição subordinada ao título «Bosch, Goya e o Fantástico». São 100 telas, 100 desenhos e 30 manuscritos medievais, pertencentes a vários museus da Europa, que os cederam especialmente para a mostra que terá por lugar a «Galerie de Beaux Arts». Até o Museu do Prado madrileno, que tem por lema jamais emprestar coisa alguma a pretexto algum, cedeu inúmeras telas de Goya, ante os rogos dos organizadores, a cuja frente se encontra René Huyghe.

DUAS EXPOSIÇÕES em São Paulo, na Galeria Ambiente e na Forma, dividem as atenções dos amadores: a de pintura, de Yolanda Mohalyi (catálogo de Lourival Gomes Machado), e a de desenhos e pinturas sobre tecidos, de Teda Rado, respectivamente.

OSVALDO GOELDI declinou do convite que lhe foi endereçado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a fim de participar da mostra de «Artistas Brasileiros», a ser realizada breve em Buenos Aires.

PECADOS DA JUVENTUDE

◆ LEIO, ENTRE pasmo e maravilhado, na antologia há pouco organizada pelo senhor Luís Otávio («Meus Irmãos, os Trovadores») e editada pela Vecchi, as seguintes trovas, de autoria de um dos nomes atualmente mais em evidência do movimento cultural brasileiro, graças à sua participação no recente surto concretista, que culminou com a mostra de poetas, pintores e escultores, no Ministério da Educação:

Findo o amor, espero Alice
que me possas perdoar
— o que pensei mas não disse,
o que disse sem pensar...

Muitas vezes, embebido
em cismas, tenho sonhado
que a vida é um sonho cumprido,
que a gente sonha acordado...

O autor chama-se Ferreira Gullar. Não, é evidente, o Ferreira Gullar autor de «A Luta Corporal» e de «O Formigueiro», mas um Ferreira Gullar adolescente, às vontas com uma obscura Alice, em seu Maranhão natal... Um Ferreira Gullar poeticamente virgem, sonhando acordado, às turras com rimas e metros que posteriormente renegaria.

Eis aí a inconveniência de os primeiros vãos poéticos serem impressos: sempre haverá um Luís Otávio que os recolha, às vezes até com boas intenções. Como reconhecer, no bisonho fazedor de quadrinhas de alguns anos atrás, o moço que em 1954 foi considerado o mais promissor e original talento de sua geração, e que é, atualmente, inclusive na opinião de quem assina essas linhas, um poeta na plena acepção da palavra, de posse de um vocabulário todo seu, não imitando ninguém, não repetindo ninguém? Que o prezado amigo Gullar não se abespigne com a «gozação» inocente de seu admirador. Mas a tentação foi tão forte, as quadrinhas fazem um contraste tão chocante com o que escreve o poeta, presentemente, que não houve modo de evitá-la. Console-se ele, porém: porque, pelo que já me falaram, existe, numa antologia de tremendas barbaridades poéticas, um pavoroso soneto, durinho e chocho, feito a martelo e a régua, e assinado por inteiro: José Roberto Teixeira Leite...

POESIA

ELEGIA

De umas rosas acesas na memória
cobrirás minha ausência, bravamente.
E te dirá de mim, de minha história
o silêncio de um pássaro silente.
Porém não me componhas merencórea
efígie de saudade e antigamente.
Amor, é que me impus (e venturosa)
a breve eternidade de uma rosa.

RUTH MARIA CHAVES

CRÔNICA

CATULO, O HOMEM ENCOLHIDO



Caricatura de LAN

♦ Um homem do norte da fôrma dêsse Catulo, esconde tudo que tem de valor, de coragem e bem querer de tal forma que é um espantalho em eterno caminhar. Acostumou-se, desde cedo, a querer pouco e amar sempre demais — amor de gente, amor de bicho, amor de natureza bela do meu Brasil, em letras de sambas cariocas. E desatolou os pés do massapê danado e caminhou criando bôlhas nos próprios, mas a alma era quente de sol e de vontade de ver. Já sabia da cidade por fôrça dos «kosmoramas», mas era saber de ver, sômente e, nunca, de sentir o cheiro. Há quem diga, que noutros tempos, homem de mando amara moça bonita em terras de França e uma vez ela morta fôra feita múmia com perfume melhor que o Oriente escondera. Um dia, o homem de mando

teve seu dia de mingau e antes da fuga tratou de enterrar bem fundo a amada morta, porém perfumada. E daquele canto nasceram flores, daquelas flores o vento levou o cheiro melhor para os homens daqueles dias e para os que até hoje pisam Paris. Todo mundo costuma dizer que Paris tem um «cheiro» de mulher mal sabendo que é daquela que soube amar, que tinha corpo belo e ôlho de sereia, que virou flor e flor perfume. E está lá. Atrás de cheiro igual veio Catulo de Paula para as bandas do sul, que pareciam mais belas que a sua terra tostada de sol, mas, bonita que só ela, espindo moças nuas nos açudes, nos rios e nas chuvas, numa alegoria à água ingrata. O mar trouxe o homem como tem trazido até jangadeiros até cá. Uma judiação sem remédio para quem já nasce em canto bom, de arroio cantador, de sabiá amigo, de sêca ou cheia, tanto faz. Mas depois de vir não há remédio, porque, o cheiro pega mais que visgo de jaca em passarinho. É ficar. É lutar, luta grande. É não perder a luta. É assim Catulo de Paula, que quando espia o mar lembra distâncias, quando espia o céu do sul ouve sentença de prisão perpétua, quando tem saudade agarra a viola, é assim que manda a saudade embora da forma mais bonita e mais gentil dêsse mundo.

EM MATÉRIA DE DISCOS

OS DEZ MAIS VENDIDOS

- ★ QUE SERÁ, SERÁ — Doris Day (Columbia) Neusa Maria (Sinter).
- ★ THE THREE PENNY OPERA — Louis Armstrong (Columbia).
- ★ CANTA O SERESTELRO — Silvio Caldas (Columbia).
- ★ MODERNA POESIA BRASILEIRA — Jograís de São Paulo (Festa).
- ★ TURMA DA GAFIEIRA — Altamiro Carilho (Musidisc).
- ★ ORACION A MI AMADA — Gregorio Barrios (Odeon).
- ★ BOITE CAROLINA — Carolina Cardoso de Menezes (Odeon).
- ★ DE PORTUGAL A ÁUSTRIA — H. Zacarias (Polydor).
- ★ IVON CURI VIVE CANÇÕES PARA VOCÊ — (RCA Vitor).
- ★ ITALY IN HI-FI — Len Mercer

O QUE VEM VERDE AMARELO

Dorival Caimmi já soltou na Odeon outro samba para correr com o seu "Mara-cangalha". Trata-se de "Saudade da Bahia". *** Harry Belafonte o bonitão da Carmen Jones, vem num L.P. denominado "Calypso" que está vendendo o diabo na América (RCA) *** Neusa Maria e mais um L.P. (Sinter) com sambas-canções em primeiras audições *** Catulo de Paula, num 78 e um baião com a marca de Zé Dantas ***.

MÚSICAS DE FILMES

- AMOR VERDADEIRO — Caubi Peixoto — do filme "Alta Sociedad".
- "BANDIDO" — Perez Prado — Do filme "Bandido".
- BABY DOLL — Ralph Flanagan — Do filme "Boneca de Carne".
- LOVE ME TENDER — Elvis Presley — Do filme "Ama-me Com Ternura".

DOIS DO NORTE AJUDAM O "HOMEM" A MATAR O CAITETU

♦ Há muito que o ambiente radiofônico-musical vinha sendo sacudido pela presença dêsse porquinho do mato, cujo nome é «caitetu». É que o animáizinho vestido em pele de homem varejava as estações de rádio, aborrecia os que são dirigentes, se plantava nas mesas dos produtores e redatores, ocupava telefones dos músicos, levava «caças» para os discotecários, num «trabalho» de vida ou morte para as suas produções musicais. «Caitetu» de tôdas as classes perambulavam às noites desprevenidas do nosso bom rádio, sem que uma caçada lhes fôsse patrocinada, em bom tamanho. Crescendo a prole, aumentando a cambada, o falado porquinho do mato chegou até a beirada dêsse ano dando a entender que o homem compositor não poderia mais viver sem o «bicho-caitetu». Foi então que um homem do norte, trazendo nas mãos um «papo-amarelo» da marca «EVOCAÇÃO» veio descendo, descendo, e de repente, quando eles estavam todos sentadinhos nos pratos das estações de rádio... «pum-pum»!... E foi «caitetu» para todos os lados. Agora o rádio está feliz, contente, sem a presença dêles e por outro lado a classe dos compositores que ficou sem a obrigação de dividir com eles parte de sua colheita. Na foto acima, o homem que matou o «caitetu», trajando terno escuro e camisa branca, de nome Nelson Ferreira. À esquerda está Paulo Gracindo que foi o primeiro a assistir o tombo da vítima e, finalmente, Luís Bandeira, que ajudou a «armar» a «EVOCAÇÃO». E estamos conversados, como diria o nosso bom Silvio Caldas, aqui ou em Suez.





De cima para baixo: Aurélio de Andrade entrevista uma carnavalesca. O «mocinho» de «cow boy» é o autor do «alô, alô, garôtas do Grajaú». As garôtas do Grajaú que o identifiquem! Um grupo na festa do «Waldorf Astoria» (Car-



nival Ball) Caubi Peixoto e Aurélio de Andrade. A moça de costas é Rosina de Rimmini, pena estar de costas pois está cada vez mais linda, diz Aurélio. Com o ministro Jaime de Barros



UM POUCO DA VIDA DOS CARTAZES

AURÉLIO DE ANDRADE PISANDO MUNDOS — UM PUNHADO DE VIAGENS SEM SOLTAR O MICROFONE — AGORA MESMO VIU NORTE-AMERICANOS DANÇANDO SAMBAS NO «WALDORF» — DEPOIS VEM A HISTÓRIA DAQUELE: «ALÔ, ALÔ, GARÔTAS DO GRAJAÚ».

◆ Faz bem pouco, que mais um avião trouxe de volta Aurélio de Andrade, e ele nos entregando novidades, das quais muitas, já foram divulgadas. O que marca, no entanto, a carreira jornalística e radiofônica deste jovem é que desde que entrou para o rádio, que tem batido terras, sem nunca ter deixado de voltar à sua base (Rádio Nacional) depois de ter feito, para ela, as mais autênticas e as melhores reportagens. Essa coisa de ter voltado, é rotina de trabalho. Quando a guerra estava aqui bem perto de nós, saiu Aurélio por esses mares minados, chegando até o seu objetivo, que era Londres e lá ficou os mais duros e os mais penosos anos do conflito, mandando pela BBC, tôdas as noites, notícias para o Brasil. Lá, trabalhou mais por nós, pela nossa gente, pela nossa música. Fêz gravar pela Orquestra Sinfônica daquela emissora uma partitura do maestro Radamés Gnattali, bem como encaminhou para aquele microfone, mais vozes brasileiras. Terminada a guerra, Aurélio seguiu para os Estados Unidos e de lá, regressou ao Brasil.

◆ SAMBA NO «WALDORF»

Quando entregaram a batuta a Carlos Machado para organizar um baile brasileiro no «Waldorf Astoria», para o qual ele levou rumbeiras e francesas, o que nos restou como essa coisa de «saber como foi», foi a reportagem de Aurélio. Por ele compreendemos bem em que situação se encontravam os cantores Caubi Peixoto, a cantora Leni Eversong, a «estrela» Marlene, e todos os artistas que não faziam parte do «comboio» do seu Machado. Um baile de sambas, onde não houve samba, um baile de Brasil onde o Brasil esteve ausente.

◆ O SAMBA É BISADO

Mas, as linhas acima servem de introdução ao que há de novo para contar, pois, aquelas «gaffes», aqueles «golpes» de Carlos Machado já foram esquecidos para o chamado «bem de todos e felicidade geral da nação». Queremos contar o que nos contou Aurélio, do baile de Carnaval do «Waldorf Astoria», em dias de Carnaval. Baile feito há muito. Baile planejado por brasileiros brancos, por gente de propaganda do Brasil, por alguém que sabe mais que qualquer empanturrado e papuço contador de feitos alheios, fazedor de coisa nenhuma... Para festa estavam envolvidos homens importantes de nossa representação lá fora. Podemos dizer que o «Carnival Ball» marcou um acontecimento, e isso porque foi organizado em boas bases. Procuramos saber de Aurélio, não só da festa bem como dos brasileiros que foram responsáveis pelo seu êxito. Os nomes do sr. Medaglia, do Ministro Jaime de Barros, da sra. Dora Vasconcelos, são os mais repetidos pelo repórter. É que Aurélio ficando mais quinze dias em Nova Iorque, ficou sabendo de uma infinidade de trabalhos de propaganda real que essas pessoas têm realizado e ainda vão realizar pelo nosso país.

◆ A NOTA CÔMICA

Quem ouviu a irradiação do baile do Waldorf, não pode ter perdido aquele «alô, alô, garôtas do Grajaú». Pois o moço brasileiro, envergava um autêntico «cow-boy» e media depois de um metro alguns poucos centímetros. Vale assinalar, também — nos conta Aurélio — o sucesso de Rosina de Rimmini. Leni Eversong está em Las Vegas, num «night-club» de nome «Thunder Bird» e Caubi Peixoto, compareceu ao baile envergando uma casaca de grande classe.

CINEMA

por RY AZEREDO

GRANDEZAS E MISÉRIAS NOS BASTIDORES DO "OSCAR"

POLÍTICA, PRECONCEITOS E CONVENIÊNCIAS COMERCIAIS — FAZENDO «A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS», MIKE TODD ECLIPSOU DE MILLE — JUSTIÇA A STEVENS, DESAGRAVO A INGRID, CONSAGRAÇÃO A BRYNNER — «BABY DOLL», «MOBY DICK» e «THE FRIENDLY PERSUASION», OS GRANDES AUSENTES

«Ele me lembra o Tio Oscar», disse a sra. Margaret Herrick, atual secretária executiva da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, quando em 1931, em seu primeiro dia de trabalho, como bibliotecária, foi apresentada a estatueta-prêmio ainda sem nome após quatro anos de vida. Sentado, a pequena distância, estava um colunista. No dia seguinte, uma cadeia de jornais publicava: «Funcionários deram à famosa estatueta o apelido afetoso de **Oscar**».

Bette Davis, proprietária de dois **oscars**, contesta a versão acima: «Eu recebi minha preciosa estatueta (NR — a primeira, 1935, com «Perigosa») mais ou menos ao mesmo tempo em que, finalmente, consegui arrancar de meu primeiro marido, Harmon O. Nelson, Jr., o segredo de seu nome intermediário, tenazmente oculto. Era Oscar. Para mexer com ele, comeci a chamar minha estatueta de Oscar. O apelido foi logo adotado pela indústria.»



Yul Brynner, «o melhor ator de 1956», em «O Rei e Eu», versão musical de «Ana e o Rei do Sião». Deborah Kerr é a «estrela». Brynner ganhou fama fazendo o mesmo papel no palco

S

77

«Eu
osa»)
ncar
ome
co-
otado



Ingrid Bergman, como «Anastácia», ganhou o «Oscar» disputado também por Katherine Hepburn (The Rainmaker), Elizabeth Taylor (Giant), Carroll Baker (Baby Doll) e Deborah Kerr (O Rei e Eu)



Anthony Quinn (Gauguin) e Kirk Douglas (Van Gogh) em «Sede de Viver» a biografia deste pintor. Quinn, grande ator, recebeu pela segunda vez o «Oscar» de coadjuvante

♦ **SÍMBOLO DE SUCESSO** — Fisicamente, Oscar não vale grande coisa: cerca de 100 dólares ou sete mil cruzeiros. Ouro só por fora. Por dentro, bronze. É feio e vive de braços cruzados. Simboliza mal o Deus de Hollywood — o Sucesso —, e a luta estafante dos homens para conquistá-lo. A luta para exibir talento ou sucedâneos de aceitação pública, como personalidade, magnetismo pessoal ou... sucesso. A luta para manter uma fachada «respeitável», «normal», «patriótica».

«Oscar é o único homem admirado por todos», observou gostosamente um cronista inglês. Mas há exagero nisso. Para centenas de cine-gentes e cine-críticos Oscar não tem mais importância que o Leão de São Marcos (Festival de Veneza) e outros bichos. Sabem que esses prêmios sofrem influência de fatores políticos, conveniências comerciais, preconceitos sociais.

♦ **FATORES EXTRA-CINEMA** — O excelente Bogart nunca recebeu um «Oscar» antes de «tomar juízo». Dizia cobras e lagartos de Hollywood, mas os capitães da indústria tiveram que engolir até sapos quando ele se firmou entre as cinco ou dez maiores «bilheterias», fundou companhia própria e **amarrou-se** definitivamente a Lauren Bacall. Já era uma instituição quando «Uma Aventura na África» lhe deu a estatueta.

Com Marlon Brando, um dos maiores atores que já pisaram Hollywood, o trabalho foi quase todo dos departamentos de publicidade. Por vontade própria, só o veriam de «black-tie» na hora de buscar o «Oscar» (**Sindicato de Ladrões**). Mas, para recebê-lo, é preciso abolir o **blue-jeans**, andar na moda física e moralmente muito antes da candidatura. (Veja-se o caso de Montgomery Clift, que passa anos sem dar as caras na Califórnia, e James Dean, a cuja interpretação genial (dizem) em «Giant» a Academia preferiu o «careca» Yul Brynner, que não é um ator extra-

ordinário, mas está (e é, muito vivo). Puseram camisa engomada e gravata em Brando. E até lhe arranjaram uma noiva, que não durou muito, mas representou seu papel.

Para colocar «Oscar» em seu devido lugar, uma vez por todas, basta dizer que o único Chaplin premiado até hoje foi Saul, o compositor. Este nada tem a ver com Charlie, que está para o premiadíssimo De Mille (**O Maior Espetáculo da Terra**) como a nossa galáxia para uma cabeça de alfinete. Motivos políticos? Existem, mas não são os principais. Antes de «Tempos Modernos», que serviu de pretexto à acusação de «comunista», e já na época dos «Oscars», surgiram duas obras chaplinianas: «O Circo» e «Luzes da Cidade». Este aplaudido até pelos imbecis como obra-prima, e incluído em inquéritos críticos internacionais como um dos Dez Maiores Filmes de todos os tempos. Contra Chaplin os donos de Hollywood brandiam simplesmente seu «anti-americanismo» (nascido na Inglaterra, nunca se naturalizou americano) e seu inegável desprezo à indústria e aos códigos sociais. Como toda gente que vive sob o signo das Relações Públicas, os magnatas hollywoodianos têm de considerar imoral um homem que volta casado de uma viagem sem exibir a certidão a Louella Parsons, ou que mantém ex-empregados (inclusive a «estrêla» Edna Purviance) na folha de pagamentos sem dizer uma palavra ao Departamento de Publicidade.

E o caso de Chaplin não é único no capítulo dos realizadores. Orson Welles, em ponto menor, tem história parecida.

Os fatores extra-cinematográficos acima citados continuam em vigor, mas os prêmios dos últimos anos indicam um aumento na idade mental dos votantes, proporcional a maior maturidade da produção americana. O prêmio diretorial entregue a George Stevens por «Giant» (obra de

violento
catorze
(1951)

♦ D
sões
muito
com
usam
pene
sas
pôsta

Qu
ceira
e um
da in
de m

Um
crítico
1947-1
tempo
demica
Madre

Veja
a críti
tures»
demai

Film
Dire

«Assim
Dick (

Ato
em «S

Atriz
e N. Y
blime

Scrip
Verne,
O Boar
Filme
seleção
segunda

♦ INF
violento
e a ex
do prêm
para as
Hudson
man na

Nenhu
teve nov
blime T

Para c
explicar
das asso
das dive
«elegivei
vantes; c
direção;

violenta crítica social), quatro **Oscars** de «Marty» (1955), oito de «Sindicato de Ladrões» (1954) e mais oito de «A um Passo da Eternidade» (1953), são sintomas auspiciosos.

♦ **INFLUÊNCIA DA CRÍTICA** — Como em toda parte, não faltam pressões dos poderosos, mas a imprensa nos Estados Unidos é uma coisa muito séria. Os produtores levam a mão ao coração (lugar que coincide com a carteira) sempre que o crítico do «Time» ou «New York Times» usam uma expressão mais forte. Bosley Crowther, deste jornal de grande penetração em todo o país, provoca de vez em quando reuniões nervosas dos representantes das companhias. Mas continua inabalável no posto.

Quando, procurando paliativo para a crise, Hollywood lançou a terceira dimensão, «Time» (crítico titular: Brad Darrach) publicou uma capa e uma reportagem tão arrasadoras em espírito satírico, que os Grandes da indústria procuraram diretamente a direção da revista com lamentos de milionário moribundo.

Uma comparação entre os «melhores filmes» da Academia e os da crítica nova-iorquina (a mais forte do país) selecionados na produção 1947-1956, revela que só em três anos não houve coincidência. E, na temporada de 1948, embora preferisse «Hamlet», aliás magnífico, a Academia apontou como melhor diretor John Huston, pelo «Tesouro de Sierra Madre», o filme favorito dos críticos.

Vejamos agora, alguns dos «melhores de 1956» segundo a Academia, a crítica de Nova Iorque e a «National Board of Review of Motion Pictures», (Associação Nacional de Crítica Cinematográfica), que inclui os demais críticos dos Estados Unidos:

Filme — «A Volta ao Mundo em 80 Dias», por unanimidade.

Diretor — George Stevens, em «Giant» — batizado para o Brasil de «Assim Caminha a Humanidade» — «Oscar»; John Huston, em «Moby Dick» (Nova Iorque e Board).

Ator — Yul Brynner, em «O Rei e Eu» (Oscar e Board); Kirk Douglas em «Séde de Viver» (N. Y.).

Atriz — Ingrid Bergman, em «Anastácia, a Princesa Esquecida» (Oscar e N. Y.); Dorothy McGuire, em «The Friendly Persuasion», aqui será «Sublime Tentação» (Board).

Script — «A Volta ao Mundo em 80 Dias», baseado na obra de Jules Verne, por S. J. Perelman, James Poe e John Farrow (Oscar e N. Y.). O Board não seleciona script.

Filme estrangeiro — «Na Estrada da Vida» (*La Strada*), italiano, na seleção da Academia e de Nova Iorque; «O Mundo do Silêncio», francês, segundo o Board.

♦ **INFLUÊNCIA POLÍTICA** — Não fôsse «Giant» uma obra de crítica violenta ao materialismo americano — fustigando inclusive o racismo e a exploração dos trabalhadores mexicanos no Texas — teria, além do prêmio de direção, o de «melhor filme», o mais cobiçado. Marchou para as eleições com dez candidatos, três dos quais (James Dean, Rock Hudson e Elizabeth Taylor) seriam preteridos por Brynner e Ingrid Bergman nas categorias de «protagonistas».

Nenhum filme obteve maior número de candidaturas. «O Rei e Eu» teve nove. «A Volta ao Mundo», oito. «Os 10 Mandamentos», sete. «Sublime Tentação», seis.

Para os que ainda não conhecem o mecanismo do «Oscar», convém explicar que os candidatos são apontados em votação pelos membros das associações profissionais de artistas, escritores, diretores e técnicos das diversas especialidades. Assim, o Screen Actors Guild indica os «elegíveis» nas categorias de atores e atrizes protagonistas e coadjuvantes; o Screen Directors Guild lança as candidaturas ao «Oscar» de direção; o setor cinematográfico do Writers Guild of America aponta os

candidatos a melhor script (baseado em obra já publicada) e melhor argumento original para cinema; etc.

A seleção do melhor em cada setor fica a cargo dos membros da Academia, que também são atores, diretores, escritores e técnicos. Como em toda eleição, a cabala deve ser muito grande. E, embora a votação seja secreta, acreditamos que grande parte dos eleitores tende a apoiar os elementos das companhias em que trabalham. Porque, além de prestígio, os prêmios significam sucesso comercial. Calcula-se em um milhão de dólares a arrecadação extra que pode obter um «melhor filme do ano».



Dorothy Malone, a ninfomaníaca de «Palavras ao Vento», da Universal: melhor atriz coadjuvante. Dorothy abdicou de sua categoria de «estrêla» para concorrer em melhores condições

Ainda no capítulo das pressões políticas, precisamos incluir o caso de «Sublime Tentação», que, apesar de seis candidaturas, não obteve sequer um «Oscar» de consolação. Isto surpreendeu os que conhecem a carreira vitoriosa de William Wyler, que, em 1946, foi o «melhor diretor» do «melhor filme», «Os Melhores Anos de Nossa Vida», que arrebatou ao todo sete «Oscars».

Wyler continua **persona grata**, aparentemente, mas o escritor Michael Wilson, muito merecidamente premiado em 1951 como co-autor do script de «Um Lugar ao Sol», negou-se depois a responder sobre suas convicções políticas na Comissão de Atividades Anti-Americanas. Comunista

ou não, o fato é que foi uma indecência o lançamento do filme sem referência ao **scripter**. Wilson caiu na «lista negra», mas «Sublime Tentação» continua e continuará arrecadando rios de dinheiro para a Allied Artists.

Embora indicado por seus companheiros escritores (porque Hollywood não põe todos na «lista negra» e fecha as portas?), Wilson sabia **a priori** que não teria o prêmio. A Academia declarou-o inelegível.

◆ **PRECONCEITOS** — Outro candidato natural, «Baby Doll» (título brasileiro: «Boneca de Carne»), produção inicial da Newtown, empresa do premiadíssimo Elia Kazan, sofreu o tratamento de silêncio, resultado da tremenda campanha de boicote da Igreja Católica, e das restrições de outros setores conservadores. Nem um prêmio!

Condenada pela Legião (Católica) de Decência e (no púlpito) pelo Cardeal Spellman, «Baby Doll», contudo, obteve aprovação do Código de Produção hollywoodiano e vem passando com grande sucesso, mesmo em cidades densamente católicas. A controvérsia é a melhor propaganda: tendo custado apenas 1.300.000 dólares, o filme deverá arrecadar 6.000.000 só no mercado Estados Unidos-Canadá.

O reverendo John A. Burke, do Instituto Cinematográfico Católico da Inglaterra, não vê motivos para que um filme adulto como o de Kazan não seja visto por gente grande. E os protestantes têm a mesma opinião, estranhando, simultaneamente, o apoio católico aos «Dez Mandamentos» de Cecil B. de Mille, que críticos responsáveis consideram quase sacrílego e, em sua mistura de sexo e Bíblia, «talvez o filme mais vulgar já realizado». Com todos os seus doze milhões de dólares, «Os 10 Mandamentos» só obteve um «Oscar» pelos «efeitos especiais» (John P. Fulton).

Outro grande ausente da premiação foi «Moby Dick», de John Huston, certamente uma das três (ou pelo menos das cinco) melhores obras americanas do ano passado. O cineasta de «O Tesouro de Sierra Madre» dedicou dois anos à versão da obra de Melville, considerada o melhor filme estrangeiro do ano pela associação dos críticos italianos.

◆ **OUTROS PREMIADOS** — Ator coadjuvante: Anthony Quinn, em «Sede de Viver». Segundo «Oscar» do ator de «Viva Zapata!». Simultaneamente, Quinn viu premiado seu maior filme: «La Strada».

Atriz coadjuvante: Dorothy Malone, em «Palavras ao Vento». No cinema desde «A Beira do Abismo» (**The Big Sleep**), 1946, Dorothy tem aqui a primeira grande oportunidade de uma carreira pouco expressiva. Aproveitou bem, dizem. É uma das quatro figuras principais do filme, porém aceitou concorrer como coadjuvante.

História original: «The Brave One» (aqui: «Arenas Sangrentas») de Robert Ritch, estreante.

Argumento escrito diretamente para o cinema: Albert Lamorisse, também realizador do curta-metragem «Le Ballon Rouge».

Fotografia em cor — «A Volta ao Mundo em 80 Dias», Lionel Lindon. Fotografia em preto-e-branco: «Somebody up there likes me», Joseph Ruttenberg.

Partitura de filme não musical: «A Volta ao Mundo», Victor Young.

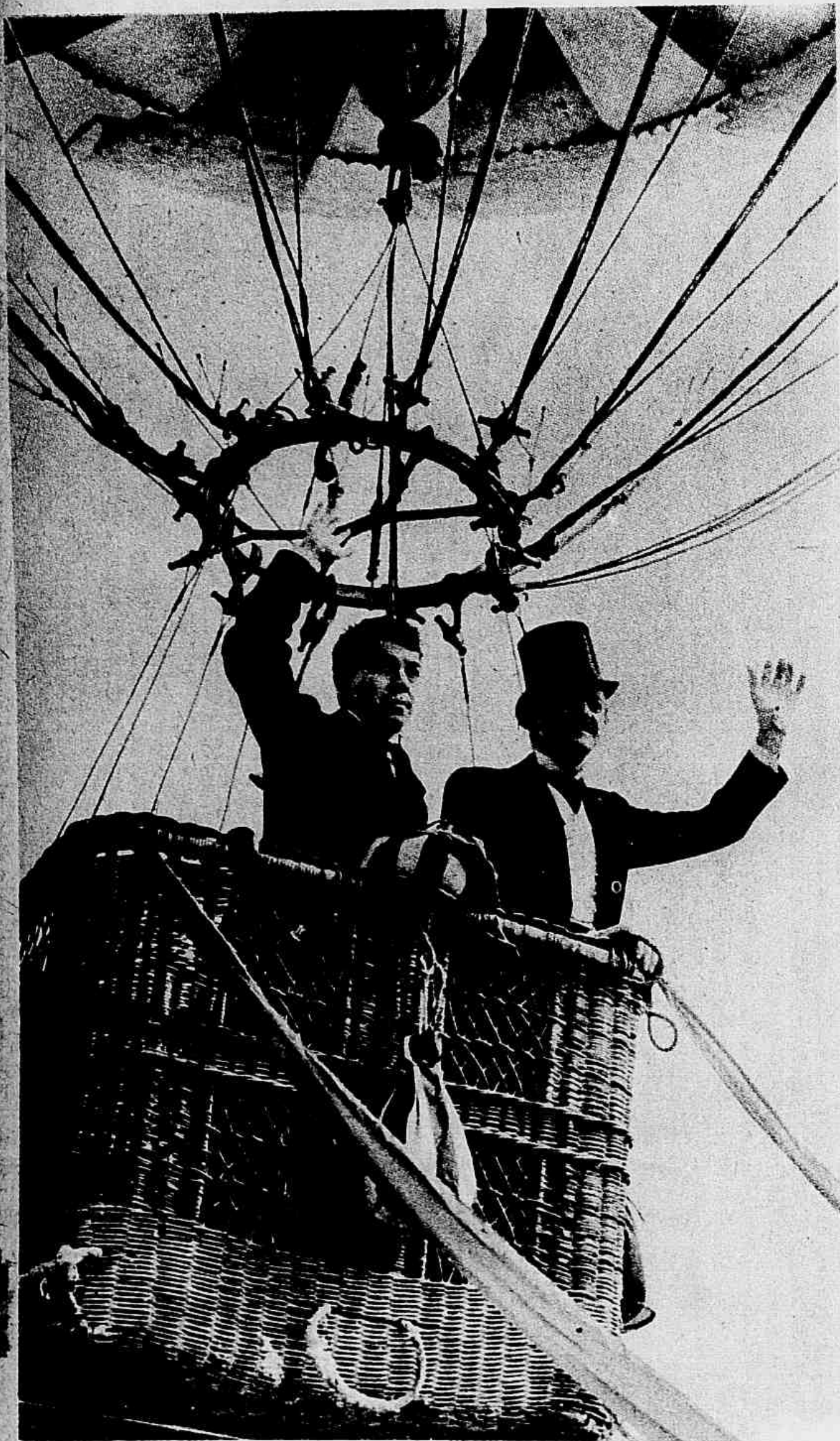
Score de filme musical: «O Rei e Eu», Alfred Newman e Ken Darby.

Canção: «Que Será, Será», Jay Livingstone e Ray Evans, em «O Homem que Sabia Demais».

Som: «O Rei e Eu», Carl Faulkner.

Shorts: «Crashing the Water Barrier» (de um rolo); «The Bespoke Overcoat» (dois rolos); «Mister Magoo Puddle Jumper» (desenho animado).

Direção de arte em cor: «O Rei e Eu», Lyle Wheeler e John DeCuir.



Cantinflas (Passepartout) e David Niven (Phileas Fogg) em «A Volta ao Mundo em 80 Dias», o grande premiado. Filmado em «Todd-AO» e «Cine-mascope», será exibido aqui neste último processo pela «United Artists»

Direção
Cedric
Vestido
Vestido
Montagem
Documentário
Pictures
Documentário
Prêmio
produto
Prêmio
o riso
O Grande
cinco
nhecem
Hollywood
que ab
nuncia
homa!
«Cinema
e anun
é o mai
um gran
promiss
filme sã
(75 anos
entusias



Giulietta Masina em «La Strada» (Na Estrada da Vida), de Fellini, «o melhor filme estrangeiro de 1956». Está há três meses no cartaz novaioquino. No Rio ficou uma semana

Direção de arte em preto-e-branco: «Somebody up there likes me», Cedric Gibbons, Malcolm Brown.

Vestuário em cor — «O Rei e Eu», Irene Sharaff.

Vestuário em preto-e-branco: «The Solid Gold Cadillac», Jean Louis.

Montagem: «A Volta ao Mundo», Gene Ruggiero e Paul Waternak.

Documentário curto: «The True Story of a Civil War», da Camera Eye Pictures.

Documentário longo: «Le Monde du Silence», de Jacques-Yves Cousteau. Prêmio Irving G. Thalberg (por conjunto de realizações): Buddy Adler, produtor da Fox.

Prêmio especial: Eddie Cantor, «por sua monumental contribuição para o riso da humanidade». Cantor continua afastado do cinema.

O Grande Premiado, portanto, é «A Volta ao Mundo em 80 Dias», com cinco «Oscars». O produtor Mike (Michael) Todd, que muitos fãs conhecem como o marido de Elizabeth Taylor, trouxe da Broadway para Hollywood seus instintos de **showman**. Foi um dos lançadores do cinerama, que abriu caminho às «novas técnicas». É co-inventor do Todd-AO (pronúncia: **tód Ei-ôu**), processo panorâmico estreado com sucesso em «Oklahoma!» e «A Volta ao Mundo» — que serão vistos no Brasil em versão «Cinemascope». Prepara-se para filmar um monumental «Don Quixote» e anuncia para breve um revolucionário processo tridimensional. Todd é o maior adorador do Sucesso desde De Mille. Não dirige, mas emprega um grande realizador como Fred Zinnemann («Oklahoma!»), um cineasta promissor como Michael Anderson («A Volta ao Mundo»). A vitória deste filme sobre «Os 10 Mandamentos» marca a aposentadoria de De Mille (75 anos) e a coroação de um novo rei, com a idade de 48 anos e o entusiasmo de 25. Nós saímos ganhando com a troca.



Elizabeth Taylor e Mike Todd, pouco depois do mais surpreendente casamento cinematográfico do ano. Todd, produtor da Broadway, começou em Hollywood com o cinerama



PIONEIRAS SOCIAIS

♦ No próximo dia acontecerá no cinema Palácio a «preview» de «Casa de Chá do Luar de Agosto» em benefício das Pioneiras Sociais. Agradeço à senhora Sara Kubitschek o convite que me enviou. Estarei presente.

Gossips

Aqui entre nós: o sr. Alexandre Camacho está perdendo a cotação. Na outra noite estava com seu «date» situado na prateleira do «Sacha's». Sobre o novo «date» do sr. Camacho, trata-se de uma jovem ainda não catalogada nas colunas sociais.

Confidencialmente: vários colunistas noticiaram o desquite do milionário Alberto Pitigliani, sem dizer o motivo que o justificou. Agora, de fontes a que dou todo crédito, posso informar para vocês que o motivo que levou o sr. Pitigliani a separar-se de sua segunda esposa foi a loura e bonita Suzana Porto. E para surpresa de vocês ela não é mais o «date» preferido do milionário em questão. Atualmente

o proprietário do carro mais «suspense» do Rio, está sem nenhum romance.

A jovem Manuela de Abreu vai em maio ficar noiva de um milionário paulista. Sábado, eles circularam no Copacabana, de mãos dadas e tudo.

Morena e bonita, Marina Mesquita dançava numa recente «soirée», «cheek-to-cheek» com seu «date» preferido, na pista de um «night-club».

Marcado para maio nos «States», o casamento do sr. Tarso de Abreu com a senhorita Norma Primo.

Fala-se que o namorado de Lígia Coutinho com Luís Carlos Peixoto

caminha para terminar em noivado.

O casal Alves Lima de São Paulo esteve no Rio, e foi visto jantando no Bife de Ouro.

O jornalista Associado Romildo Gurgel (120 quilos) comunica seu casamento. Enquanto isso o poeta Tiago de Melo vai pela terceira vez tentar a felicidade matrimonial. Desta vez com a bailarina Berta Rosanova.

Irene Von Delingshausen está fora de circulação. Estará sem «date»? Ou resolveu descansar?

Fernando Pessoa de Queiroz parece alimentar algum romance com Gilka Serzedelo Machado.



O milionário Alberto Pitigliani, está se desquitando. «Gossips» informa...

Ela continua figurando na «prateleira».

PEQUENOS FLASHES

DINNER NO GLÓRIA



Mary Spitzman Jordan, esteve presente. Sua elegância nesta noite estava realmente «suspense».

♦ Na «soirée» de domingo, um grupo de figuras do jovem «high-society» reuniu-se na piscina do

Glória para um pequeno «party», seguido de um «dinner», realizado em um local que foi na ocasião batizado de «o planalto do Glória». Tratava-se de uma «promoção» do sr. Eduardo Tapajós, que convidava nessa noite para uma reunião informal. Circulando entre os convidados, anotei: que a muito «beautiful» Maryzinha Spitzman Jordan era a elegância mais «suspense»; que a amável Suzana Porto compareceu sem nenhum «date»; que é uma beleza realmente «suspense» a senhora Dulce Nunes, esposa do Bené Nunes; que é a simpatia do argentino sr. Pepe Caraballo e de sua atraente esposa é autêntica; que

a doce e linda Rosinha Serzedelo Machado com seu «glamour» dominava todas as atenções; que um conhecido colunista social compareceu sem a noiva, que estava com lugar marcado na mesa; que o jovem André Jordan, está cada vez mais compenetrado; Gilka Serzedelo Machado compareceu, mas conversou muito pouco com o jovem Gueiros que estava ao seu lado.

Nessa mesma noite a senhorita Norma Primo, recebia no «Sacha's» uma aliança de noivado do sr. Tarso de Abreu. Nessa ocasião a bo-



A «glamourosa» Rosinha Serzedelo Machado estava numa «soirée» muito feliz

nita Norma acontecia com sua «mudança-de-idade». A loura Denize Leyroud estava presente.

FIGURAS DO SOCIETY



Murilinho de Almeida, o cantor mais «suspense» da «soirée-snob» carioca



O elegante Carlos Eduardo de Souza Campos aparece ao lado da bonita condessa Eunice Modesto Leal numa «soirée-snob» no Copa



O «gentleman» Aluisio Sales, atualmente como diretor do «Jornal do Comércio», tem participação ativa na «soirée-snob»

O fabuloso Bené Nunes, é sistematicamente o pianista «high-society» para uma «soirée-snob»



Antônio Maria, o cronista mais «suspense» da «soirée-snob» como foi batizado por este colunista

Elvira Pagã, voltando ao cartaz:

ELVIS PRESLEY COPIOU-ME!

- Irei aos EE. UU. desbancá-lo - Dançarei o "Rock'n Samba"
de "bikini" - Provarei que o "Rock'n Roll" é brasileiro

Reportagem de JEANETTE ADIB

Foto de ALBERTO FERREIRA

♦ **NOTA DA DIREÇÃO** — Não endossamos uma só das palavras da sra. Elvira Pagã. A entrevista foi concedida à nossa repórter, e tem (não há dúvida) interesse jornalístico. Ao publicá-la, chamamos a atenção dos leitores, para os extremos a que pode conduzir o delírio de publicidade. Elvira Pagã e a sua colega Luz Del Fuego, são, no Brasil, as campeãs dessa «mentalidade». O julgamento fica a critério dos leitores.

A TRAVÉS do legítimo «Rock» — o «Rock'n Samba», Elvira Pagã acaba de declarar «guerra» a Elvis Presley, taxando-o de seu imitador. A conhecida vedeta está arrumando as malas e seguirá rumo à Las Vegas, com finalidade de provar (de (bikini)), que nós somos os reis do ritmo.

Referindo-se ao gingador americano, Elvira diz furiosa:

— Ora, ele imitou-me até no nome. Reparem: Elvis ... ra Presley, cujas iniciais são as mesmas que as minhas — E. P. Eu fui a criadora dessa moda de cantar contorcendo o corpo — o que aliás, é a minha personalidade. Naturalmente, por intermédio de «shorts» filmados por mim em Hollywood, para a televisão, há quatro anos atrás, Presley teve a idéia de aplicar o meu estilo em ritmo de «boogie-woogie», com a diferença do sexo e do violão.

Elvira assume um ar de superioridade e revela à repórter seu propósito de desbancar o artista americano, frisando «que o público apreciará muito mais o «rock» visto pelo seu bikini reduzido do que pelas calças compridas de Presley. — E acentua — Os americanos ficarão abismados quando eu balançar o «Rock'n Samba». Uma coisa eu garanto: a polícia americana não funcionará, porque estou vendo que eles gostam é disso mesmo!»

Com um contrato nas mãos, ela vai mostrando que, de início, se exhibirá em Coney Island (o maior centro de diversões da América do Sul), indo em seguida para Cuba, onde ginará no «El Tropicano». Depois, vem Miami, rumo à Las Vegas — ponto em que Elvira vai «botar p'ra jambrar» o «Rock'n Samba» com grande classe.

Enquanto faz algumas exhibições da pulverizada dança para a objetiva do fotógrafo, a sensual vedeta explica-nos que fará a referida «tour-née» com absoluta garantia monetária. Na Venezuela ganhará dois mil dólares semanais, em Cuba, três mil, e em Miami cinco mil, com opção até 25 mil dólares — em caso de estrondoso sucesso.

★

A requebrante artista brasileira entusiasma-se, antevendo a impressão alucinante que causará nos Estados Unidos:

— Como o fraco deles é essa dança, está p'ra mim. Para início de conversa, desembarcarei na América do Norte de «bikini»!

— E, não receia ser prêsã? — interpelamos.

— Pois é precisamente isto que eu quero! Será uma estupenda publicidade para o meu trabalho. Uma espécie de «avant-première». Depois da prisão (que será o «show» inicial), é que a coisa esquentará. Todos disputarão uma entrada para os meus espetáculos. Então, eu mostrarei por A mais B, que o «Rock'n Roll» é brasileiro. Aposto que não ficará uma cadeira no lugar, depois da minha exibição. Se com o Elvis eles sobem pelas paredes, comigo subirão pelos telhados. A batucada «passa p'ra trás» qualquer «rock». Por isso, é que eu exibirei o fantástico «Rock'n Samba».

— É sua intenção implantar o existencialismo nos EE. UU.?

— Eu pretendo implantar o «bikini», isto sim! Para tanto, nos meus contratos, especifiquei como condição essencial, as minhas apresentações de «bikini». Sem «bikini», nada feito!

Acende um cigarro e prossegue:

— A propósito deste assunto, deu-se um fato desagradável quando fui à Nice contratada com uma diária de oito mil cruzeiros. No cassino local, exigiram que eu vestisse «toilette» completa. Contrariada, dei uma audição como convidada de Monte Carlo. No dia seguinte, virei-me para o dono daquela casa de diversão, e, apontando para a praia defronte, bradei em alta voz: «Como é que uma mulher sem «soutien» banha-se em público sem escandalizar ninguém, e eu, como artista não posso me expôr de «bikini» diante de uma platéia francesa cuja preferência é exatamente o nu!» Ele redarguiu que temia a depredação do seu cassino, pelos espectadores exaltados após o meu número, que taxou de picante... Eu queria mesmo confusão, com a intervenção da polícia, pois levei quinhentos mil cruzeiros para gastar, em caso de processo!

★

O telefone toca. Elvira levanta-se para atendê-lo, resmunga qualquer coisa entre os dentes, e volta com as suas explicações:

— Nos EE. UU. será diferente. Irei munida de um mandato de segurança, esclarecendo que eu sou brasileira e que meu estilo é esse. Assim é a minha personalidade, e não a mudarei por coisa alguma. Não temo a polícia americana, porquanto o Elvis Presley é muito mais indecente do que eu, e nunca foi prêsô!

— Se as coisas correrem conforme você espera, fixará residência nos «States»?

— É bem provável... Depois do Brasil, o país de que mais gosto é a América do Norte. Prefiro a Califórnia a Nova Iorque, por ser mais quente, o que facilita o uso da minha pouca-roupa...

Dando «au revoir» à nossa reportagem, Elvira Pagã conclui:

— Estejam certos de que provei lá fora, que o «Rock'n Roll» é brasileiro (no que concerne à dança), e acaba de ser batizado de «Rock'n Samba». Provarei também, que Elvis Presley copiou-me em tudo, até no nome!!!

Y
!

RA

o de
publi-
pois
odos
rarei
cará
êles
assa
Rock'

meus
enta-

ando
ssino
uma
para
onte,
ha-se
o me
exa-
ssino,
unte...
leve

alquer

segu-
Assim
temo
cente

a nos

o é a
mais

é bra-
Rock'n
o, até



Elvira Pagã com a fantasia com que compareceu ao baile do Municipal em 1955. Agora ela pretende ir aos Estados Unidos, desbancar nada menos do que Elvis Presley

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



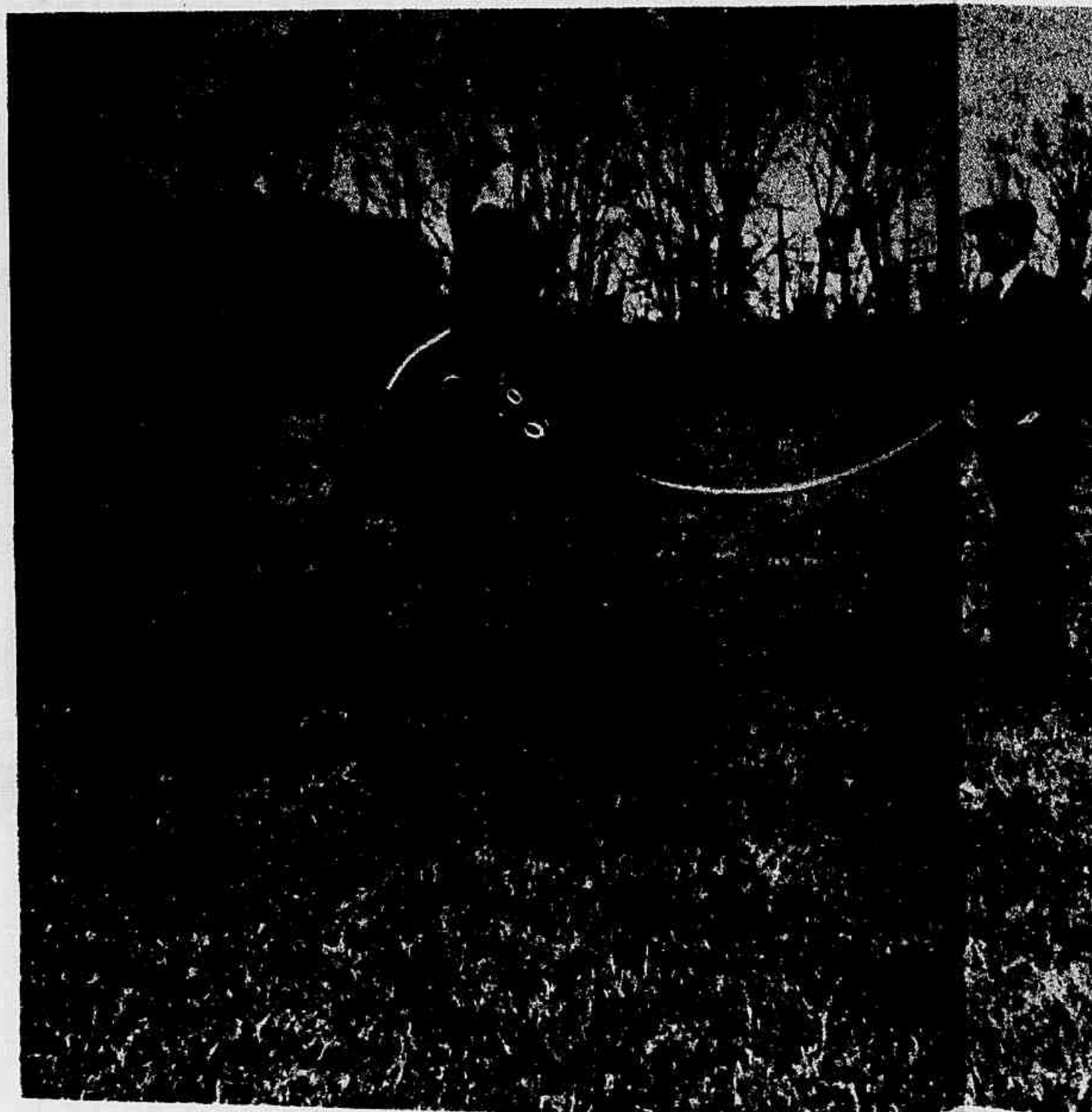
★ Mesmo depois de reencontrar seu marido, a face de Elizabeth não se iluminou outra vez. É certo que sorriu, que demonstrou alegria. Mas a melancolia que a domina há algum tempo não desapareceu. O drama de Elizabeth terminou com a volta de Phillip? Provavelmente a resposta estará na sua própria expressão.



★ Até Churchill se interessa por Ribot — O cavalo do século, vive agora plácidamente (foto), recolhido ao bucolismo de uma fazenda. Afastado da agitação das pistas, Ribot se entrega à glória da reprodução. Mas a Inglaterra não o esqueceu. Muita gente vai visitá-lo, e entre os que se interessam intensamente por ele, se conta o famoso Winston Churchill. Convenhamos, que mesmo para Ribot, é uma grande honra.



«Sal, por favor», pede o presidente Eisenhower. Por sua rigorosa dieta, geralmente o Presidente está proibido de usá-lo. Sua mulher (Mamy Eisenhower), ao receber o pedido, começa a passar-lhe instintivamente o saleiro (em cima), hesita um instante (ao centro), mas acaba por entregá-lo (em baixo). O Presidente agradece e se serve dele



S

A FACE
TRISTE
DA RAINHA
ELIZABETH

não
Mas
ama
osta

vive
nda.
pro-
o, e
noso
nde



CONTINUA

POR ESSE
MUNDO DE DEUS



◆ Como gigantesca vela cravada em um bólo resplandecente, o Empire State Building tem agora uma luz intensa que rasga diâriamente o céu noturno de Nova Iorque. O edifício mais alto do mundo, se transformou no mais potente farol com a instalação de 4 enormes refletores, cuja intensidade luminosa é igual a de 2 milhões de lâmpadas normais. Instalado a 332 metros de altura, os refletores giram a 48 metros da agulha que um dia se imaginou pudesse servir para a atracação de dirigíveis. O farol (que presta enorme serviço a aviação e a navegação), pode ser visto (com nitidez), a 450 quilômetros de distância.

O FAROL MAIS POSSANTE DO MUNDO

◆ Eis c
o famoso
te», com
No dia
James De
automóve
o tinha s
as filmag
minou o

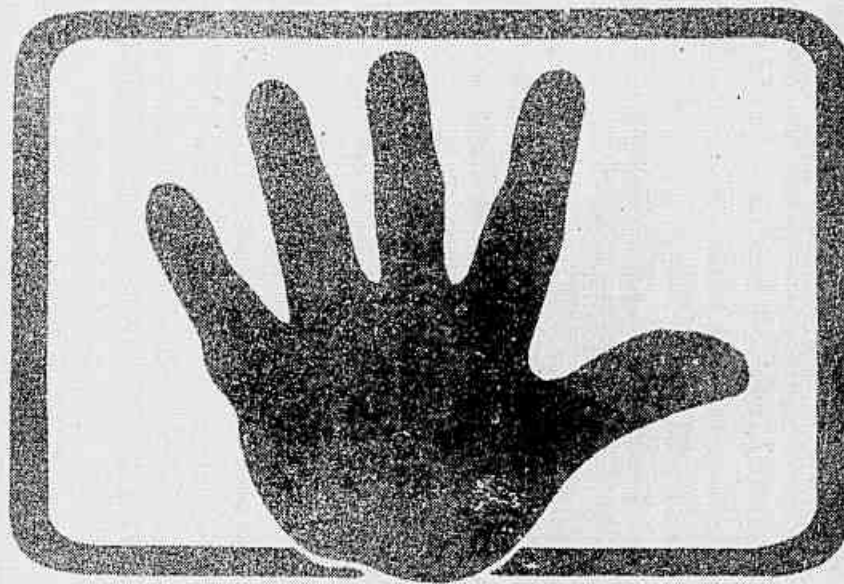


YUL BRYNNER
GANHOU O
OSCAR DE 1956

♦ Foi assim (no filme «O Rei e Eu») que Brynner conquistou o Oscar de 1956. Esse foi o seu terceiro trabalho cinematográfico. Agora, ele já tem mais 4 filmes assentados. Condição para os contratos: deve aparecer careca, como se popularizou e como se transformou numa atração de bilheteria.



♦ Eis como aparece no seu último filme (ainda inédito no Brasil) o famoso e tão chorado James Dean. A rodagem desse filme («Gigante», com Elizabeth Taylor) terminou no dia 29 de setembro de 1955. No dia seguinte, experimentando um possante Borsch de corrida, James Dean emocionava o mundo com sua morte. Sua mania por automóveis e sua paixão pela alta velocidade levaram o estúdio que o tinha sob contrato, a proibir que dirigisse carros de corrida durante as filmagens. Providência que não deu resultado, pois tão logo terminou o trabalho, entregou-se a sua paixão e sacrificou a vida.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



"Mil" lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - A VACUUM - A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO





COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN

INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, éle o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

**ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.**

VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. m.731 13-3-1923

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO



Carroll Baker (foto), mundialmente famosa depois de sua interpretação da maliciosa e ingênua «Baby Doll», vive modestamente com seu marido e a filhinha, em um apartamento pequeno e tranqüilo, e não tem nada da personagem que escandalizou a América

★ Sarah Churchill, filha do ex-premier, voltou a Londres depois de um breve giro pela Itália e Grécia. Reconciliou-se com seu marido, o fotógrafo Anthony Beauchamps, de quem estava separada desde outubro.

★ Alida Valli foi citada no famoso processo de Montesi como uma testemunha importantíssima. Por causa disso teve que cancelar dois compromissos cinematográficos.

★ Silvana Mangano e Jo Van Fleet foram vítimas de um terrível acidente na Thailandia. O carro em que viajavam, capotou, e atirou-os dentro de um caudaloso rio. Por sorte, eles sofreram apenas escoriações superficiais e puderam ser salvos por pescadores.

★ Glória Vanderbilt aparecerá pela primeira vez em um filme. Título: «Aventura amorosa». «Astro»: Cary Grant.

★ Mario Lanza teve que pagar 70 mil dólares de indenização a um transeunte que foi por éle atropelado. Lanza dirigia em excesso de velocidade e parece, em estado não muito normal.

★ No Teatro de Versalhes, a Rainha Elizabeth e seu marido ocuparam o camarote da família real de França.

(continua na página 36)



A rainha da Jordânia (foto) voltou a morar com seus pais depois de divorciar-se de seu marido. Após um ano de separação ela tornou a vê-lo no recente encontro que éle teve com Nasser

no melhor da festa...



...pode faltar luz!

A precaução evita contratempos!
Um defeito na instalação da sua
casa pode ocasionar a falta
de energia elétrica: examine os
fusíveis e substitua o que
estiver queimado.

Como os demais reparos nas
instalações elétricas internas, a
troca de fusíveis é atribuição
do próprio consumidor.

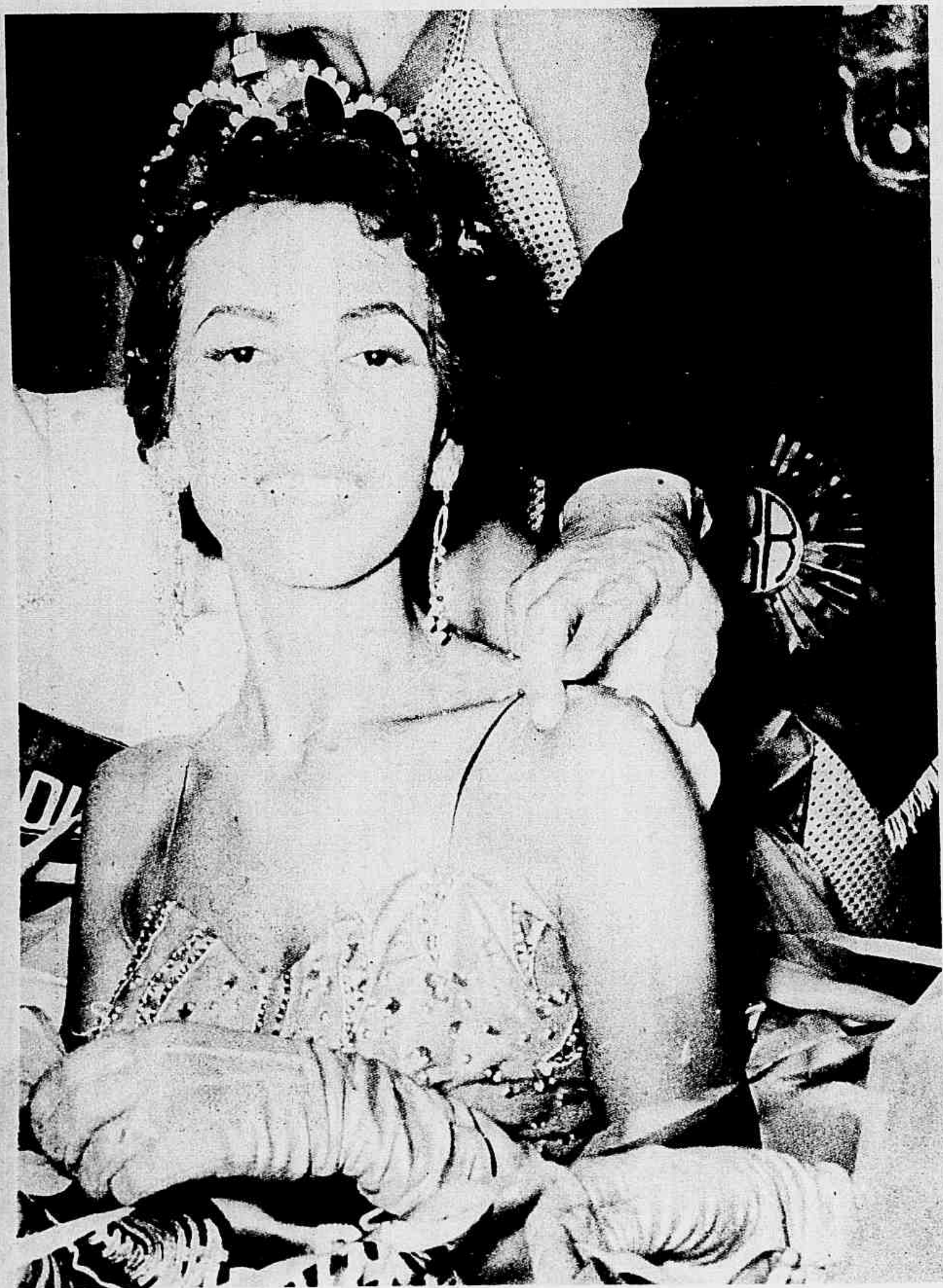
Use fusíveis aprovados pelo D.N.I.G.

TENHA SEMPRE EM SUA CASA FUSÍVEIS DE RESERVA



Dóris Monteiro, a "rainha do rádio" conta qual é...

O PREÇO DO SUCESSO

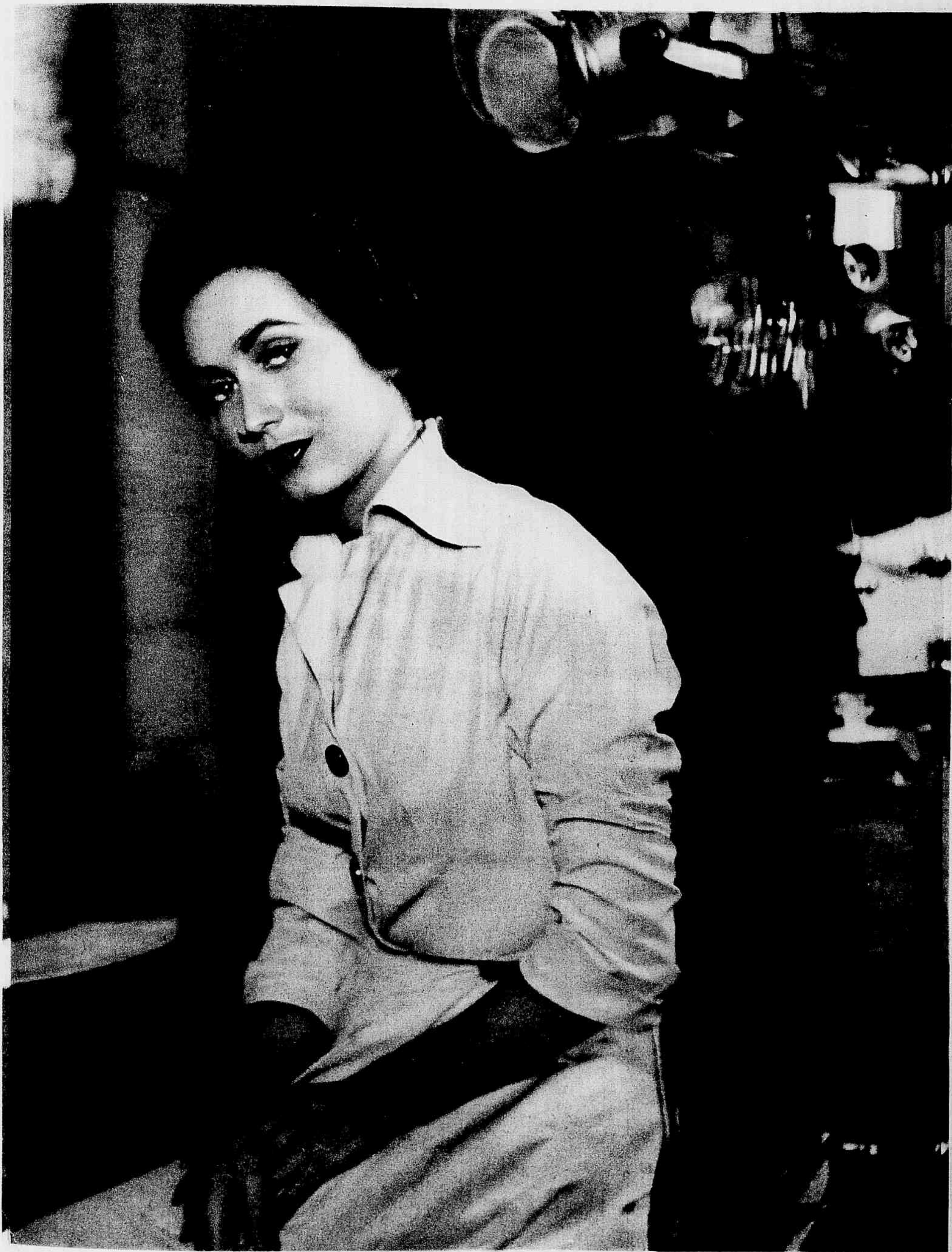


**QUALQUER VITÓRIA NA VIDA
ARTÍSTICA CUSTA MUITO CA-
RO, EM SACRIFÍCIOS PESSOAIS
E É PRECISO, REALMENTE, MUI-
TA FORÇA DE VONTADE PARA
VENCER**

Texto de SILVIA DONATO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

♦ E agora com vocês Doooooris Monteiro, a voz doce do rádio carioca... Nem mal o locutor acaba de anunciar, o auditório quase vem abaixo. São palmas, flores, faixas, presentes, serpentinas, beijos e até lágrimas. Essa cena é repetida cada vez que a cantora se apresenta em um palco, seja em que parte for do Brasil. Muitos ficam conjecturando a razão de ser dessa idolatria dos fãs para com sua cantora preferida. A maioria critica cantora e fãs, sem terem o trabalho de um estudo mais aprofundado do assunto. O sucesso tem o seu preço, muitas vezes altíssimo, duro, inexorável. Aquê delírio dos fãs é o resultado de duras lidas. É Dóris Monteiro, atual «rainha dos radialistas», quem nos conta um pouco de sua vida artística, que é uma cópia das cantoras anteriores a ela e será das gerações futuras. A mesma história de sempre.



DÓRIS MONTEIRO, MENINA TÍMIDA, CANTORA DE SUCESSO CONTA NESTA REPORTAGEM COISAS DE SUA VIDA

REVISTA
DA SEMANA



DORIS, NUNCA PENSOU QUE VIESSE A SER
UMA CANTORA DE SUCESSO. CONHECIDA
EM TODO O BRASIL, COM FA CLUBE E TUDO



DÓRIS MONTEIRO, HOJE É UM CARTAZ NACIONAL. E BEM O MERECE

♦ CO

pai mu
os filh
cinco
Copac
poderia
E ela
já vinh
e cami
cantava
sua po
crepúsc
pôsto t
suas c

♦ SEN

tentou
e prom
foi cat
filha lã
lôda p
a carre
martírio
tetor»,
D. Ana
os cort
a muit
de pur

As co
curtissi
saías r
nova c
é másc
excursã
Lentam
ditório,
a gost
foram
do Bra
de lon

Ah!
que ai

DÓRIS MONTEIRO (RAINHA DO RÁDIO) CONTA

Esta é a Dóris Monteiro de antigamente cheia de ilusões e esperanças. Hoje ela cortou as tranças, as ilusões e as esperanças. Só lhe resta o amor e carinho de seus fãs



◆ **COPACABANA EM FUNDO MUSICAL** — A menina Dóris perdeu o pai muito cedo. Sua mãe enfrentou o trabalho fora de casa para criar os filhos. Os mais velhos foram para a escola. A pequenina Dóris, de cinco anos, foi encaminhada para a casa de sua madrinha, d. Ana, em Copacabana. Os anos passaram. D. Maria, a mãe, entendeu que não poderia tirar a menina da casa da madrinha. Seria uma desumanidade. E ela ficou para sempre. Sua maior alegria era o mar. Quando a noite já vinha descendo, dava uma escapulida até à praia. Tirava os sapatos e caminhava pela areia até sentir as ondas morrerem aos seus pés. Então, cantava. Voz suave, imensamente triste, dizendo palavras de amor que sua pouca idade não avaliava bem o sentido. Copacabana banhada pelo crepúsculo era o seu fundo musical. Os moradores das imediações do pôsto três conheciam Dóris. Esperavam sua passagem para irem ouvir suas canções atiradas ao mar.

◆ **SEM «PROTETOR» A VITÓRIA É DURÍSSIMA** — Já mocinha, Dóris tentou o rádio, em um programa de calouros. Tirou a melhor colocação e promessas de contrato. De saída, para atrapalhar um pouco, d. Ana foi categórica com os diretores da emissora. Não consentiria que sua filha fôsse a uma estação de rádio sozinha. Acompanhariam Dóris por toda parte, fôsse para onde fôsse. Muitos dos que prometeram ajudar a carreira da moça, com intenções menos recomendáveis, desistiram. O martírio para conseguir um lugar ao sol ia começar, pois sem um «protetor», a vitória é duríssima, é preciso ter muito valor e força de vontade. D. Ana tinha um capricho todo especial com os cabelos de Dóris. Nunca os cortou. Eles foram crescendo, num preto acastanhado, fazendo inveja a muita menina suburbana. Aquêles cabelos eram quase um símbolo de pureza, eram sagrados.

As colegas de emissora não pensavam assim, eram «modernas», cabelos curtíssimos, à «taradinha». Viviam rindo e gozando suas tranças, suas saias rodadas e blusas de gola alta. Não acreditavam na pudicidade da nova cantora que só aparecia na rádio acompanhada da mãe. «Aquilo é máscara», diziam as mais «protegidas». Poucos eram os convites para excursão. Os patrocinadores sabiam que as despesas seriam dobradas. Lentamente Dóris foi conseguindo cantar nos grandes programas de auditório, que são transmitidos para todo o Brasil. Os ouvintes começaram a gostar «daquela cantorinha que anda sempre com a mãe». As cartas foram chegando, até mesmo cartas de amor, principalmente do interior do Brasil, de rapazes simples que gostariam de ter em seu lar a moça de longas tranças e voz docemente acariciante.

Ah! O amor! O amor tentou várias vezes entrar naquele coraçãozinho que ainda não sabia escolher, não sabia distinguir entre o lobo e o

cordeiro. Mas d. Ana ali estava... sufocando os sonhos de Dóris. «Primeiro a obrigação, depois a devoção», dizia sempre a senhora. Assim, ela, que cantava doces romances, estava proibida de amar.

◆ **DÓRIS CORTA AS TRANÇAS E AS ILUSÕES** — Toda cantora é considerada uma profissional de valor, quando desperta o interesse de uma fábrica gravadora. Dóris Monteiro teve essa sorte, um justo prêmio aos seus esforços, mesmo antes de completar os 18 anos. Depois foi convidada para cantar em uma **boite**. Na hora da estréia, o Juiz de Menores apareceu e impediu sua apresentação. Até que um advogado acertou as coisas. O sucesso foi absoluto, principalmente com a publicidade inesperada que os dirigentes da **boite** souberam explorar. Na mesma época Dóris estreava no cinema. Mais um sucesso. Só que a moça não continuou. D. Ana achava a compensação financeira pequena. O que interessava, no duro, era ganhar dinheiro, cada vez mais. As excursões para fora do Rio, mesmo com a acompanhante, já estavam interessando. A cantora era bilheteria certa, lotava a casa.

Com a vida de viagens e programas na rádio, que estava levando, pouco restava de tempo a Dóris para amar. Não havia rapaz que estivesse interessado em uma pequena que não tinha parada certa. Amor é presença. Foi no Paraná que ela conheceu o único homem a quem amou verdadeiramente (até o momento acreditamos que assim seja). Ele estava passando as férias com a família. Era comerciante, tinha uma frota de caminhões que fazia Rio-Paraná e também estudava no Rio. Na volta dessa viagem, a dupla Dóris-d. Ana, passou a ser um trio. Carlos acompanhava a moça sempre que podia e ele podia sempre. O namôro não teve a aprovação da mãe adotiva. Mesmo porque, Dóris cortou as tranças e passou a exigir que a presença da senhora fôsse substituída pela do noivo. Ela era independente financeiramente. D. Ana teve que ceder nisso e acabou cedendo em tudo o mais.

O casamento foi realizado. Carlos que antes do casamento aceitava plenamente a carreira da noiva, na qualidade de marido, começou a fazer objeções. As viagens foram se transformando em problemas seríssimos. As idas aos programas tinham que ser meticulosamente explicadas. Até que um dilema foi criado. Dóris tinha que escolher entre o casamento e sua carreira artística. Carlos não fazia por menos. Ela escolheu a carreira. Ele voltou para sua terra. Hoje a mocinha das longas tranças não existe mais. Ao cortá-las, cortou também suas ilusões. Agora já é uma mulher. Continua morando com d. Ana, só que anda sozinha para toda parte. Ninguém ainda sabe de outro amor que tenha vindo substituir o de Carlos no coração de Dóris.

O LIVRE ARBÍTRIO

(continuação do número anterior)

Com a acrescida intensidade da vibração do espírito, vai-se escapando a possibilidade de se lhe agregarem correntes vibratórias de inferior espécie, razão porque o espírito, em determinado estado de aperfeiçoamento, não praticará, de modo algum, ações que a sua consciência condene; é quando o livre arbítrio demonstra estar sendo bem orientado.

Nenhum espírito, no decurso das suas inúmeras encarnações, ficará isento de passar pela experiência comum a todos os espíritos, sem distinção, e para os quais prevalecem as leis naturais, que colocam uns perante os outros, em pleno pé de igualdade espiritual, no tocante aos meios que cada qual dispõe de fazer uso, com toda a liberdade, do patrimônio espiritual que, gradativamente, for conquistando, de forma mais rápida ou mais lenta, conforme, exclusivamente, as vezes que tiver sido capaz de dar boa direção ao seu livre arbítrio.

A evolução pode ser de muito retardada pela indolência, displicência ou negligência do espírito; essa situação de indiferença, de abandono ao curso da vida, submetida ao falso peso de uma predestinação descabível, ou ao jugo de um incompreensível e inexorável destino, é de desastrosas consequências; o espírito tem poder para mudar, em qualquer tempo, o curso da vida; basta que queira saber manejar o seu livre arbítrio; deste modo mudará por completo o seu futuro, ao seu sabor, bem compreendendo que o dia de amanhã é sempre preparado na véspera; isto significa que o futuro será o que estiver sendo projetado no presente, e por isso convém que esse presente não seja um tempo de ociosidade, de preguiça e de enfado.

Muito há que fazer em todo o instante presente, e cabe ao espírito estar alerta e vigilante, procurando os meios de utilizar o seu livre arbítrio em lances que protejam o seu futuro, no sentido de facilitar a sua jornada.

A dor moral produz certa mudança de vibrações no espírito, por meio da qual se transformam as condições suscetíveis de reter ou de atrair os maus fluidos afixos. No entanto, desde que possua o espírito relativo conhecimento da vida, perceba as associações existentes entre corpo físico e espírito, tenha uma concepção racional de como se processa a evolução espiritual, não há dúvida de que disporá dos meios para poupar-se de grandes sofrimentos, não alimentando tolos ou levianos hábitos que redundem em prejuízo moral.

A ninguém é solicitado mais do que é capaz de dar; nestas condições, todo o espírito tem habilitações para fazer uso do seu livre arbítrio, consoante o seu estado de evolução, nas proporções da sua capacidade, sem cometer erros que façam da sua vida um tormento; é imprescindível, porém, que não perca o senso do equilíbrio, deixando-se absorver pelas ilusórias emoções estufantes dos sentidos materiais.

Grande importância tem, pois, conhecer o indivíduo a responsabilidade que sobre si mesmo pesa, resultante do bom ou mau exercício no uso da sua livre faculdade arbitral. Essa responsabilidade faz parte integrante da Vida, e é irrecusável e intransferível. A criatura não terá que fugir dela, evitando-a, medrosamente, como fazem os tímidos sectaristas, que procuram, sob a capa protetora dos hipotéticos e poderosos deuses da sua mística doentia, a lendária e cômoda salvação para todas as suas falcatruas e prevaricações.

Ao contrário disso, terá que enfrentar, com coragem e valor, as responsabilidades que a vida proporciona, procurando senti-las bem, e, depois, desejando senti-las ainda melhor.

O perigo só pode ser evitado quando conhecido. Os riscos que decorrem da ignorância sobre o que constitui o mau uso do livre arbítrio, são incalculavelmente grandes. Vale, por isso, a pena conhecê-los.

Com o livre arbítrio bem conduzido, não haverá encarnações perdidas. É bem verdade que a escala do espírito pelo planeta Terra compõe-se de muitas etapas, mas todas poderão ser galgadas numa sucessão normal, se os princípios espirituais forem rigorosamente observados, e deles faz parte, com expressão eloquente, o substancial tema deste capítulo.

Pouco sabe a humanidade a respeito desta faculdade; grande parte dela, imbuída de falsos conhecimentos sobre a Vida, desconhece a sua existência.

Destrói o seu sentido a errônea concepção de limitar a vida terrena a uma única encarnação, arditamente arquitetada para valorizar o preço do perdão, sobre que se estribam esperos negociatas, empenhados em manter elevada fonte de renda, à custa dos incautos e temerosos seres, escravizados ao ritual da adoração.

Essa indicação errônea tem sido fatal no induzir a criatura a seguir por um caminho que lhe revelará as mais cruéis decepções.

Nada mais aconselhável do que conhecer sempre a Verdade, e esta não está com aqueles que perflam em obediência a interesses materiais e subalternos, altamente ruinosos e contrários ao objetivo da libertação dos seres das peias da ignorância.

(Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO».)

SEM COMPROMISSO

(Continuação da pág. 28)



♦ Aga Khan e sua secretária Maria Luise Abadie passaram por Milano e foram assistir a um espetáculo no famoso Scala. O pai de Ali estava de muito bom humor, e contra seus hábitos não protestou quando foi fotografado.

★ O Banco da Inglaterra modificou o sistema de sua guarda (1 oficial, 15 soldados e um corneteiro), que vinha sendo mantido rigidamente desde 1790. O Banco, agora, prefere organizar, ele mesmo a sua segurança.



♦ Louis Jourdan e sua nova «partenaire», Danny Carrel (foto) com quem aparecerá brevemente num filme de aventuras noturnas e policiais.

★ Na França gastou-se em 1956 6 bilhões de francos de narcisos; na Itália 8 bilhões de liras de flores diversas e na Holanda, 70 milhões de tulipas.



♦ Ilma Rose, bailarina inglesa, casada com o produtor (famoso) de TV, George Miller, correu o risco de ser vendida. Mas como não o foi, divorciou-se. O marido mandou publicar um anúncio no «Times», nestes termos: «milionário atualmente em dificuldades, dispondo de uma mulher bonita e prendada e uma esplêndida Rolls Royce, vende uma e outra pela melhor oferta. O «Times» recusou o anúncio, mas George vendeu o carro e perdeu a mulher.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50

ÚLCERAS VARICOSAS

FERIDAS CRÔNICAS E ECZEMAS
DOS MEMBROS

São eliminados, cômoda e facilmente, em 90% dos casos, com a aplicação, em média, de quatro Ataduras Compressivas

UNAPASTE

A venda nas boas farmácias

LEIAM

EU SEI TUDO

PREÇO

CR\$ 10,00

PELAS CARTAS SE CONHECE O GIGANTE!

Esta é uma verdade documentada :



- **MAIS DE 1.000 MUNICÍPIOS** - representando 10 **MILHÕES** de ouvintes, deram esta resposta :

**“Ouvimos a RÁDIO RECORD perfeitamente.
É a Emissora mais ouvida nesta localidade.”**

- 10 **MILHÕES** de pessoas, em todo o Brasil, aguardam a mensagem de propaganda de seu produto, que pode conquistar novos mercados, novos fregueses, clientes novos, ligados que estão à

RÁDIO RECORD - Emissora de cobertura nacional
50.000 Watts - Ondas curtas de 19, 25, 31 e 49 mts.



* AS cartas recebidas estão à disposição dos interessados nos escritórios da RÁDIO RECORD — Quintino Bocaiuva, 22 — SÃO PAULO.

O FENÔMENO OLIVIER



LAURENCE OLIVIER: O ATOR EM RICARDO III

O ATOR E O HOMEM — DOMÍNIO SOBRE IMPRENSA E PÚBLICO —
A CARREIRA DIFÍCIL DE LAURENCE OLIVIER — É ELE UM GRANDE ATOR?

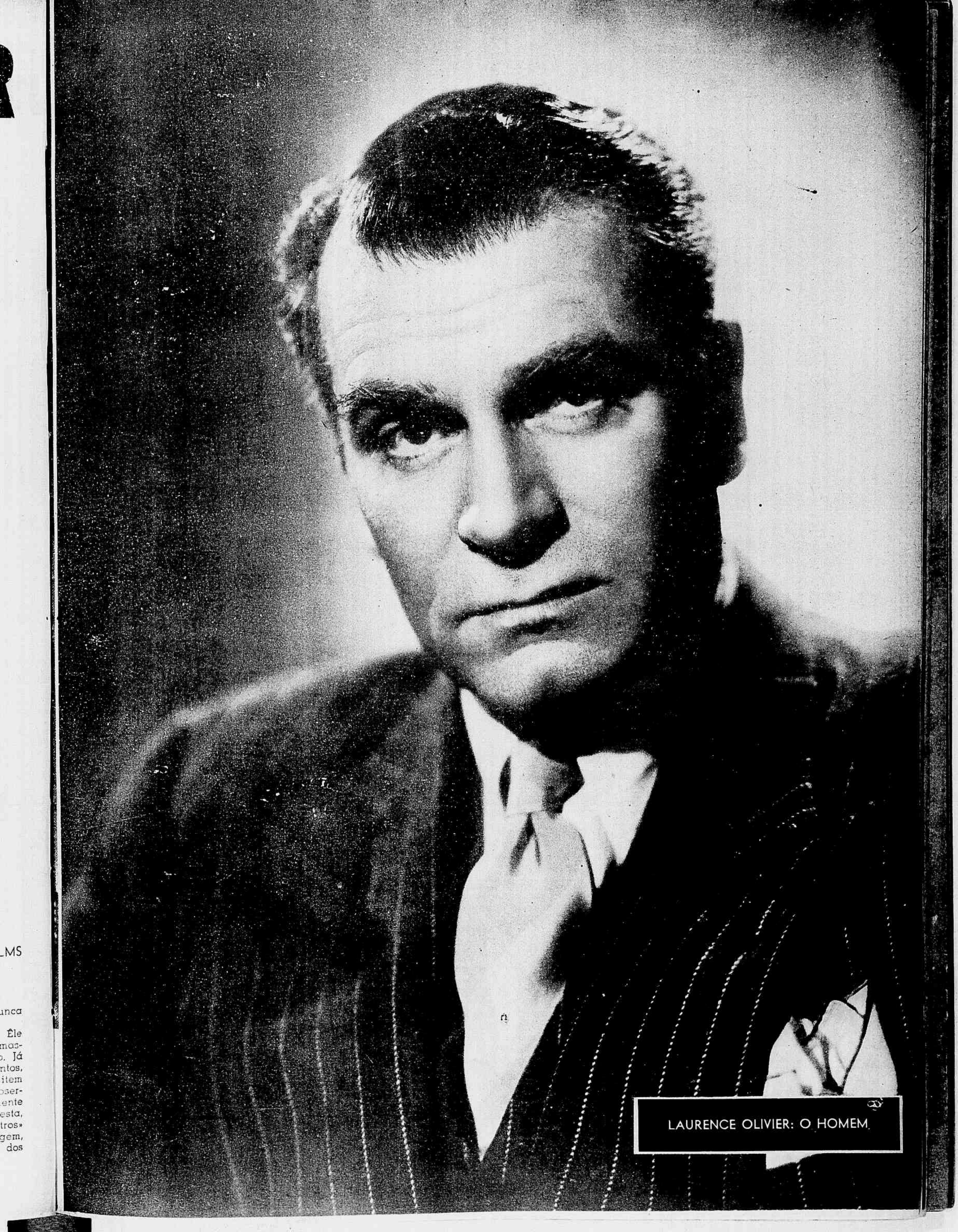
Por PAULO FRANCIS

Fotos: LONDON FILMS

O fenômeno Olivier é praticamente único no teatro moderno. Atores capazes de assimilar os diversos gêneros interpretativos, com igual adequação, constituem raridade. Os que logram ampliar o âmbito de suas atividades, convertendo-se em produtores e diretores de igual mérito, são não menos excepcionais. Olivier pode ser enquadrado em ambas as categorias. Sua personalidade encerra um curioso paradoxo. Aparentemente, ele despreza a publicidade e a crítica. Repele à la Heathcliff as impertinências do público — há tempos, quebrou os dentes de três admiradores, em Londres. No meio teatral e cinematográfico, é tido como esnobe, temperamental e calculador. A despeito disso, colunistas poderosos e autônomos apontam-no como um dos «príncipes encantadores» da arte e da indústria. Críticos notoriamente cáusticos e irreverentes fazem o mesmo, a seu modo, e não o maltratam muito quan-

do fracassa. Para o estímulo e o desenvolvimento de suas aptidões nunca lhe faltaram mestres e oportunidades de primeira ordem.

É, todavia, sobre as platéias, que Olivier exerce maior domínio. Ele parece impressionar os dois sexos, indistintamente. O espectador masculino inveja o galã comum, sem, porém, admirá-lo ou respeitá-lo. Já em Olivier vê um ideal: a pose aristocrática, a nobreza de sentimentos, a inteligência e a elegância de atitudes. As mulheres adicionam um item a essa concepção: imaginam-se nos chinelos de Vivien Leigh. Não observam nele as pernas raquíticas, o cabelo escasso e os traços duramente recortados. Para o público de Olivier basta a sua personalidade. Nesta, e não no mérito profissional, está a chave de sua popularidade. «Astros» talentosos como Marlon Brando, Cary Grant, ou Julie Harris, que fogem, também dos «boomerangs» da publicidade, padecem sob a pena dos



LAURENCE OLIVIER: O HOMEM.

LMS

unca

Ele
mas-
o. Já
ntos,
item
oser-
ente
esta,
tros»
gem,
dos



Ricardo III (Laurence Olivier) conquista a esposa (Claire Bloom) de uma de suas vítimas Laurence Olivier e a notável atriz dos

O FENÔMENO OLIVIER

Winchells, das Parsons etc. John Gielgud, um ator e diretor (de teatro) comparável ou superior a Olivier, é amável com os críticos, e estes, de vez em quando, escrevem-lhe epitáfios como «canastrão» de pernas emperradas e «mulherzinha».

Dinheiro no banco Vivien Leigh em casa, e sucesso em toda parte, não consumiram a ambição de Laurence Olivier. Talvez nesse feito esteja a chave de sua personalidade. O histrião aspira a ser artista. Por esse motivo, desde que se iniciou no palco e na tela, Olivier seguiu sempre a «linha» de maior resistência.

Em 1934, por exemplo, abandonou uma carreira popular e rendosa como galã de melodramas e chanchadas, para tentar o teatro shakespereano. Apadrinhado e instruído por John Gielgud, alternou com este nos «rôles» de Romeu e Mercutio em «Romeu e Julieta». Ao contrário do colega, falhou em ambas as oportunidades, do que logo teve consciência, a despeito da amabilidade de Gielgud, dos panos quentes da crítica, e do público entusiasta. Não desistiu, porém, de converter-se em um ator shakespereano. Três anos mais tarde, ingressava no «Old Vic», grupo especializado em Shakespeare e clássicos em geral, hoje célebre, mas que, em 1937, era ignorado pelo grosso do público inglês.

Mal pago, «suando e gemendo sob uma vida exaustiva», Olivier foi sendo iniciado nos aspectos mais intrincados de sua profissão. Seu desenvolvimento como ator principiou, então, e seguiu paralelo ao crescimento em popularidade do «Old Vic». Interpretou, nessa época, Hamlet, Macbeth, Iago, Coriolano, e Toby Belch, fracassando em Hamlet e Macbeth e não convencendo de todo, nos outros. Em 1943, porém, voltando à companhia depois de quatro anos de ausência, teve melhor sorte. Na qualidade de co-administrador e de intérprete principal ganhou muito dinheiro para o «Old Vic», e teve uma recepção crítica excelente nas suas aparições em «Peer Gynt», «Henry V», «Richard III», «Edipo», «The Critic», «Arms and the Man» e «Tio Vanya».

Quando, finalmente, era considerado um dos primeiros atores do mundo, Olivier lançou-se como cineasta. A surpresa foi geral e agradável. Seus dois filmes, «Henry V» (1943), e «Hamlet» (1948), à parte sua incalculável valia cultural, permanecem, até o momento, as mais aceitáveis transcrições shakespereanas para o cinema. Olivier confessa que não leva o cinema a sério até que William Wyler o escolheu para o Heathcliff de «O Morro dos Ventos Uivantes». O americano curou-o de sua ignorância, extraiu-lhe um desempenho excepcional e deu-lhe preciosas lições de direção. Wyler é um dos poucos amigos íntimos de Olivier.

Desde o seu renascimento histriônico, em 1937, o ator possui um «superavit» qualitativo no cinema. Excluído «Divina Dama», onde nau-

fragou na parte de Lord Nelson, distinguiu-se em «Rebeca», «Orgulho e Preconceito», «Fogo sobre a Inglaterra», «Henry V», «Hamlet», e «A Ópera dos Mendigos». Vem de terminar o seu terceiro filme shakespereano, ainda inédito no Brasil, uma versão colorida de «Richard III».

Longe está Olivier de seus quatorze anos, quando estreou como Catarina em «A Megera Domada». Hoje, ele escolhe o material com que trabalha. Peças, filmes e colaboradores lhe são oferecidos constantemente. Laurence Olivier não pode ir além. Dentro das limitações de seu «metier», ele está realizado. Cabe à crítica a última palavra.

É Laurence Olivier um grande ator? Seus trabalhos cinematográficos parecem indicar que não. Para James Mason, o grande ator reúne quatro atributos: inteligência, sensibilidade, imaginação e X. Olivier carece, em parte, do último. X consiste nessa capacidade do intérprete de fundir-se nas suas personagens; em outras palavras, na sua faculdade de recriá-las ao invés de representá-las; ou, ainda, no seu gênio em expor nas mesmas o denominador comum da natureza humana. O ator que consegue isso, transforma-se em artista: a ambição não satisfeita de Laurence Olivier.

Uma única vez, no Heathcliff de «O Morro dos Ventos Uivantes» ele aproximou-se de seu objetivo. O satanismo lírico-burlesco da personagem de Emily Bronte, fluía nas veias do ator. O ambiente devastado e infernal da obra refletia-se em cada uma de suas atitudes. Olivier livrara-se de si próprio para criar algo de genuíno como expressão dramática.

Não repetiu o feito. Ainda assim, seu Henry V e Hamlet foram raramente superados na tela. Sua visualização e execução de ambas as personagens é tecnicamente brilhante. Falta-lhes, porém, a substância psicológica ideal. Olivier tende a tornar ríspidas e a «metralhar» certas elocuições shakespereanas. Assim, os maliciosos discursos de Henry V à sua corte, transformam-se em arengas matraqueadas. Nestes instantes, o intérprete parece não compreender o que diz. No «Hamlet», por vezes, ele lê o texto com um securo e contenção mais adequadas à prosa do que à «word-music» de Shakespeare. Em consequência disso, os monólogos «To Be or Not To Be» e «O, That This too too Solid Flesh Would Melt» perdem em cor e significação. E quando o poeta, nas palavras de Ben Johnson, «deflagra suas baterias dramáticas mais poderosas», Olivier encolhe-se numa elaborada trincheira técnica, incapaz de fazer-lhes frente. Tal acontece claramente na cena com a rainha-mãe, que precede a morte de Polonius.

Em «Rebeca», «Orgulho e Preconceito» e noutras oportunidades menores, ele sugere ser o grande ator apregoado pelos críticos mais sentimentais. Mas, nestas, inclusive, é óbvio o seu insucesso em desper-

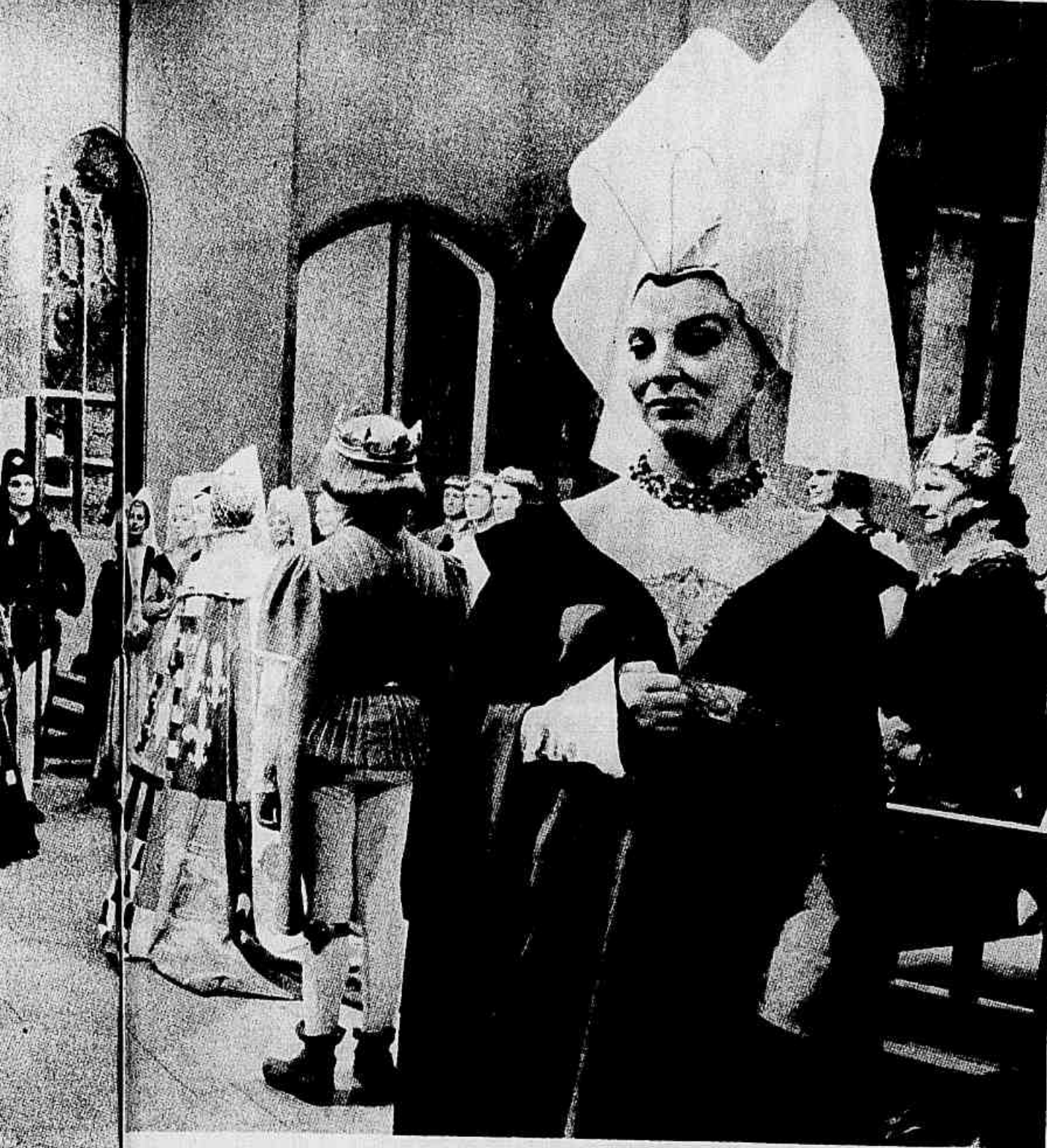
sonífico
Olivier
pode de
das Ca
contrad
e exteri
tador n
represen
nos per
da esp
carnada
no filme

Georg
susctibi
abandon
viev pro
Fá-lo, p
wood u
flitos à
um ámb
tura psi
é um ha
os prece
desse e
teria del
com que

Os fili
fitem o
bom gô

Lida e
importan
quinho:
o fracas
não fóra
Nymn, e
ca-se: a
para pre
VI. A n
Agincour
que o p
cinema.

Olivier



palcos ingleses. Pamela Brown, contracenam em Ricardo III Ralph Richardson é outro ator importante que participa de Ricardo III

sonificar-se. Vide o George Hurstwood de «Perdição por Amor» (Carrie). Olivier representa um rico dono de restaurante, cuja mentalidade se pode deduzir do seguinte: o homem comove-se às lágrimas ante «A Dama das Camélias», de Dumas. Aqui, a presença do intérprete principia a contradizê-lo. Ele atravessa o filme com um ar de refinamento interior e exterior irreconciliável com o gosto literário de Hurstwood. O espectador não acredita que Olivier ao menos entrasse em um teatro, onde representassem o dramalhão francês. Também, por essa razão, jamais nos persuade da inadaptação da personagem às pretensões sociais da esposa. Se Mrs. Hurstwood possuísse por marido o grão-senhor encarnado por Olivier, a pobre mulher, ao invés de humilhá-lo, como faz no filme, dedicaria sua vida a tentar emulá-lo.

George Hurstwood tipifica o amoroso de meia-idade, que retorna às suscetibilidades e fraquezas da adolescência. No caso, via o ruinoso abandono à paixão por Carrie, uma jovem e inexperiente plebéia. Olivier projeta esse estado d'alma de maneira genuinamente pungente. Fá-lo, porém, na direção errada. Ele imprime nos sentimentos de Hurstwood uma qualidade de nobreza quase extraterrena; esmiúça seus conflitos à exaustão sem qualquer alícerce no texto. Em suma, dá-lhes um âmbito e uma profundidade que ultrapassam, de longe, a estrutura psicológica da personagem. Pois, Hurstwood, antes de tudo mais, é um homem da classe média norte-americana, em quem se presumem os preconceitos e o raciocínio característicos. Admitindo-se que ele pudesse experimentar as sofisticadas lírico-dramáticas de Olivier, não teria delas a aguda compreensão espelhada pelo ator, nem a desfaçatez com que este às mesmas se entrega.

Os filmes de Laurence Olivier beiram o nível de suas atuações. Refletem a presença de um profissional talentoso, inteligente, culto, e de bom gosto, a quem falta gênio.

Lida em meio às suas congêneres, «Henry V» ganha em coerência e importância. É uma crônica de sucessos de um homem medíocre e mesquinho: enquanto nas peças históricas restantes, Shakespeare descreve o fracasso de oito temperamentos excepcionais. Encenada isoladamente, não fôra a semi-sórdida personalidade de Henry, os tipos de Pistol e Nymn, e a morte de Falstaff, Shakespeare estaria irreconhecível. Explícita-se: a obra aparenta ter sido concebida às pressas, possivelmente para preencher uma lacuna entre as anteriores, «Henry IV» e «Henry VI». A mesma celebra — irônicamente — a vitória de «Henry V» em Agincourt, sobre os franceses. Encerra uma série de sugestões visuais a que o palco não pode fazer justiça. Daí constituir um achado para o cinema.

Olivier nos devolveu a Idade-Média em cores que pareciam mistu-

radas por artistas da época. Com referência a «Henry V», o termo «motion-picture» equivale a «pintura em movimento». Em todos os aspectos da produção, o cineasta, à maneira Hurstwood, substituiu o tom veladamente irônico da patriotada shakespereana por um novo elemento: o de fantasia poética. O traíçoeiro Prince Hal e correlatos, ressurgem à luz lavada e radiosa de personagens de iluminuras. Suas motivações permanecem submersas no etéreo encantamento do espetáculo. A solução, embora arbitrária, é tão inteligente que arrancou do poeta T. S. Elliot o asinino comentário: «o filme de Laurence Olivier esclareceu definitivamente os obscuros propósitos de Shakespeare ao escrever «Henry V».

Olivier chama sua segunda realização de «um ensaio sobre Hamlet». Com isso visa a justificar o corte de alguns trechos capitais do original: os monólogos «O, What a Rogue and Peasant Slave Am I» e «How All Occasions Do Inform Against Me»; as personagens, Rosencrantz, Guildenstern e Fortinbras. O primeiro monólogo é o centro nervoso da tragédia; nele, «Hamlet», numa explosão emocional, busca compreender a si próprio e o seu destino: o segundo, um desenvolvimento mais cerebral do primeiro; Rosencrantz e Guildenstern compõem a parcela trágica do poema; Fortinbras personifica o axioma final do gênero trágico: a renovação da vida.

Qualquer neófito em Shakespeare tem o direito de remeter um dicionário ao realizador com a palavra «ensaio» sublinhada. Esta, em nenhum de seus sentidos, serve de alibi à cirurgia canhestra de Olivier e do crítico (notável) Alan Dent. A única desculpa possível, a necessidade de cortar uma peça que, encenada, dura quatro horas e meia, é parcialmente válida. Cortar era indispensável, sem dúvida. O erro da dupla está na escolha das partes extirpadas.

Felizmente, do que restou, ninguém se pode queixar. Olivier articulou-se, desta feita, com maior desenvoltura do que em «Henry V». Neste, ressentia-se do embaraço e dos receios de quem está invadindo a propriedade alheia. Em «Hamlet», ele já se sente em casa. O «flow» técnico da película é irrepreensível. Também a imaginação de Olivier adquiriu maior flexibilidade e alcance. Os tons escuros e austeros do planejamento são irrecusavelmente shakespereanos. A unidade de tempo estabelecida pela câmara assinala um casamento perfeito entre o poeta e o cinema. Um sem número de seqüências confirmam o artifice em que Olivier se converteu. As enquadrações de Ofélia, por exemplo, valem por um modelo de delineamento de personagem. A pantomina, a morte de Claudio, Hamlet versus Gertrudes, e os encontros com o fantasma, a par de seu formato einsteiniano, trazem o selo pessoal, não menos impressivo, de Olivier. Sua lista de créditos é extensa, e salvo a colaboração no argumento, encorajadora. Aguardemos o «Richard III».

UM PLANO EM MARCHA



Flagrante colhido quando o ministro Lúcio Meira pronunciava seu discurso de inauguração da exposição «Um Plano em Marcha»

À inauguração da Exposição «Um Plano em Marcha», que se realizou às 16 horas do dia 28 de março último no saguão do edifício do Ministério da Viação, compareceram, entre outras figuras de destaque na vida pública brasileira, o sr. Juscelino Kubitschek, Presidente da República, o comte. Lúcio Meira, ministro da Viação, o dr. Jair Rêgo de Oliveira, diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, o dr. Edmundo Régis Bittencourt, diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, o cel. Naldir Laranjeiras, administrador da Leopoldina, o dr. Herbert Moses, presidente da A.B.I., a jornalista Cora Lopes, o cel. José Alberto Bittencourt, diretor geral dos Correios e Telégrafos, o sr. Antônio Olinto e o dr. Cleantho de Paiva Leite, chefe do Gabinete do Ministro da Viação.

No ato da inauguração o ministro da Viação proferiu um discurso em que localizou a ação do governo, no seu pleno curso de trabalho, para a execução de um plano previamente traçado, a qual já se vem fazendo sentir na vida econômica do país.

São do importante discurso do ministro Lúcio Meira os trechos que a seguir reproduzimos:

«Os escassos recursos de que dispomos — disse o comte. Lúcio Meira — para aplicações a longo prazo, impõem, necessariamente, o estabelecimento de uma hierarquia na seleção dos empreendimentos a que nos devemos dedicar com mais empenho e até mesmo com maior fervor patriótico. O Brasil começa a crescer de

O ministro Lúcio Meira dá ao Presidente Kubitschek explicações a respeito da obra notável que está sendo realizada na Central do Brasil em cuja direção se encontra o eng. Jair de Oliveira, que vê a foto, um administrador capaz de resolver os graves problemas da nossa principal ferrovia

maneira inopinada e surpreendente, e a largos passos caminha para tornar-se, em futuro próximo, a potência continental que tem sido o sonho de tantas gerações de brasileiros.

É natural que nesta hora de dinâmico crescimento do organismo nacional os problemas se atropelam e se amontoem a exigir soluções rápidas e imediatas. Cabe, porém, ao Administrador resistir às solicitações locais e regionais, sem dúvida justas e legítimas, mas não tão urgentes que não possam ceder ao interesse mais amplo da economia nacional.

Concentrar esforços e recursos em empreendimentos da maior essencialidade para o país, eis o que visa Vossa Excelência com o seu Plano Nacional de Desenvolvimento e o que a nós, como Ministro da Viação que não deseja senão servir fiel e devotadamente à sua Pátria, se nos afigura mais importante e coerente.

Abrir estradas, reaparelhar portos, construir novas ferrovias, tudo isso dá prestígio e dá renome ao Administrador. Mas não é disso que

se trata. O que importa é atacar, prioritariamente, as estradas mais urgentes e necessárias ao desenvolvimento econômico do país, as grandes vias de penetração e de ligação por onde a riqueza possa circular e que se constituam em artérias estimulantes do processo de crescimento do Brasil.

As estradas de menor significação para o impulsionamento da vida nacional, essas podem aguardar até que haja maiores recursos, para que não se desgastem no momento os poucos de que dispomos para as inversões fundamentais. Também os portos, as ferrovias, os empreendimentos exigidos em cada setor, todos deverão obedecer a uma escala de prioridades determinada pelas conveniências superiores do desenvolvimento do país no seu conjunto.»

Muito exata e por demais sóbria a análise

O sr. Presidente da República, tendo ao lado a jornalista Cora Lopes, conversa com o cel. Naldir Laranjeiras, administrador da E. F. Leopoldina

TRANSPORTE FERROVIÁRIO

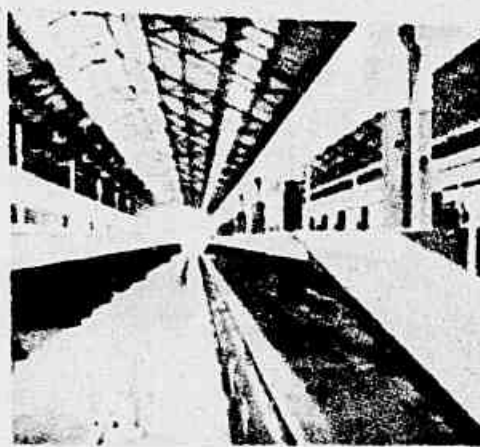
PRINCIPAIS REALIZAÇÕES DE 1956

Transferência de 400 quilômetros de ferrovias. Até 400 km de linhas para o transporte de passageiros e cargas, com 100 km de linhas para o transporte de cargas.

Transferência de 400 km de linhas de carga para o transporte de passageiros.

Transferência de 400 km de linhas de passageiros para o transporte de cargas.

Transferência de 400 km de linhas de transporte de cargas para o transporte de passageiros.

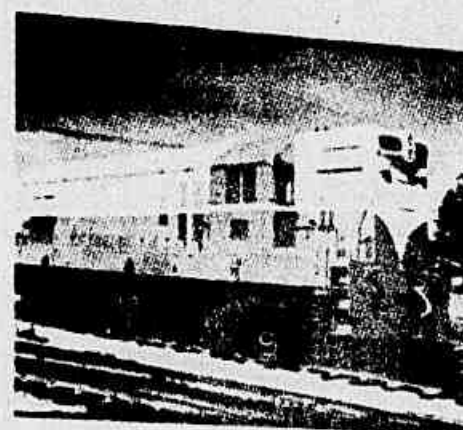


Transferência de 400 km de linhas de transporte de cargas para o transporte de passageiros.

Transferência de 400 km de linhas de transporte de passageiros para o transporte de cargas.

Transferência de 400 km de linhas de transporte de cargas para o transporte de passageiros.

Transferência de 400 km de linhas de transporte de passageiros para o transporte de cargas.

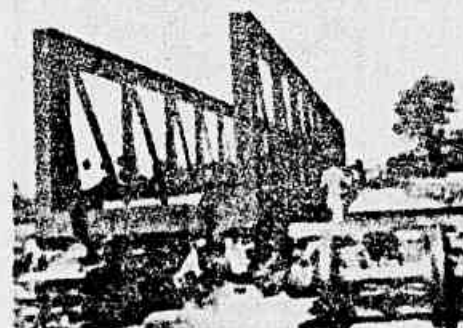


Transferência de 400 km de linhas de transporte de cargas para o transporte de passageiros.

Transferência de 400 km de linhas de transporte de passageiros para o transporte de cargas.

Transferência de 400 km de linhas de transporte de cargas para o transporte de passageiros.

Transferência de 400 km de linhas de transporte de passageiros para o transporte de cargas.



A

itária-
sárias
gran-
onde
ilham
cresci-

o im-
odem
para
oucos
amen-
impre-
deve-
es de
es do
nálise

ado a
Waldir
oldina



O Presidente Kubitschek posa para a objetiva da REVISTA DA SEMANA, tendo à esquerda e à direita, respectivamente, a nossa colega Cora Lopes e o comandante Lúcio Meira

E Vossa Excelência pode estar certo, senhor Juscelino Kubitschek, que o seu exemplo de trabalho e dedicação aos problemas do desenvolvimento nacional constituem e constituirão cada vez mais precioso estímulo para que levemos avante os planos do Governo no âmbito de ação desta Pasta, com o que estaremos contribuindo, na medida de nossas forças, para o engrandecimento e a emancipação econômica do Brasil.

A representativa exposição fundamentada em motivos alinentes à nossa economia, recebeu os maiores elogios do Presidente da República que, ao deparar-se com os gráficos e painéis alusivos à rede ferroviária nacional, teve expressões que muito bem traduziram a sua confiança e o seu entusiasmo em face do movimento renovador que se processa em todos os setores de Estrada de Ferro Central do Brasil, cuja direção vem realizando, com o concurso de um brilhante corpo de engenheiros, trabalho verdadeiramente notável, no sentido do reaparelhamento da maior via férrea do país.

Obeve, portanto, pleno êxito a original exposição, ao mesmo tempo que veio contribuir para que se fixasse no espírito dos brasileiros a certeza de que os homens públicos da nossa terra, aqueles que são responsáveis pelos destinos da Pátria, continuam e continuarão sempre a lutar pelo nosso engrandecimento.

do ministro Lúcio Meira que demonstrou possuir um superior conhecimento da nossa situação econômica. Prosseguindo alongou-se S. Exa. em considerações acertadas sobre a «psicologia do nosso desenvolvimento», se é que assim podemos denominar êsse ritmo ascendente e incessante de expansão em todos os sentidos, que, na realidade, escapa aos olhos do leigo.

Adiante, reporta-se o ministro Lúcio Meira aos ângulos das principais realizações da sua Pasta, dizendo que:

«Um pouco do que já se conseguiu realizar neste Ministério e alguns dos projetos elaborados para a execução nos próximos anos, eis que esta Exposição pretende mostrar.



O Presidente da República chegando ao Ministério da Viação foi recebido à entrada pelo ministro Lúcio Meira e altas autoridades. Nesta foto, vêem-se, entre outros os srs. Cleantho de Paiva Leite, Antônio Olinto e José Alberto Bittencourt



Odilo Costa, filho, veterano jornalista agora numa experiência curiosa com o velho «Jornal do Brasil». Pelo menos o suplemento dominical (sob o comando de Reinaldo Jardim), já se transformou no melhor da cidade. O antigo balcão de anúncios tenta ser um verdadeiro jornal

Se experiência, capacidade e conhecimento da profissão valerem realmente, o «Jornal do Co-

mércio»
Pois su

COM A REVOLUÇÃO NA IMPRENSA CHEGOU A VEZ DO REPÓRTER

AS «ESTRELAS» DO JORNALISMO GANHAM CR\$ 50 MIL, OS BONS CR\$ 30 MIL E OS OUTROS CR\$ 10 MIL ★ COMO COMEÇOU A RENOVAÇÃO ★ «TRIBUNA DA IMPRENSA» E «DIÁRIO CARIOCA» OS MAIS SACRIFICADOS ★ VAI CHEGAR A VEZ DOS FOTÓGRAFOS

Reportagem de CARLOS LEMOS
REVISTA DA SEMANA — 44

Fotografias de A. FERREIRA

C
O
g
n
v
agora, a
prensa, c

Foi um
que disse

«Na
uns 400
praça ex

Não me
achar qu

Esses
Cr\$ 25 a
35 a Cr\$
É verdade

◆ COME
ela se or
caminho



«...» acertou em cheio com Otávio Thirso. Pois sua reputação profissional é excelente

O «Diário de Notícias» se renova nas mãos de Prudente de Moraes, neto. A primeira página, antes fechada para qualquer assunto que não fôsse internacional, recebe agora até fotografia de esportes. E todo o jornal se modifica para melhor

COMO houve, há muitos anos, uma corrida para o Direito, com gerações quase que inteiras seguindo a mesma profissão, como existiu, não há muito, a mesma corrida para as Forças Armadas, como se vê, hoje em dia, a ida em massa para a Engenharia, vai haver, agora, a corrida para o Jornalismo. Isto porque, com a revolução na Imprensa, chegou a vez do repórter.

Foi um diretor de jornal — não lhe dou o nome, pois foi pedido sigilo — que disse a outro:

«— Na atual situação, a imprensa carioca precisaria, no mínimo, de uns 400 bons repórteres, para que todos os jornais fôssem atendidos. Na praça existem, quando muito, 40 bons repórteres.»

Não mentiu. Talvez tenha exagerado um pouco, mas só um pouco, em achar que seriam precisos 400 bons repórteres.

Esses «bons repórteres» estão ganhando, hoje, no Distrito Federal, de Cr\$ 25 a Cr\$ 30 mil. As «estrelas» (os melhores) estão recebendo de Cr\$ 35 a Cr\$ 50 mil. Os outros, vendem sua exclusividade por Cr\$ 10 mil. É verdade que não trabalham pouco, mas o que recebem compensa.

♦ **COMEÇOU A REVOLUÇÃO** — Foi a REVISTA DA SEMANA (e disso ela se orgulha) quem deu início à revolução. Com sua nova fase, abriu caminho à nova geração da imprensa.

Quase que na mesma época — e isso há quatro meses — a «Manchete» era entregue a um outro diretor, Nahum Sirosky, que foi obrigado a renovar todo o seu quadro de repórteres.

Já, então, o mercado começou a solicitar repórteres.

Entre os jornais a revolução começou pelo «Diário de Notícias». Com Prudente de Moraes, neto, no comando da redação, o possante órgão foi se adaptando, se renovando. Chegou inclusive a abrir a seriíssima primeira página para fotografias de esporte. Foi necessário contratar um maior número de repórteres, pois o jornal todo se dinamizou, a cobertura se elasteceu. Há uns dois meses, o «Jornal do Brasil» — que como disse um nosso professor de técnica jornalística, não era jornal, era banca de anúncios — resolveu ser, realmente, jornal.

Odilo Costa Filho assumiu a direção e procurou repórteres — todos do estilo moderno — para dar uma sacudidela na redação do «vetusto» «Jornal do Brasil». Entrou devagar, convidando ora um, ora outro, sem querer apressar, nem precipitar a transformação. Há menos de 15 dias, o «Jornal do Comércio» foi vendido, por Cr\$ 41 milhões, pelo sr. Elmano Cardim, ao sr. San Thiago Dantas e seu novo chefe de redação, Otávio Thirso, iniciou a renovação.

Talvez porque tivesse maior disponibilidade, talvez porque sendo o jornal mais velho, ou por qualquer outro motivo que não vem ao caso,

REVOLUÇÃO NA...



«Tribuna da Imprensa» e «Diário Carioca», dois dos mais bem escritos jornais do Rio. Ambos, há muito tempo, resolveram formar profissionais, e organizaram assim, duas excelentes equipes. Agora, com a revolução por que passa a imprensa carioca, esses profissionais estão sendo cobiçados

a sacudidela foi mais violenta e mais ligeira do que a que vinha fazendo o «Jornal do Brasil». Esse viu a ameaça de perto e lançou-se, também, a contratar repórteres mais rapidamente.

A crise chegou ao auge. A par disso, anunciava-se que um outro jornal, «O Mundo», irá entrar firme no mercado, procurando melhorar sua posição. Para começar, em segredo, convidou o chefe de redação de uma revista para dirigi-lo, com carta branca e podendo levar, junto, toda equipe do quinquenário.

Os jornais com mercado certo, por sua vez, passaram a temer a concorrência e tentam prender seus repórteres, aumentando-lhe os salários e exigindo mais trabalho, para enfrentarem os rivais.

♦ **VALORIZAÇÃO INSTANTÂNEA** — Imediatamente, valorizou-se a profissão. Os salários cresceram. A procura é maior do que a oferta. O jornalista ganha novas posições. Os cargos de chefia são entregues a gente nova. Foi, também, um diretor de jornal quem deu a explicação para a atual situação, onde faltam repórteres e sobram empregos:

«— Estávamos pagando o preço dos tempos passados, quando o jornalismo não passava de «um bico», com os jornalistas contentando-se em receber «vales» e os jornais, devido ao empirismo da indústria, estavam em más condições financeiras.

«— Com aquele sistema, a profissão desvalorizou-se. Muitos — a maio-

ria — a abandonaram, procurando ganhar a vida de outra maneira. Uns outros dedicaram-se à publicidade e uns poucos, mais fiéis, que têm «cachaa» pela profissão, ficaram no jornalismo. Dentre esses, é ainda menor o número de bons jornalistas e dos que acompanharam a evolução, aderindo às técnicas modernas.

«— Por isso chegamos a esta situação.»

♦ **ACUMULAÇÃO** — O fato é que na velha lei da oferta e procura, quem está ganhando é a procura, maior do que a oferta. Quem leva vantagem são os repórteres, que já não sabem como fazer para atender a tudo.

O repórter político, Murilo Melo Filho, foi convidado para ser exclusivo de um jornal. Começou a somar os salários que percebe nos diversos empregos: todos em jornais e revistas e um na televisão, pois apesar de formado, não advoga nem tem outra qualquer espécie de ocupação. O lápis foi trabalhando. Quando chegou aos Cr\$ 55 mil — e ainda não havia somado todos — ouviu: «Pára. Até aí não podemos chegar».

Esse é um exemplo. Muitos outros podem ser citados de casos iguais ou parecidos, inclusive o deste repórter que não sabe nem quantas horas lhe sobrarão para dormir.

Ninguém pode pagar a soma dos salários de qualquer bom repórter. Esses, tentados pela possibilidade de ganhar dinheiro, não enjeitam em-

«Jornal pelo me

pregos. que que

♦ **OS M** rio Cari jam pag ténicam american já direto na orde repórter, aperfeiço leitor co re) e ou se, proc matérias «Diário (seus pro sam vir importan

♦ **CON** e três ar é mesm

COM 50%
TORISTAS

JORNAL DO COMERCIO

INTELECTUAIS DOS E UNIDOS
PARA FORÇAS DOS ALIADOS

PODERA EM REFORÇO
O BATALHÃO DE SUEZ

NO ORIENTE MEDIO
INICIA A ATACAO

Telefone para
o Exterior

VIA RADIOGRAMAS
Número 52-6000

AMEACAS JESUAS A NOROCCIA

A ENFERMIA SUEZ
A AMERICA LATINA

PERAL DEFENDE A
POLITICA FRANCESA

VORTALECIMENTO DO PAUTO
VAROVIA ANENCIA BULGASIA

JORNAL DO BRASIL

NEGADO REGISTRO A VERDA PARA NAVEGACAO 35.000 CRIANCAS NAS ESCOLAS POMBALIAS
Sendo vendidos os motoristas de praça os carros de luxo entrados desarmados

HOMEADA A COMISSAO QUE VAI ESTUDAR O AUMENTO DAS PASSAGENS DOS BOMBOS
Além de emine medico, cogitate de reforma nos demen ramos do curso superior

Quirido e acrecido em segredo de Justiça o famulo do General Correia Lima
O Epio no acciao o pedido ocidental para que o Canal de Suez seja "isolado" de politia

MAKAROS PODERA E PARA ONDE FORÇA INTERNACIONAL PATRULHARA
QUISER, EXCETO PARA CHIPRE A FRONTIERA ENTRE ISRAEL E EGITO

Tito esta novamente em litigio com o Kremlin
Pronuncia-se Pio XII sobre o futuro do Velho Mundo

LE PARISIENS - 3 CADERNOS
ESTE FOI O GOAL DE EMPATE QUE JOEL PERDEU



«Jornal do Brasil» e «Jornal do Comércio». Dois dos mais antigos jornais do Brasil. Um já está se renovando. O outro (vendido agora) entra pelo mesmo caminho. Ambos se lançam à conquista do mercado, de novos leitores, e conseqüentemente de prestígio e de receita comercial

pregos. Fazem os mais estranhos horários e procuram atender a todos que querem o seu concurso.

◆ **OS MAIORES SACRIFICADOS** — A «Tribuna da Imprensa» e o «Diário Carioca» estão sendo os dois maiores prejudicados. Não porque estejam pagando salários menores, já que pagam igual, mas porque são, tecnicamente, os jornais mais bem escritos, dentro da moderna técnica americana. São os precursores do «lead» (técnica de começar a matéria já direto no assunto, sem rodeios, eliminando o chamado «nariz de cera»), na ordem direta, simples, clara, de poucos adjetivos, sem a opinião do repórter, para dar liberdade ao leitor de fazer o seu julgamento (com o aperfeiçoamento o repórter consegue — sem opinar — fazer com que o leitor conclua da mesma maneira que ele, mas não opina, apenas sugere) e outros requisitos da técnica. Os jornais que estão querendo renovar-se, procuram os repórteres e os «copy desk» (homem que reescreve as matérias, dando o mesmo estilo a todas) da «Tribuna da Imprensa» e do «Diário Carioca», que estão se vendo em dificuldades para não perderem seus profissionais e não permitir que acumulem tantos empregos que possam vir a prejudicar o jornal. Aumentam salários e oferecem cargos mais importantes dentro da organização.

◆ **CONVOCAÇÃO DOS ANTIGOS** — A nova geração — gente com dois e três anos de imprensa — já não está dando conta do recado, pois isso é mesmo impossível. Todos os «veteranos» de valor — e é com respeito

que falo nêles — estão sendo convocados. É o caso de Joel Silveira e Rubem Braga, que de raro em raro deixavam suas colunas para escrever reportagens e, já agora, estão voltando mais assiduamente à reportagem, pois o preço que lhes pagam já compensa essa maior colaboração.

◆ **FOTÓGRAFOS ESPERAM** — Virá, também, a corrida entre os fotógrafos. Eles apenas esperam que o «Jornal do Brasil» e o «Jornal do Comércio» completem a reforma, com o uso de fotografias, como qualquer outro.

Sua vez chegará.

◆ **TODOS VÃO SER JORNALISTAS** — Com a valorização da profissão e aumento dos salários, vai haver a corrida para o jornalismo. Muitos jovens irão para as redações ou para os cursos de Jornalismo — duas faculdades já têm — procurando ganhar a vida. A «Tribuna da Imprensa» vai abrir um curso de formação, que será ministrado por Carlos Lacerda e por Hernando Alves, professor de técnica da Faculdade Católica. «O Globo» procura conquistar os alunos recém-formados em jornalismo e, praticamente, encampou o curso da Faculdade Católica. «O Jornal» já abriu concurso para repórteres. Os outros acabarão aderindo à idéia e vão surgir muitos alunos.

Enquanto isso, — nessa revolução — nós ganhamos a vida. Mas como trabalhamos!

PÁGINAS DO GALO BRANCO

O BARÃO DE SAAVEDRA

★ Tomás Pinto da Cunha, Barão de Saavedra, banqueiro de primeira ordem, era um homem categórico. Dava a impressão de nunca duvidar do seu próprio pensamento; de suas afirmações se depreendia uma plácida mas dura certeza. Sabia que sabia as coisas. Era um homem de finanças positivo, realista, claro, correto. Mantinha-se intimamente ligado ao seu Banco, o Boa Vista, que ele construíra, elevara, transformara numa espécie de obra-prima no gênero. Saavedra necessitava de grandes certezas para viver, para manter-se de pé, para movimentar-se, para ter alegria e ânimo. Uma das certezas indispensáveis ao seu equilíbrio era a confiança no bom, no grande destino do Brasil. Precisava crer no Brasil para suportar tudo o que de mau lhe aparecesse no caminho. Ora, manter permanente e inalterável a fé neste país, é tarefa das mais difíceis. Os maiores patriotas duvidam constantemente, tropeçam em abismos de perplexidade e hesitação todos os dias. Saavedra era uma rocha de certeza; este país cresce, este país caminha, este país é um dos maiores do mundo, dizia ele. E provava com o lápis de côr na mão: «Ouve aqui filho. Tu não vês que em nenhuma outra parte do mundo se verifica este fenômeno...» E ia adiante mostrando por todos os meios que esta nação teria magnífico, poderoso, incomparável futuro. Quantas vezes desanimado, vencido na minha louca mania de trabalhar e desenvolver o Brasil, magoado e desiludido com os erros dos nossos homens públicos e com a falta de visão de quase todos, não ia eu procurar o Barão no Banco e receber o choque, tantas vezes irritante, de sua inteiriça confiança em tudo. — Não te apresses, filho, em julgar as coisas assim. Lembra-te do que era o Brasil, limitado, pequeno, de trinta anos atrás e vê no que se transformou, na coisa enorme que é. Seriam necessárias mil gerações de vândalos, seguidas, mil gerações totalmente compostas de seres nefastos para deter este colosso! Não te deixes impressionar nem abater; amanhã tudo se apresentará diferente aos teus olhos.»

★ ★ ★

O Barão, como o chamávamos todos, estava longe de ser um louva-a-deus de parreira, um otimista beato, um côr-de-rosa. Via as coisas com objetividade e sua confiança era tão mais forte e verde quanto nascida de um espírito crítico, agudo, constante e sempre disposto a soltar a língua. Não poupava a observação até mesmo contundente. Falava do Brasil como o português tem o direito de falar — com um tom apaixonado e meio paternal.

Nada surpreendia mais, nada feria mais ao Barão do que lembrarem os seus inimigos — pois os tinha na raça dos invejosos — que ele era estrangeiro, que não nascera aqui. Na verdade, era mil vezes

mais brasileiro do que a grande maioria dos nacionalistas de meia-tigela, que gritam em língua angoleza zelos patrióticos. Era brasileiro porque foram os seus maiores que vieram fundar este país, porque construiu sua vida aqui com honestidade exemplar, com alta competência; era brasileiro também porque encontrou aqui, numa graciosa, bela e lúcida rapariga, a companheira admirável, a mãe de seus filhos.

★ ★ ★

Lembro-me que os acanhados nacionalistas conseguiram, num dos tremores dos agitados anos revolucionários que aqui vivemos, introduzir nas leis que eram decretadas às dúzias, um dispositivo que negava ao homem não nascido na taba sagrada e não naturalizado, o direito de ser diretor de Banco. Saavedra sustentou o golpe duro de pé. Não se submeteria a naturalizar-se por interesse. Era um português de raízes fundas, um português do rei, da grei e da lei — e não seria um impedimento de natureza material que o faria renunciar à pátria em que nascera, à glória de ser um lusíada. Preferia deixar a direção do Banco a ser brasileiro à força, ele que era brasileiro porque português em primeiro lugar, e brasileiro por opção, por amor e tudo o mais. Tomás, Barão de Saavedra não vergou. A lei maluca foi posta abaixo.

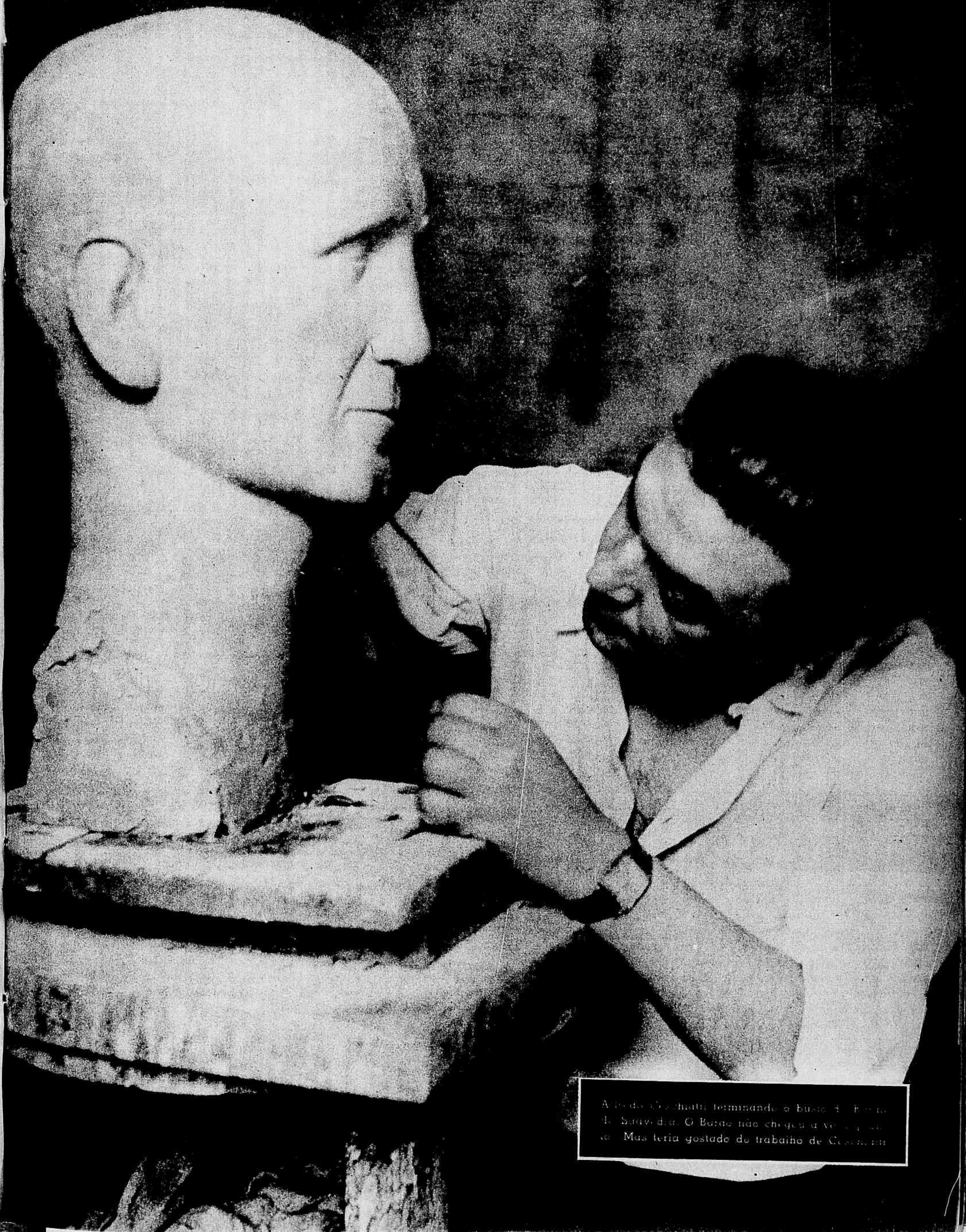
★ ★ ★

Lembro-me que me deu crédito nos anos mais longínquos de minha vida, quando de crédito mais eu precisava para começar a agir. Viajei pela primeira vez aos Estados Unidos a fim de começar o meu trabalho porque o Barão não só me aconselhou a que o fizesse como me ajudou financeiramente. Não raro discutíamos; ele às vezes tomava partido contra minhas efêmeras paixões, e isto nos colocava em posição de antagonistas provisórios. Mas, amigos sempre fomos. Creio que o divertia ver-me lutando contra moinhos de vento. Querido Barão, português e brasileiro como ninguém o foi tanto. Homem elegante e com o gosto de dar conselhos, que se esforçava em parecer um duro, um implacável mas que era uma natureza sensível pronta a comover-se rapidamente, a sentir as aflições alheias. Com a mão na cava do colête, o chapéu no alto da cabeça, sempre implacavelmente bem trajado, quanta inveja suscitou! Gostava de ter ares frios de vencedor, quando era solidário com os amigos nas horas difíceis. Devo-lhe muitas provas de amizade. Faz-me falta; às vezes preciso que ele prove que ando errado, que ando com caraminholas e que apesar dos desacertos dos homens o Brasil vai bem, obrigado...

cia-
airo
que
om-
gra-
de

dos
tro-
ga-
rei-
pé.
quês
não
ciar
ixar
airo
por
lei

de
r a
çar
fi-
êle
nos
em-
de
foi
se
uma
afli-
da
tou!
n os
-me
ndo
rasil



A todo o momento, terminando o busto de Barão
de São João. O Barão não chegou a ver o busto
de São João. Mas teria gostado do trabalho de Cezanne.

CRÔNICA

OS TROGLODITAS

♦ Se a augusta «grandmother» ainda existisse, também não entenderia nada, ela que foi criada seguindo à risca os preceitos da escola antiga e prezando, antes de tudo, o que lhe vinha da terra que amou como ninguém. A «grandmother» tremeria nas sandálias por ela mesma bordadas à sombra dos cajueiros maragogipanos, se lhe fôssem dizer que namorico era «date», que frio pela espinha era «suspense» e que até as mulatas sestrosas e bambolean-tes de sua terra baiana se tinham transformado em «coloreds»... Esta — direis — não é mais a época da «grandmother» e tendes toda razão. Tanto assim que Mister Eco — para não fugir à moda e para que lhe não chamem de antiquado, borocochô e quejandos — arquivou também a meiga e doce «avózinha» de memórias tantas, substituindo-a pela «grandmother», que é mais chique e faz coerência com a terminologia de importação ou nascida das profundas lucubrações dos nossos tão necessários colunistas sociais... É mais sensas, é mais kar, é mais catu! Vêde vós: é mais catu!... Palavra que o Augusto Mister gostaria de ver o semblante da «grandmother» quando aquele rapaz de cabelos glostorados se aproximou da moça bonita à mesa do bar,

e a coisinha muito loira sorriu um sorriso irresistível, convidando-o amavelmente:

— Sentáune!

E ele sentou-se... Começou em conversa amena, sussurrante, fazendo duo com o pistão de surdina que gemia o «love is many splendored thing», para terminar em discussão, quase despertando ímpetos «rock'n rollianos» na bateria... Discussão que só não chegou à desdita de uma Ekberg pelo temor do ambiente, já que eles não se encontravam no «Sacha's», não senhores. Mas chegou ao fim com aquele diálogo fatal:

— Quer dizer, então, que está tudo acabado, não é? É o «end», não é?

— Exatamente. «darling». «Sifinite»...

E, quando ela se foi abruptamente e ele saiu no mesmo ritmo, aquela outra moça, na mesa ao lado, não se conteve e comentou:

— Mania que essa gente tem de falar língua estrangeira. Agora todo mundo é... troglodita!

E acrescentando num muxôxo, misto de indignação e despeito:

— «Sifinite» para vocês também...

Salazar e Jorge Henrique — pistão e órgão — com as «crooners» Dora Camargo e Geny, movimentando as noites e as feijoadas sabatinas da «boite» Fiesta, sempre com boa frequência.

♦ O Clube do Cinema, sob o comando de Orêncio Tinoco, voltou a funcionar, desta vez à rua Rodolfo Dantas 16-B, local onde, até bem pouco tempo, era o Restaurante Roial, ruinzinho que só vendo.

♦ Em «Rumo a Brasília», revista pela Cia. Silva Filho, Consuelo

CONSUMAÇÃO MÍNIMA

Leandro será a «estrêla», voltando assim aos palcos cariocas e como srta. Agildo Ribeiro.

♦ Tito Madi canta mansinho e mostra as notívagos as suas belas composições no «Little Club» de Mário e Pino, acompanhando-se ao violão ou com o piano macio de Ribamar.

♦ Norma Sueli, a cantora que ainda não se resolveu pelo clássico ou pelo popular, é a atual atração cantante do «Pôsto Seis». Aquêles decotes, porém, são definitivos.

♦ Uma nova «boite» deverá surgir no Leme, apresentando «shows» de grande montagem, de propriedade de Agnelo Martins e Valdir Calmon, os afortunados donos da Arpège.

♦ «Fred's» é a nova bossa (bar, «boite» e restaurante) aparecida

na orla marítima, que está dando o que falar.

♦ A frase mais curiosa ouvida por Mister Eco na semana que passou, vem num baião de Catulo de Paula e diz: «A música do Ceará balança as traseiras do mundo...»

♦ E vamos aguardar a volta de Edite Piaf a vinte e seis dêste, no Copacabana, uma cantora, antes de tudo, para ser vista, que não é moça nem bonita, mas quando aparece em cena vira anjo.

A MOÇA DA SEMANA

★ Luzia Vitória — a boneca Zizica dos «shows» da «boite» «Night And Day» — uma das mais insinuantes e queridas bailarinas da noite vadia.



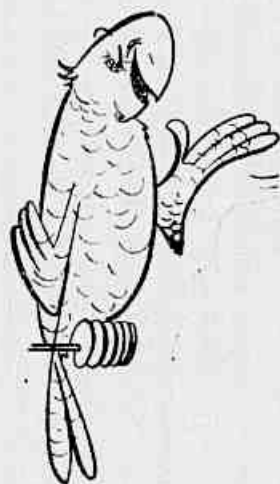
NORMA SUELI
no «Pôsto Seis»



TITO MADI
no «Little Club»

A ARARA TOPOU

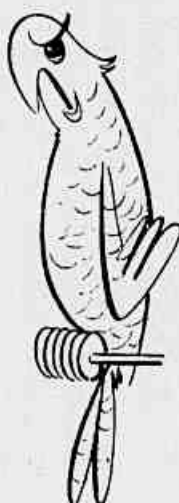
♦ A Arara, como sabeis, tem uma afeição toda especial pela boite «Night and Day». Lá, ela viveu as suas noites de glória, lá ela se fez vedeta e fez um herói no incêndio de primeiro de maio, na pessoa daquele rapaz que a salvou de ser devorada pelas chamas. Está, pois, satisfeita com a programação diária da «boite» do Serrador, apresentando três «shows» por dia, além do tradicional almôço das celebridades pátrias, méritos que pertencem ao sr. Djalma Monte, seu arrendatário, a quem a bichinha notável faz justiça nesta louvação.



★ *INFELIZMENTE* mas como era de esperar, a obra profilática que está sendo realizada por este semanário, através palpitantes reportagens sobre o teatro de variedades e seus donos, não tem sido bem compreendida por alguns interessados em desmoralizá-lo — esse gênero de teatro — cada vez mais.

A ARARA CHUTOU

♦ Compreendeis que uma vedeta que se preza não pode prescindir de suas plumagens e muito menos abrir mão da riqueza do colorido, suas ferramentas de trabalho. Daí a Arara ter chutado a nova decoração do bar que já foi Cangaceiro e hoje — sabe-se lá por que — é «Mon Caprice», decoração que fez desaparecer os belos painéis de Aldemir Martins para que em seu lugar surgisse uma luz vermelha, verdadeira amiga da onça da beleza feminina. Fica tudo com cara de quarta-feira de cinzas.



LAN - caricaturista - responde PÃO, PÃO - QUEIJO, QUEIJO

"EUROPEU EM GERAL TEM A CERTEZA DE QUE A CÔR NÃO PEGA..."

Pão — Diga o seu nome todo:
 QUEIJO — Lanfranco Ricardo Aldo Vaselli Cortellini Rossi Rosini, chega?
 Pão — Nacionalidade?
 QUEIJO — Italiano de Florença.
 Pão — Já esteve na África?
 QUEIJO — Na outra encarnação... Bons tempos!!!
 Pão — Que é fundo conjuntival alérgico à claridade?

QUEIJO — Bem. O meu oculista diz que é a hiper-sensibilidade da minha conjuntiva (aquela membrana que forra a parte anterior do globo ocular, ligando-a à pálpebra, «morou») perante o excesso de claridade...

Pão — Entre Marilyn Monroe e Dorothy Dandridge, você ficaria indeciso?

QUEIJO — Nunca! Prescrição médica não é brincadeira, meu caro Mister! Nesse caso, Dorothy Dandridge tem qualidades altamente terapêuticas para o meu findo conjuntival alérgico, não é?

Pão — Ultimamente, você tem visto as coisas pretas?

QUEIJO — Pelo menos, de «morenas» escurecendo... só.

Pão — Vão bem, as «coisas»?

QUEIJO — Muito bem graças a Deus... pretíssimas!

Pão — Qual a mulata mais sestrosa destes brasis?

QUEIJO — Uma que está na fila da «vaca leitera» todas as manhãs, quando volto para casa. Mas, haverá mulata nesta terra que não seja sestrosa?

Pão — Cite três negros de talento:

QUEIJO — O número pedido é muito restrito, Mister. Poderia citar três mil. Vá lá, porém: Grande Otelo, Haroldo Costa e Heitor dos Prazeres.

Pão — E negras, ein?

QUEIJO — Rute de Souza, Zeni Pereira e Lea Garcia.

Pão — Quem, mais que você, tem a certeza de que a côr não pega?

QUEIJO — Europeu em geral...

Pão — Qual a sua contribuição — além do elenco naturalmente — para «Orfeu da Conceição»?

QUEIJO — O meu aplauso entusiasta e sincero.

Pão — Até onde vai a sua experiência teatral?

QUEIJO — Até onde começa a dos empresários.

Pão — A vida é uma caricatura do que deveria ser ou você faz somente a caricatura da vida?

QUEIJO — A vida é um negócio muito sério, meu dileto Mister, que nós transformamos em caricatura. Assim, a vida se reflete em milhares e milhares de caricaturas diferentes, que eu procuro reproduzir especificamente em cada sujeito.

Pão — Dos personagens da «noite vadia», qual o que mais lhe agrada caricaturar?

QUEIJO — Todos, sem distinção. Agora mesmo estou preparando uma exposição com cem figuras da noite carioca e outras cem da noite ban-deirante.

Pão — Sendo estrangeiro, porque você é sócio honorário ou proprietário das principais escolas de samba?

QUEIJO — Gentileza dessa gente boa que me considera carioca por vocação.

Pão — E é também «Pai de Terreiro»?

QUEIJO — Ainda não...

Pão — Você já descobriu que é que a baiana tem?

QUEIJO — Já, «sim sior»... mas não digo.

Quem quiser saber que faça como eu fiz...

Pão — Cite três sambistas de raça:

QUEIJO — Cartola, Geraldo Pereira e Ataulfo Alves.

Pão — Finalmente, quando você joga pôquer também vai no «escuro»?

QUEIJO — Não, Augusto Mister! Se o fizesse, ficaria «em branco»...

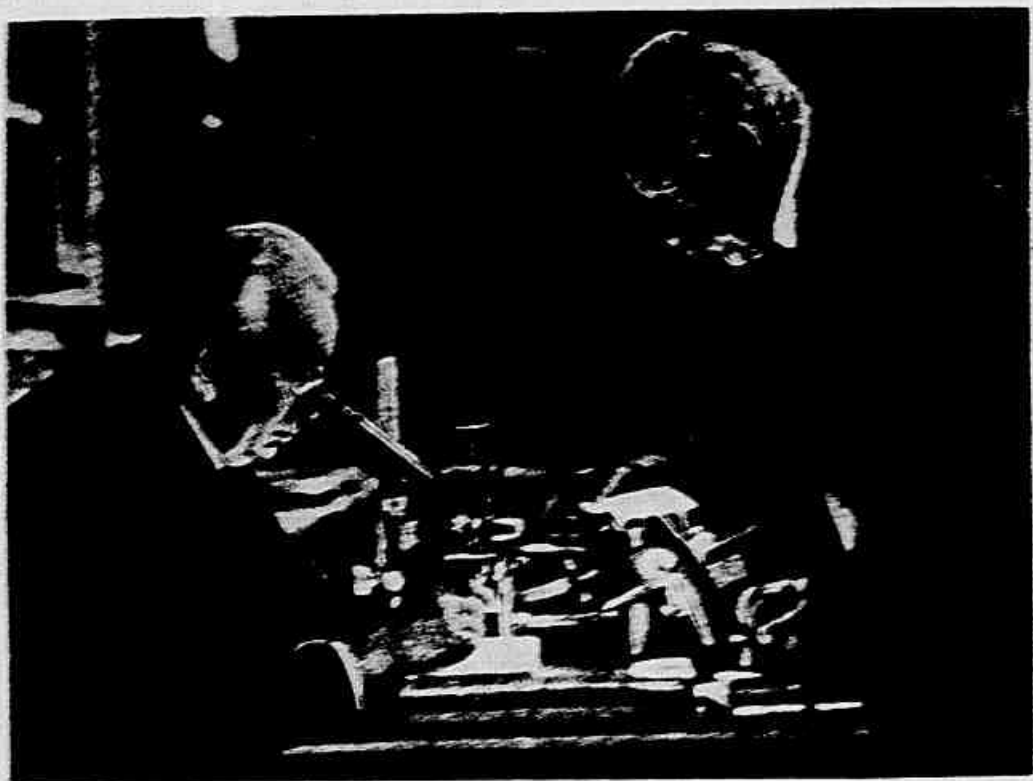


TEU CENÁRIO É UMA BELEZA

★ O «slogan» é de Stanislaw Ponte Preta — o vivo e fero abiscoitador dos prêmios de televisão — e a moça é Luana, o maior sucesso de «Vivan los Panderos», «show» que, recentemente, esteve em Punta del Leste mostrando o reboledo indígena, para embasbacamento de loiros turistas e artistas famosos. Luana aparece nesta edição de «Noite Vadia» como elemento provocador do fundo conjuntival alérgico à claridade, de que nos fala o Lan...

FORTUNA (pictures) APRESENTA

THE END

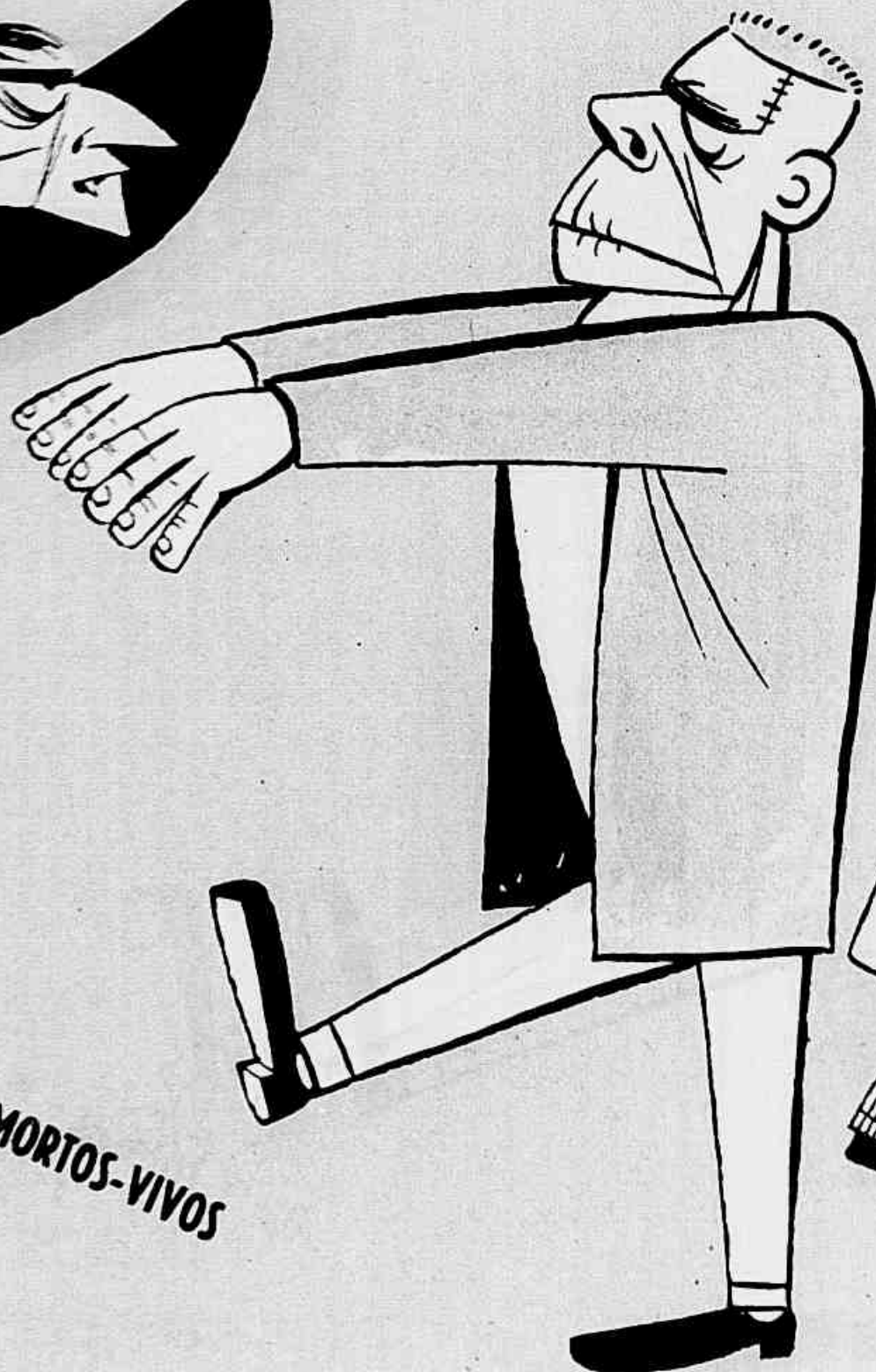


VILOES

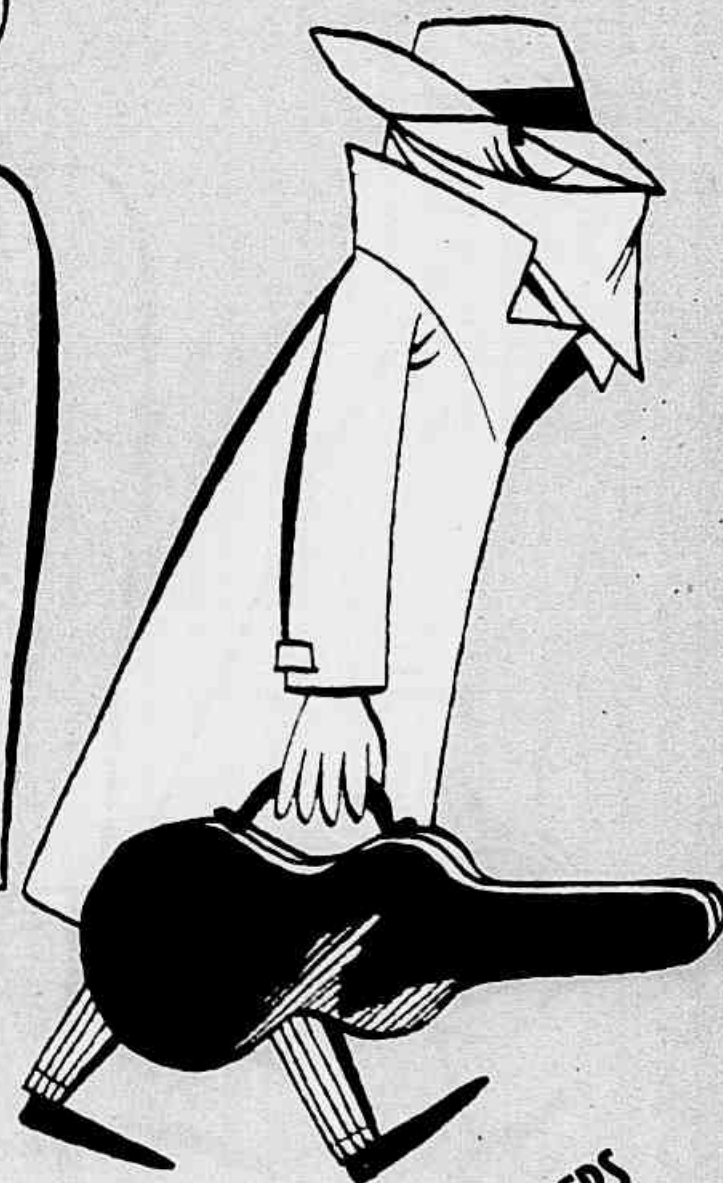
MULHERES
FATAIS



VAMPIROS



MORTOS-VIVOS

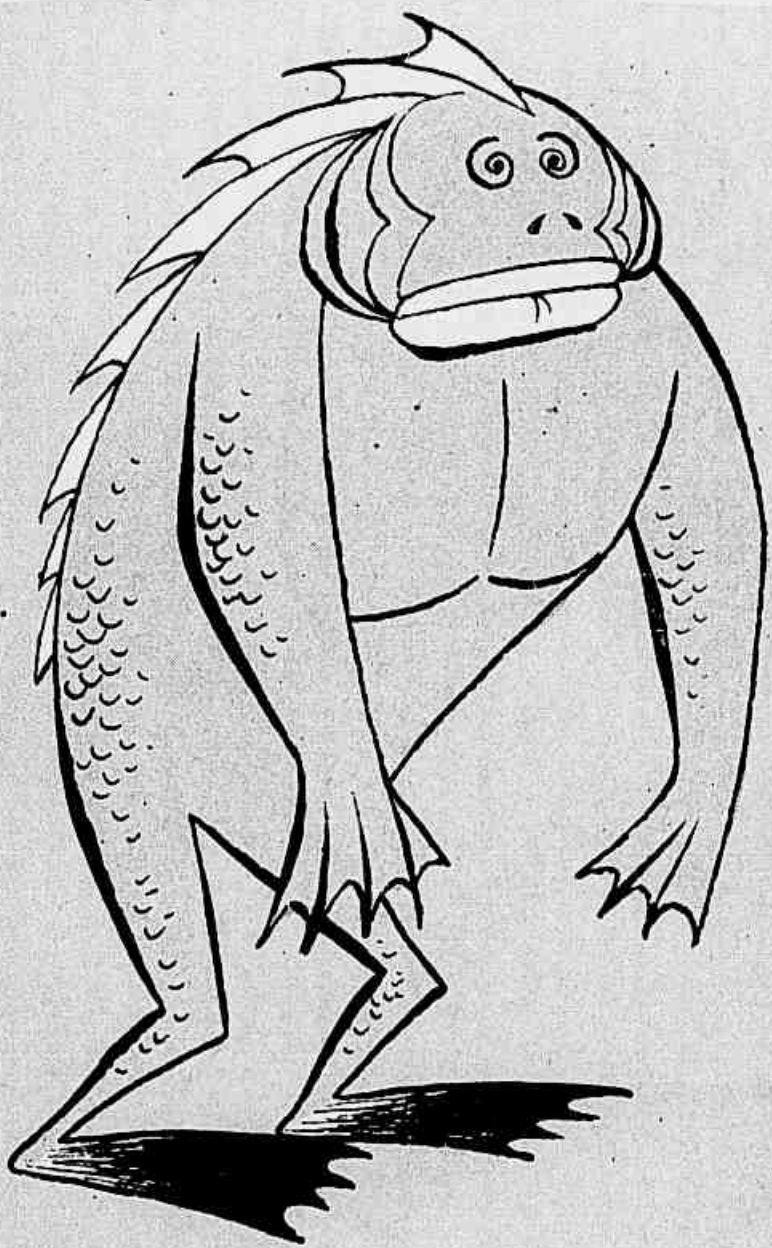


GANGSTERS

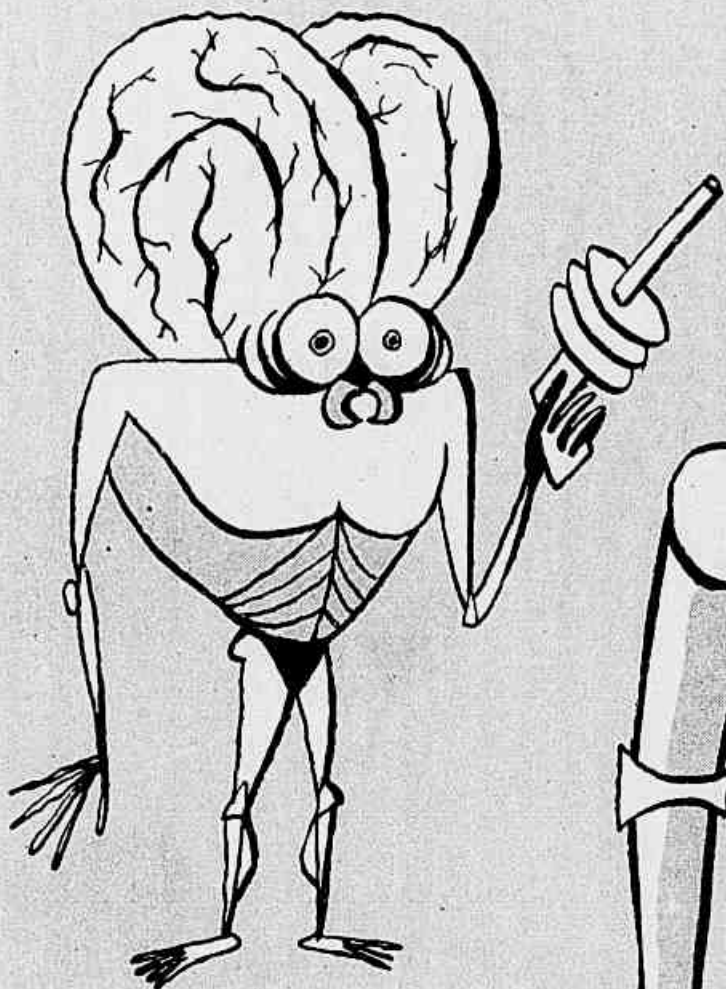


MONSTROS
AMAZONIAIS

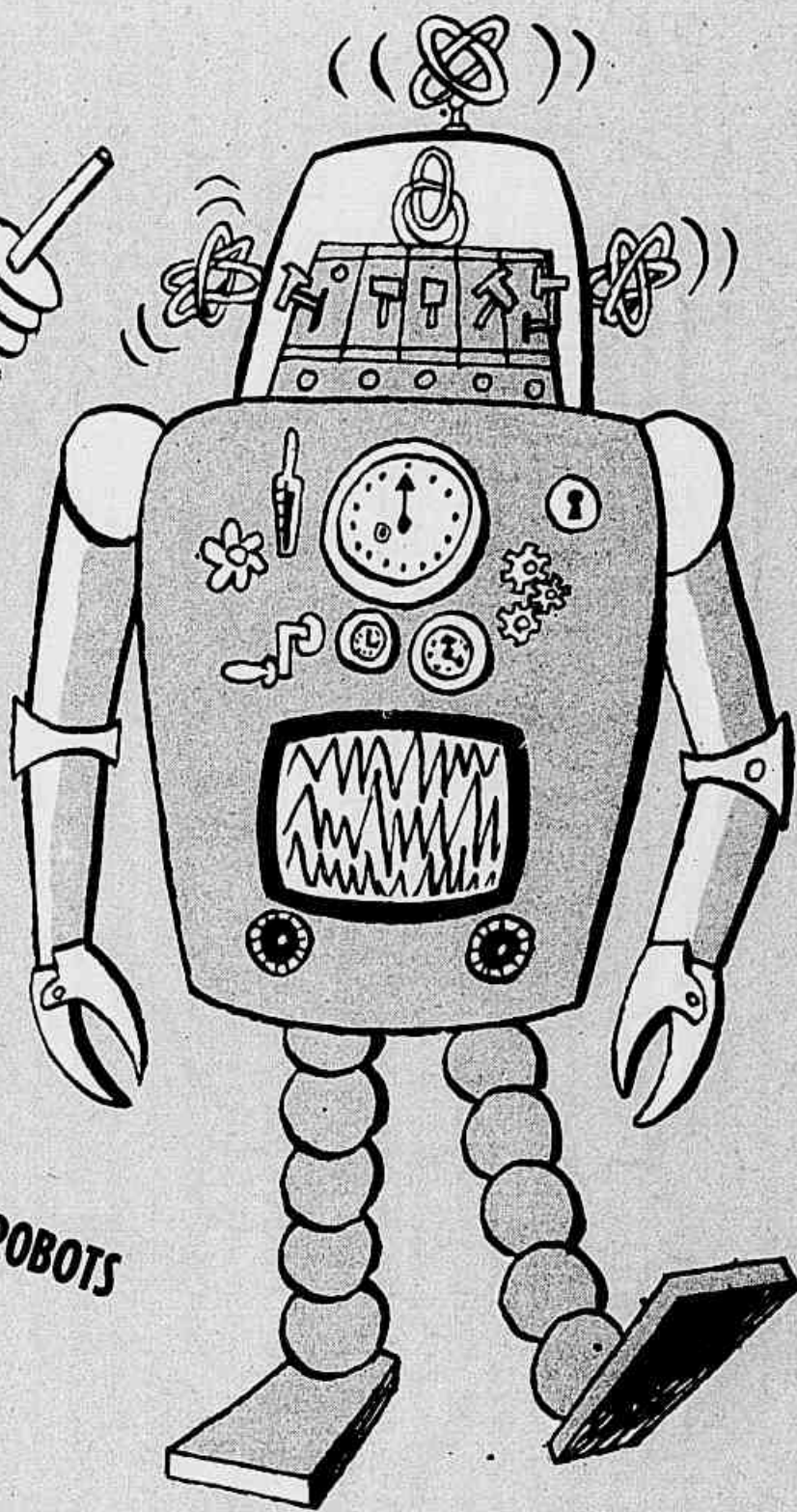
CRIMINOSOS



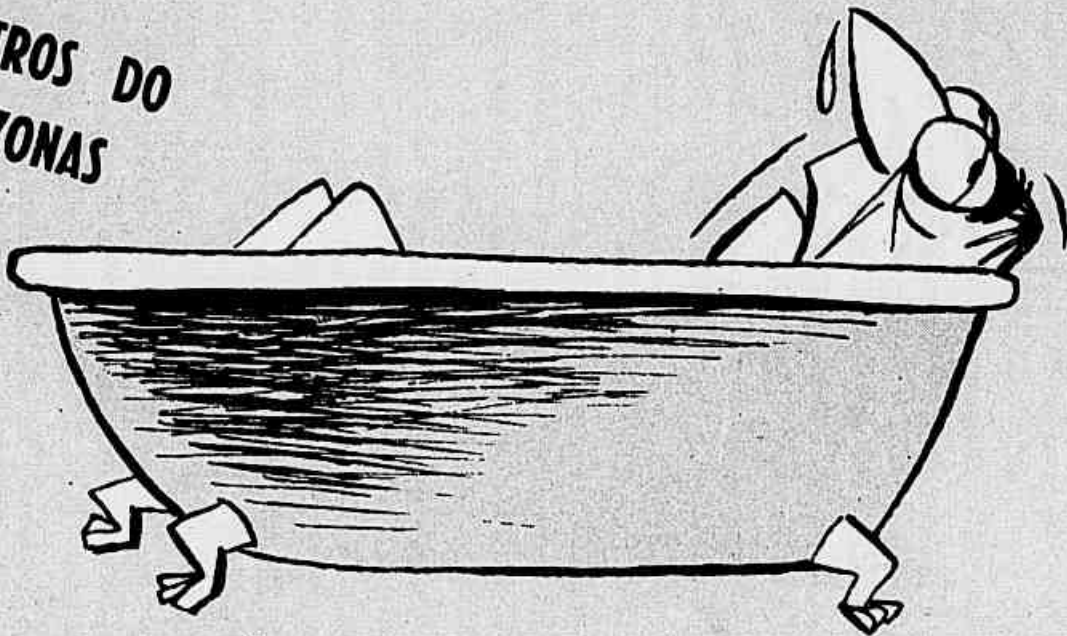
MONSTROS DO
AMAZONAS



MARCIANOS



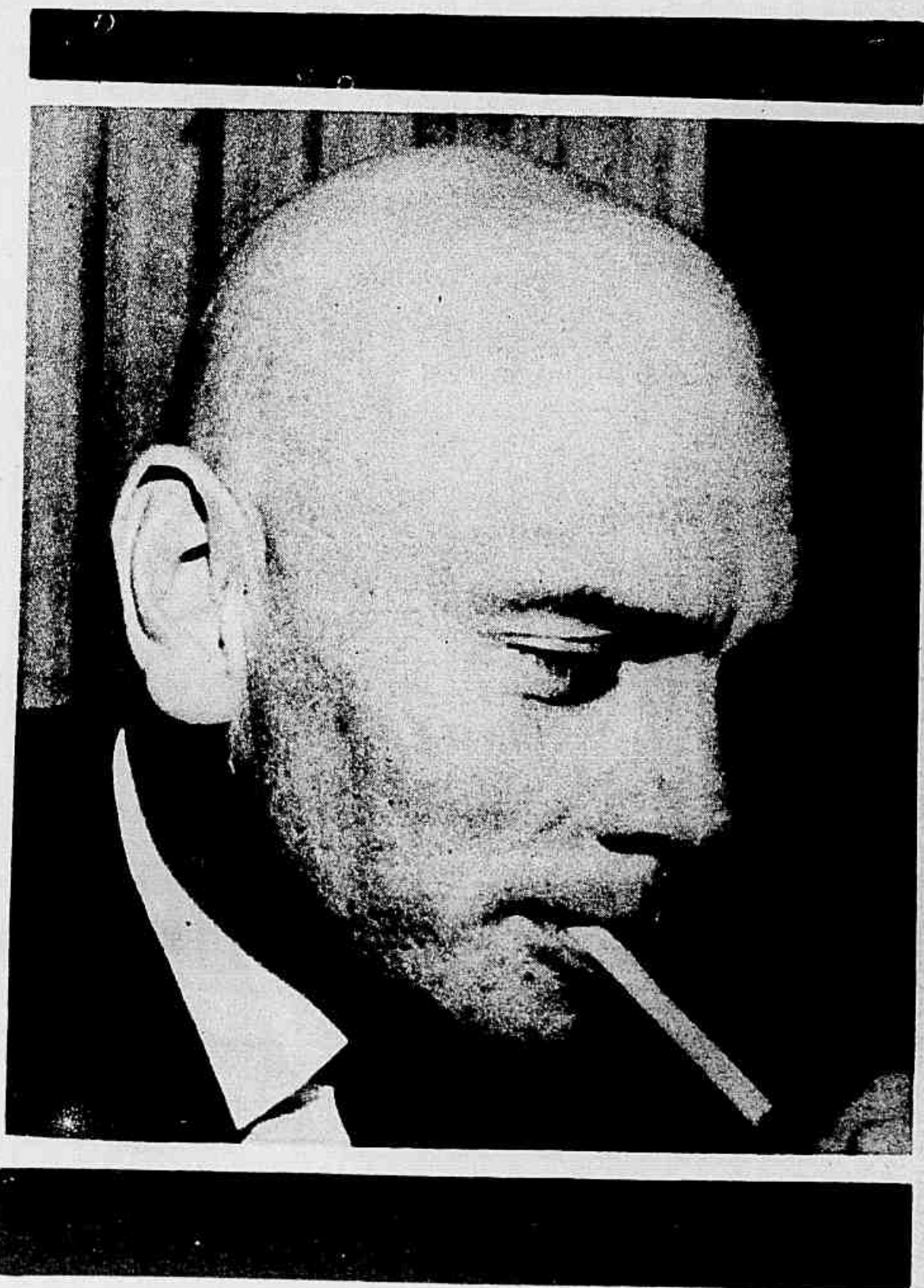
ROBOTS



CRIMES PERFEITOS



e JUVENTUDE
TRANSVIADA



CAFFORICO



Fadel abraça Salih pela conquista do tricampeonato. Nessa hora tudo era alegria. Mas só o técnico sabe o que lhe custou a conquista desse título

N
S

— L
rior o
mesm
tenho
ciona
A pro
nhas
profis
que p
E a A
geraç
êles)
como

◆ FA
mesm
Discut
estão
cebe
tes. i
lhe pe
Seg
ainda
— D
desde
condu
país q
que a
de tra
dou as

◆ CR
seguid
tanto
nada
técnica
rinho
mundo
sentir,
conseg
dadeira
vivia n
qual o
pareça
sentam
era Do
autêntic

◆ PRE
instrum
possa t
Solich
de entr
mento i
se sent
tarefa
dispens
E con
— Na
com os
haveria
tivamen
para a
melhor
E estes

NO FUTEBOL BRASILEIRO AINDA SE ACREDITA EM MILAGRES

COMPARAÇÃO ENTRE O FUTEBOL BRASILEIRO E O ARGENTINO — OS BRASILEIROS DISCUTEM MUITO E SÓ ESCOLHEM O TÉCNICO E OS JOGADORES, QUANDO NÃO HÁ MAIS TEMPO PARA DISCIPLINÁ-LOS E TREINÁ-LOS — IMPREVIDÊNCIA, E DESORGANIZAÇÃO — A IMPRENSA NÃO TEM CULPA — DESCULPA PARA O TRABALHO MAL FEITO: «SÃO COISAS DO FUTEBOL»

Reportagem de LUIZ AMARAL

— Não vejo razão alguma para considerar o futebolista brasileiro inferior ao argentino — É «don» Fleitas Solich quem responde e afirma ao mesmo tempo. — O que há de indiscutível é a maior seriedade dos portenhos, ao tratar do «scratch» nacional. Não sai da Argentina um selecionado que não tenha possibilidade de triunfo, em canchas estrangeiras. A prova do que digo está na longa ausência de representações portenhas em certames oficiais, quando da debandada de craques, na crise do profissionalismo, há alguns anos. Faltava, então, material humano com que pudesse contar o técnico permanente. Ouvido a respeito, disse «não!». E a Argentina esperou, novamente, a sua vez. Já com elementos da nova geração em condições de arcar com a responsabilidade (sagrada, para eles) de envergar a jaqueta da A. F. A., Stábile pediu tempo e organizou como podia.

♦ **FALTA DE TEMPO, INIMIGO MORTAL** — Já no Brasil não ocorre o mesmo. Elabora-se uma lista, semanas antes do início do campeonato. Discute-se até à última hora em torno do nome do técnico (quase todos estão «queimados» devido a uma só e única causa). E, quando se percebe que apenas um ou dois treinos poderão ser realizados para os «cortes» indispensáveis, acelera-se uma indicação. Com a falta de tempo a lhe perturbar o sono, o técnico só o que tem a fazer é jogar com a sorte. Segue, depois de uma ligeira pausa, parecendo ter compreendido mais ainda o sentido dado à sua dissertação:

— De minha parte, acho que a reputação do condutor corre sério perigo, desde o momento em que aceita a incumbência. Primeiro, porque sua conduta se reflete de modo direto sobre o prestígio da entidade e do país que representa. Depois, pelo seu próprio nome. Creio, sinceramente que a idade não me oferece a menor chance de recuperação em hipótese de fracasso. Por isso, ao ver que o inimigo mortal me espreita, não lhe dou as costas de vez e tão pouco o enfrento, por medida de precaução.

♦ **CRAQUES DO MESMO QUILATE** — Quem observa os de lá e, em seguida, estabelece a comparação com os de cá, conclui de imediato que tanto uns como outros são craques do mesmo quilate. Não variam em nada. Assimilam com rara facilidade os ensinamentos ministrados pelo técnico. Aprimoram suas virtudes com rapidez espantosa. Adoram o carinho à esfera. Empolgam multidões tanto aqui, como ali, em todo o mundo. O mesmo sangue latino lhes dá a emotividade necessária para sentir, vibrar e executar, em fração de segundo, o que poucos europeus conseguem à custa de muito estudo, de muito treinamento. E tanto é verdadeira a semelhança de valores técnicos que, há muitos anos, quando vivia na Argentina, muito comuns se faziam as discussões para saber qual o maior zagueiro argentino de todos os tempos. Por incrível que pareça, as duas correntes formadas se agrupavam em volta de um representante do «soccer» portenho e outro, do futebol brasileiro. O brasileiro era Domingos da Guia, o mais famoso de quantos por lá passaram como autênticos embaixadores do Brasil, via esporte.

♦ **PREPARO MATERIAL** — Não é, porém, pelo fato de se ter à mão bom instrumento, que a ele se deixe de dar o cuidado indispensável para que possa ter o máximo de utilidade. Quanto ao atleta de futebol — acentua Solich — é como um jogador qualquer. De bilhar, por exemplo. Antes de entrar para a mesa com o adversário, jamais põe de lado seu treinamento individual. Pois sabe que, bem preparado, diante do «inimigo» não se sentirá diminuído, rendendo tudo o que pode e sabe. Há para essa tarefa de preparação um determinado período mínimo de duração. Indispensável.

E compara:

— No futebol se dá o mesmo. Com a agravante: são 11 (mais de 11, com os reservas) os que clamam por um treinamento individual. Só aí já haveria necessidade de uma dilatação considerabilíssima de tempo, relativamente ao «bamba» do bilhar. Imagine depois, quando o técnico entra para a fase de produção em equipe, com todos se movimentando para o melhor funcionamento do todo! Uma semana ou duas? Só com milagres. E estes não aparecem todo dia...

♦ **CONQUISTA PSICOLÓGICA DO CRAQUE** — O «player», quando concentrado, tem uma obrigação: manter a serenidade de espírito. Um homem agitado perde a lucidez. Visando mantê-lo tranqüilo e bem disposto para a luta é que existe o regime de isolamento antecipado do plantel. Juntos, técnico e jogadores, há troca de idéias, há brincadeiras, há desabaços, há, enfim, meios necessários e suficientes à colheita de bom material, pelo técnico, no seu trabalho de conhecer a fundo o temperamento de cada um. Isto, contudo, só se alcança, também com tempo, sem correrias e atropelos.

E, no terreno prático:

— Vê-se, inclusive, à guisa de ilustração somente, se um Zizinho, que há muitos anos não corre o tempo todo, no Bangu, tem condição para resistir ao «train» de jogo de um selecionado que «briga» por um título continental. Neste contacto permanente é que se observa até onde vai a forma física do craque e a receptividade de sua mente quanto a maior ou menor reação diante desta e daquela situação. Não basta ser craque. É preciso ver se pode ele desincumbir-se na equipe, como craque que sempre foi...

♦ **IMPRENSA, CASO À PARTE** — O sensacionalismo de informações e comentários da imprensa, rádio e televisão — merece dele um exame muito especial e acurado.

— O que se faz aqui, far-se-ia em outro lugar qualquer, se, um dia, o futebol fôsse tão apreciado e difundido como no Brasil. Há, neste ponto, uma pequena confusão de causa e efeito. A imprensa, ao contrário do que se diz, é efeito e não causa. Faz aquilo que o público aprecia, que os dirigentes determinam através de atos e resoluções, espelhando o que vai no organismo, no seio de entidades e clubes. Não podia ser outro, senão esse o seu papel, num ambiente como o nosso. Não merece censura por mandar fotografar craques da seleção brasileira até altas horas da madrugada, em plena manhã de Uruguai x Brasil, em 50, conforme tenho lido. Cabe a outras pessoas providenciar o remédio para os excessos. Antes. Nunca depois de consumada a decepção. Na Suíça, contou-me o Dequinha, mais de 50 jornalistas ficavam na concentração dos brasileiros, antes dos jogos. E havia discursos, brindes, emoções. Preparo psicológico de véspera, quando devia ser de anos!

♦ **«COISAS (MAL FEITAS) DO FUTEBOL»** — Estava o Flamengo na concentração, à espera do segundo jogo com o América, pela melhor de três, de 55. Tudo andava em ordem. Fui para casa, repousar um pouco. Deitado, liguei o rádio e ouvi o Pavão se dirigindo aos ouvintes da Continental, em animado bate-papo com Jorge de Souza. Noutra estação (a Tamoio) o mesmo entre o Tomires e o Brandão. Mudei a roupa e fui, rápido, para a Gávea. Era tarde. Os locutores, meus amigos, já se retiravam, após haver cumprido sua missão. E o resultado disso, sabe qual foi? Perdemos de 5. Na terceira, mandei até os juvenis embora da concentração. Ali não ficou ninguém, a não ser os jogadores, eu e meus auxiliares, mais o médico. Fomos bem no último «match». Levantamos o «tri». Por pouco não vi ruir por terra todo meu trabalho de três anos, unicamente por um fato de apenas alguns minutos. A perturbação tinha que ser evitada.

E, finalizando:

— O Flamengo jogara em Budapeste, e vencera de 5. Atuou, depois, contra o Rapid, em Viena e empatou muito bem. Vieram me avisar, ainda na capital austríaca, que jogaríamos 48 horas depois com aquele «quadrinho» que havia feito nossa preliminar. Não aceitei, claro. Relutei. Argumentaram com o contrato na mão, que não haveria empenho, etc. Tive que ceder. Pois o «timinho» jogou mais do que os famosos adversários anteriores. Perdemos de 1 x 0, com o Chamorro defendendo até pênaltis. Exclamaram, no refeitório, quando os ânimos andavam mais serenos: «São coisas do futebol...» Nada disso. «São coisas mal feitas do futebol!» Como muitas que tenho presenciado, por aí. E que devem acabar. Só com sua extinção, o Brasil encontrará o caminho que merece. Como está, pode ser...



Nicole, Noir e Blanc. Muito aplaudidos. Principalmente a modelo que é realmente uma beleza.

CHAPÉUS, CURVAS E MUITOS JORNALISTAS ABRIRAM A TEMPORADA DE MODAS

MODELOS BONITOS DESFILARAM PARA UMA ASSISTÊNCIA SELECIONADA ★ CRISTIAN DIOR ESTÊVE PRESENTE, ATRAVÉS DE SUAS CRIAÇÕES ★ 8 MANEQUINS MUITO BONITOS DESFILARAM VESTINDO ROUPAS DESLUMBRANTES ★ PRESENÇA DE HEMINGWAY (SEGUNDO JOSÉ ÁLVARO), E DO SOCIETY

Reportagem de LUIZ SODRE

Fotos de ARNALDO VIEIRA

● Mme. Peliks resolveu continuar a tradição da Casa famosa, e como sempre

assessorada pelo (agora magro) sr. Rego Monteiro, recebeu a imprensa, para a

abertura da estação. Eram 8 os manequins (lindos) a desfilarem. Helga, Vania,



Vania (também muito bonita), apresenta um modelo branco de Guy Laroche.



Vera Barreto Leite Linhares, rebatizada como Judy, desfila com um Jean Dessés cinza



Helga, esgalgada e bonita e Chanel, em preto e branco, muito elegante e bonito.



Outra vez Vania, com um Lanvin Castilho vistoso e com um bonito chapéu preto.

A TEMPORADA DE MODAS



Novamente Vânia, e outra vez com Lanvin Castilho agora para a noite. Deslumbrante é a palavra certa.



Novamente Judy desfilando com um Guy Laroche de baile. Judy parece uma Cinderela dos tempos modernos.



Ilka Soares (bonita como sempre) desfila com um Lanvin Castilho, provocando aplausos.

Rosemarie, Nicole, Ilka, Denize e Cristine. E mais Vera Barreto Leite, agora rebatizada (influência de Carlos Machado?) como Judy.



● Assistência seleta, com alguns personagens mais elegantes do que as próprias desfilantes. Elsie Lessa (muito suspense), Jacira Thomé (como sempre distribuindo toneladas de simpatia), Lillian Batista (os adjetivos ficam para depois que a sua beleza, simpatia, personalidade e elegância não precisam deles), Ilka Labarthe (reaparecendo depois de longa ausência e fazendo mais sucesso do que nunca), Eloísa Helena (aceitando a onda da publicidade e posando como grande

atriz), Yolanda Laet (soberana, altaneira e ao mesmo tempo simples e atável), Maria Inês de Almeida (trocando por instantes a preocupação artística pela elegância), e Danuza Wainer e Stela Marinho (continuando no terreno da beleza e da elegância o duelo "Última Hora" x "O Globo"). Entre os homens Acioy Netto dominando ("O retrato envelhece enquanto o homem se fixa"). Quanto ao desfile propriamente dito, foi muito aplaudido e conseguiu um sucesso bastante razoável. Modelos sobre o curvilíneo, chapéus grandes a Hemingway (a observação é de José Álvaro), muita beleza e sofisticação. Enfim, a Casa Canadá manteve a tradição, deu um início realmente suspense à estação.



Rosemarie passa pela primeira vez com um Christian Dior. Muito aplaudidos o modelo e o manequim.

neira
ável),
r ins-
ele-
Mari-
eza e
x "O
Netto
e en-
to ao
plau-
ite ra-
, cha-
serva-
e so-
nante-
mente



Helga novamente com um "Château" mais bonito da linha. Modas de 1954 na Loda.

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

- ◆ Grande movimentação na imprensa. Pedro Gomes (despedido de «Manchete») foi para o «Jornal do Comércio». Otacílio Lopes trocou a revista «Visão» pelo «Diário de Notícias» e por «Manchete». Araújo Neto (secretário do «Maquis») foi convidado para dirigir o «Mundo» (jornal) com inteira carta branca. Vilasboas deixou o «Diário de Notícias», ia para o «Jornal do Comércio», mas à última hora ficou apenas chefiando a sucursal do «Estado de São Paulo», que se ofereceu para cobrir qualquer prejuízo do jornalista. Carlos de Oliveira deixou «Manchete», foi para a «Cigarra» e está assinando também a (muito boa) seção de cinema do «Jornal do Brasil». José Augusto de Almeida foi convidado para voltar à «Última Hora». O «Diário da Noite» (com nova equipe) também em violentas reformas. Murilo Melo filho, recebeu uma proposta de exclusividade da «Tribuna de Imprensa».
- ◆ O senador Benedito Valadares não demora muito e vai ter uma outra ponta de lança (íntima e familiar) no Gabinete do Presidente da República.
- ◆ A reforma cambial entrou novamente na ordem do dia. Mas pelo menos em 57 ela não será executada. Apesar dos esforços de alguns líderes influentes do comércio, da indústria e da própria política.
- ◆ O inquérito sobre a morte do general Corrêa Lima está sendo prejudicado pelas notórias incompatibilidades existentes entre os srs. Fernando Bastos Ribeiro (delegado) e Sílvio Terra (diretor da Polícia Técnica). Por «pirraça» o delegado deixou de enviar o inquérito à Polícia Técnica apesar das expressas e taxativas determinações legais. O Chefe de Polícia parece não querer interferir na briga de seus subordinados.
- ◆ O deputado Otacílio Negrão de Lima (irmão do prefeito) conversou com o gen. Juarez Távora, sobre a possibilidade da formação de um novo partido, que daria base política e parlamentar ao governo para grandes reformas. Resposta do gen. Juarez: «Há dois ou três meses atrás seria possível. Agora não. Está tudo perdido. Caminhamos para uma ditadura militar.» O deputado saiu correndo e foi ao Catete contar tudo ao Presidente.
- ◆ O tradicional solar da família Catão vai abaixo. Em seu lugar surgirá um grande edifício de apartamentos. Os incorporadores estão pretendendo conseguir (em virtude do terreno ser de esquina) um gabarito mais elevado para a construção. Mas as dificuldades são muitas e parecem irremovíveis.
- ◆ Erlindo Salzano, homem da confiança do sr. Ademar de Barros será o próximo Ministro da Saúde. O sr. Maurício de Medeiros deixará o cargo em consequência de suas ligações com o sr. Arnaldo Cerdeira, não mais «persona grata» do sr. Ademar de Barros.
- ◆ Repórteres e fotógrafos cariocas serão convidados a visitar a França, em missão de camaradagem. Os convidados serão 6. Mas pelo menos 50 já se consideram incluídos na lista.
- ◆ Etelvino, Apolônio e Novais Filho estão intransigentes na disputa do governo de Pernambuco. E para aumentar a confusão, o governador Cordeiro de Farias pretende reformar a Constituição e se re-eleger.
- ◆ Foi apresentado à Câmara um projeto abrindo o crédito de 300 mil cruzeiros para fazer um filme no Ceará sobre a vida do padre Cícero.
- ◆ Benedito entrou eufórico no Senado. E como alguém estranhasse, respondeu: «Juscelino acaba de me chamar de **meu chefe**. Tudo nos une, nada nos separa.»
- ◆ A Sociedade Teatro de Arte, a Embaixada Italiana e a Unitália, estão planejando uma semana do cinema italiano no Rio e em São Paulo, com a presença de «astros» e «estrélas» famosos da Itália.
- ◆ O deputado Wilson Fadul (1º secretário da Câmara, nascido no Estado do Rio, estudante em Minas e eleito por Mato Grosso), foi expulso por mal comportamento de um colégio em Leopoldina. Professor responsável (em parte) pela expulsão do aluno: Carlos Luz.
- ◆ O preço dos cinemas construídos especialmente foi liberado há vários meses. O presidente da COFAP (coronel Mindelo), informa que apesar do tempo decorrido nenhum exibidor se mostrou ainda interessado. Sem comentários.
- ◆ Juscelino confessou a um amigo que tem grande simpatia pelo senador Gilberto Marinho. E acrescentou: Por que é que ele nunca veio ao Catete conversar comigo?
- ◆ A circulação da revista «Maquis» está ameaçada por falta de oficina impressora. A revista era impressa na oficina do «Mundo Ilustrado». Mas violentamente (sem que se saiba o motivo) o contrato foi rescindido pela gráfica. Os srs. Amaral Neto e Araújo Neto diretores de «Maquis», têm corrido todas as impressoras da cidade e a resposta tem sido uma só: não. Mesmo as que têm capacidade gráfica, se apavoram quando sabem que a revista a imprimir é «Maquis».
- ◆ Os generais Denys, Zenóbio, Brainer e Kruel foram (isoladamente) ao sr. Ivo Daquino exigir medidas drásticas contra o sr. Carlos Lacerda. Todos quatro generais têm motivos pessoais para não gostar do líder da UDN. E o gen. Zenóbio, além do mais, pretende cair nas boas graças do governo pois só assim será salvo da compulsória.
- ◆ Este cavalheiro de terno branco é hoje um dos políticos mais conhecidos pelo Brasil a fora. Seu nome: Antônio Horácio. Mas também é conhecido como «o porco que ri» pela sua visível semelhança com a figura chave da propaganda de conhecido tipo de salsicha. É deputado eleito e reeleito. Veio do Ceará. Até a algum tempo atrás inteiramente desconhecido. Chave de sua popularidade: quer prorrogar os mandatos legislativos federais, estaduais e municipais. Diz que tem encontrado receptividade no interior. Mas no plano federal sofre violenta oposição. Dizem mesmo que a aprovação de seu projeto (para nós imoral e absurdo) marcará o início da queda do regime. O sr. Antônio Horácio tem conversado (e cochichado) muito. Cada dia se apresenta mais eufórico e satisfeito. E aos íntimos não esconde que o projeto será aprovado por grande margem. Se as suposições do sr. Antônio Horácio se confirmarem então muita coisa acontecerá neste país. Mas estamos convencidos que em hipótese alguma (mesmo com o projeto aprovado), os mandatos não serão prorrogados.

S

nhasse.
do nos

Unistália,
em São
Itália.

cido no
(so), foi
na. Pro-
Luz.

ado há
informa
u ainda

ria pelo
e nunca

alta de
«Mundo
contrato
Neto di-
ade e a
de grá-
Maquis».

amente)
arlos La-
o gostar
cair nas
pulsória.

ais conhe-
rambém é
ça com a
deputado
teiramente
mandatos
ntrado re-
oposição.
l e absur-
rácio tem
is eufórico
ovado por
confirmarem
cidos que
ndatos não



ÚLTIMO FLASH



BRASIL CONQUISTA NOVAMENTE SEU TÍTULO PREDILETO

★ Mudou o técnico, mudaram os jogadores, mas o título continuou o mesmo. Somos vice-campeões por direito de conquista e dessa posição ninguém nos derrubará. Somos vice em tudo, orgulhosos e penetrados. Temos bem vivo na lembrança o ensinamento do Barão de Cobertin: «O importante não é vencer, é competir». Só, que terrivelmente imaginativos, fizemos uma pequena modificação, e o mandamento olímpico ficou sendo assim: «o importante não é vencer,

é ser vice». Perdemos para a Argentina por 3 a 0, mas temos uma desculpa e uma satisfação: Nilton Santos (foto) não jogou. Se ele tivesse jogado, as coisas teriam corrido de outra maneira. Enfim, somos vice, e desse título a Argentina não poderá nos despojar. Também para que diabo eles quererão ser vices, se são, (sempre e indiscutivelmente) os campeões?

Indo
diz-
Tem
que

**A FIGURA
EM FOCO**



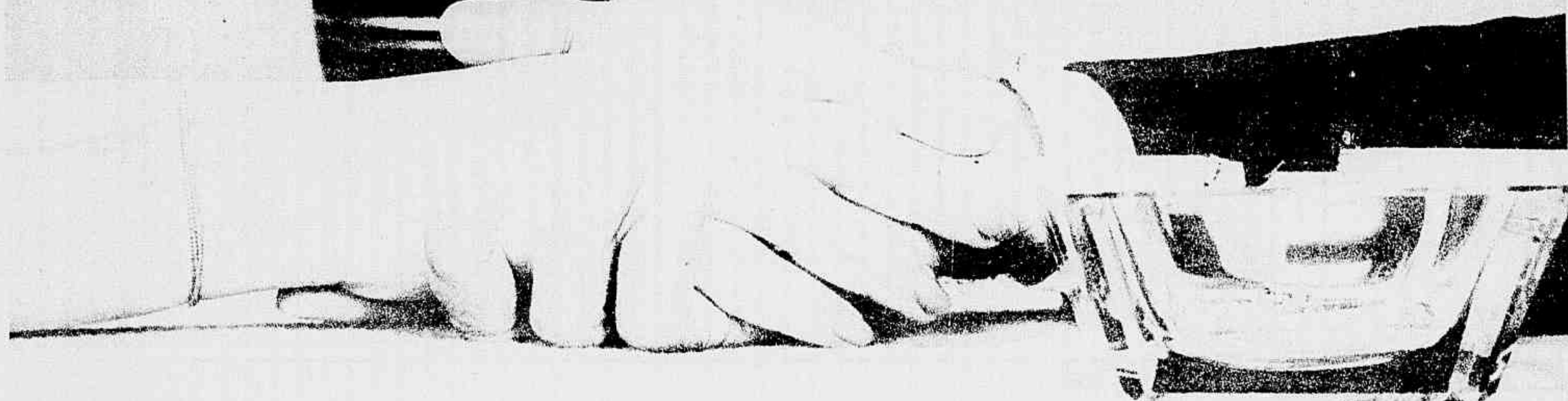
APOLÔNIO SALES

Inda que tão esquisito,
diz-se o Apolônio escultor...
Tem feito muitos bonecos,
quer criar governador!

s uma
Se é ele
Enfim,
pojar.
pre e



ela... ele... e



cigarros

hollywood

uma tradição de bom-gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

